



QUALIDADES URBANAS  
INTERVENÇÃO NO

# PARQUE PRIMAVERA

**Isabela Chaves Parmezan**

Isabela Chaves Parmezan

# QUALIDADES URBANAS

## INTERVENÇÃO NO BAIRRO PARQUE PRIMAVERA

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente – UNESP, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Arquiteto e Urbanista.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Aline Alves Anhesim

Presidente Prudente  
2017

## RESUMO

Tendo-se em vista a preocupação com os atributos dos espaços urbanos independente de sua escala ou grau de desenvolvimento, este trabalho discute como as populações periféricas podem ter sua qualidade de vida aprimorada a partir de múltiplas intervenções, elegendo como objeto de estudo, o Parque Primavera, situado na zona norte de Presidente Prudente. Propõe espaços favoráveis para a interação e diferentes apropriações, através da estruturação dos espaços públicos. Para tanto foram realizados estudos sobre a cidade e a inserção do Parque Primavera na malha urbana. Na escala do bairro analisa suas potencialidades e problemáticas sob a lente de diferentes leituras, relacionando intervenções com a realidade local.

**Palavras-chave:** Qualidades urbanas. Bairro periférico. Presidente Prudente

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, pela saúde e por ter me concedido a graça de chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais, João José e Hellen, e aos meus avós Hailton e Zezé, por tudo que fizeram e fazem por mim, pelo amor, pelo discernimento, e por todas as vezes que mortificaram suas vontades para realização das minhas. Agradeço ao meu irmão Gabriel, pela paciência e companheirismo.

Agradeço ao meu namorado Guilherme Simões, meu companheiro e amigo, que não mede esforços para me ajudar e esteve ao meu lado em todas as alegrias e dificuldades deste trabalho. Agradeço por toda sua paciência, pela compreensão, pelo carinho, e por seu amor.

Agradeço a professora Aline Anhesim, pela orientação ao longo trabalho, pelas horas de dedicação, pelas conversas, pelo incentivo e pelos puxões de orelha.

Enfim, agradeço a todas amigas que marcaram esses anos, em especial a Caroline, e a Patrícia, que tornaram essa graduação mais divertida e os momentos inesquecíveis.

# Sumário

RESUMO .....	3
AGRADECIMENTOS.....	4
INTRODUÇÃO.....	6
1. A cidade de Presidente Prudente .....	8
1.2. O bairro Parque Primavera.....	11
1.2.1. Antigos aterros sanitários.....	15
1.2.2. Áreas verdes .....	16
1.2.3. Legislação.....	18
2. PERCURSOS TEÓRICOS.....	20
2.1 Experiência urbana e a escala do bairro.....	20
2.2 As qualidades dos espaços urbanos .....	23
2.2.1. Ian Bentley – Entornos vitales .....	23
2.2.2. Jan Gehl – Cidade para pessoas.....	24
2.2.3. Jane Jacobs – A vitalidade dos espaços públicos.....	25
2.2.4. Kevin Lynch – A boa forma da cidade.....	26
2.2.5. Project for Public Spaces .....	27
2.2.6. The Desing Council .....	28
2.2.7. Elementos-chave .....	29
2.2.8 As qualidades do Parque Primavera.....	32
3. APROXIMAÇÕES URBANAS.....	39
3.1. Os moradores e o Parque Primavera .....	39
3.2. Os aspectos morfológicos.....	46
3.3. Análise visual .....	52
3.4. Síntese.....	55
4. REFERÊNCIAS PROJETUAIS.....	57
4.1. Parque Sitiê.....	57
4.2. Eco trilha La delicia .....	59
4.3. Quipus verdes .....	61
4.4. Urbanização do Complexo Cantinho do Céu .....	63
4.5. Estonoesunsolar .....	65
4.6. The Pavement to Parks.....	66
4.7. Síntese das leituras de projeto .....	68
5. O PROJETO .....	69
5.1. Estudos Preliminares e Propostas de intervenção .....	69
5.2. Diretrizes e Detalhamentos .....	75
5.2.1. Entorno .....	75
5.2.2 Bairro Parque Primavera.....	81
5.2.3 Os moradores e o projeto e considerações finais .....	103
Referências Bibliográficas.....	105
Pranchas .....	114

# INTRODUÇÃO

A experiência de vida nas cidades é hoje protagonizada por mais da metade da população mundial, que tem se assomado nas áreas urbanas nas últimas décadas, através de um acelerado processo de urbanização. Este processo tem gerado tanto desafios quanto oportunidades para as cidades, as quais são chamadas a responder de maneira eficiente a diferentes situações. Neste sentido, diversas formas de planejamento urbano foram estabelecidas no mundo todo<sup>1</sup>, visando a configuração de espaços mais qualificados.

A qualidade dos ambientes urbanos com os quais as pessoas se relacionam diariamente produz grande impacto em suas vidas. A prática do desenho urbano de qualidade contribui para a economia local, seu desenvolvimento em consonância com o meio ambiente e é capaz de gerar espaços atrativos para diferentes pessoas. Desta maneira, promove-se o bem-estar social e a interação entre a comunidade local.<sup>2</sup>

Para que a qualidade dos espaços urbanos possa ser observada, suas formas de planejamento e desenho urbano devem colocar em destaque as pessoas. Entretanto o que se tem executado nas cidades é justamente o oposto. O aumento da frota de veículos, as ideologias de planejamento urbano, assim como as forças do mercado atuantes sobre o meio urbano constituem fatores apontados por Gehl (2013) como elementos que influenciam para a baixa destinação de atenção para a escala humana.

Em contrapartida, enquanto o planejamento urbano executado nos últimos anos tem proporcionado limitadas ações com relação à cidade como lugar de encontro, tem-se acrescido o conhecimento e as discussões, acerca da importância do estabelecimento de espaços que favoreçam as pessoas e a vida urbana. É possível observar maiores reivindicações por parte dos habitantes, tendo-se concretizado em diferentes cidades, em especial em países mais desenvolvidos, projetos que devolvem para as pessoas, os espaços urbanos. (GEHL, 2013)

---

<sup>1</sup> Diretrizes Internacionais para Planejamento Urbano e Territorial. Disponível em: < <http://unhabitat.org/books/diretrizes-internacionais-para-planejamento-urbano-e-territorial/>>.

<sup>2</sup> Creating Places for People: an urban design protocol for Australian. Disponível em: <[http://urbandesign.org.au/content/uploads/2015/08/INFRA1219\\_MCU\\_R\\_SQUARE\\_URBAN\\_PROTOCOLS\\_1111\\_WEB\\_FA2.pdf](http://urbandesign.org.au/content/uploads/2015/08/INFRA1219_MCU_R_SQUARE_URBAN_PROTOCOLS_1111_WEB_FA2.pdf)>.

Entretanto, a preocupação com a qualidade dos espaços públicos não é exclusiva dos países desenvolvidos. Grupos como Project for Public Spaces (PPS), ao tratar da reformulação destes espaços através do Placemaking – ação que incentiva as pessoas a reinventarem os espaços públicos de maneira colaborativa – oferece subsídio para as comunidades realizarem intervenções em pequenas escalas, permitindo que qualquer população seja capaz de potencializar sua vivência nas cidades.

Bentley et al. (1999), ao estabelecerem diferentes elementos a serem observados no desenho urbano, também formulam bases para a criação de espaços urbanos mais coesos, e que fornecem mais possibilidades de escolha para seus usuários. Desta maneira, cria-se espaços com maior receptividade e vitalidade.

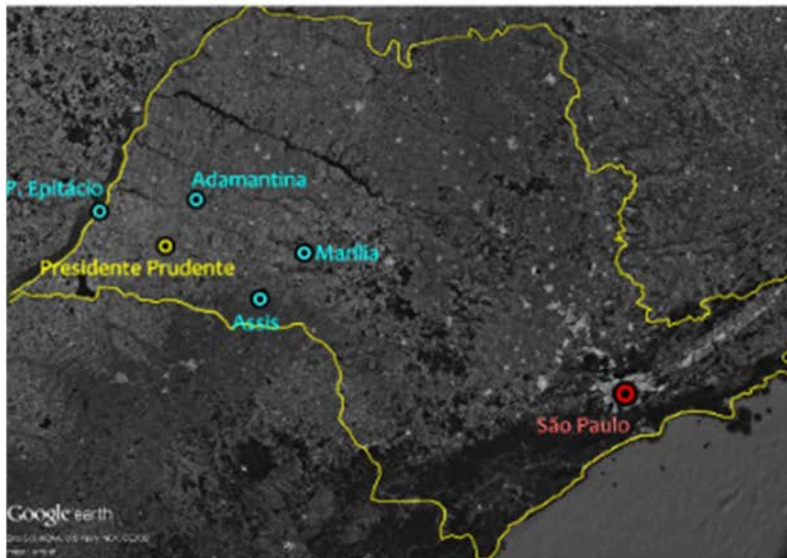
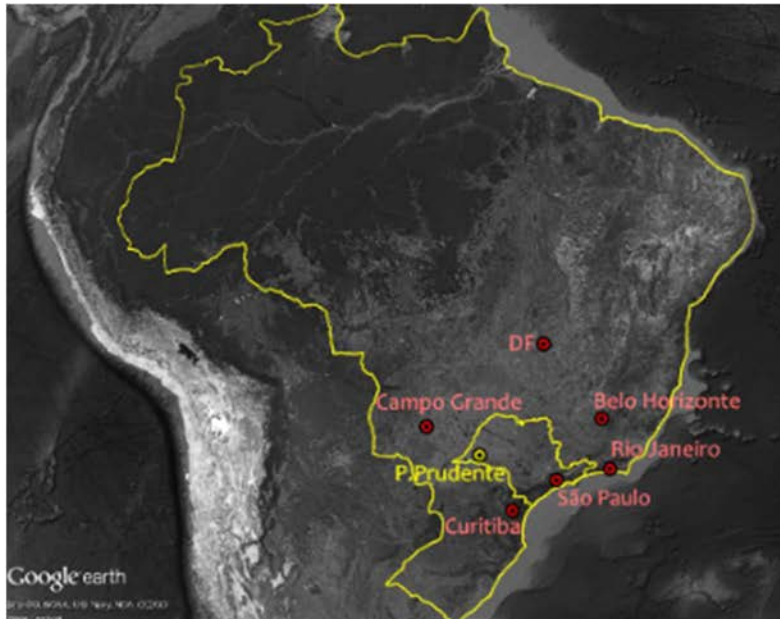
Neste sentido, este trabalho vem relacionar as preocupações com a qualidade urbana à escala do bairro, buscando propor o melhoramento da vida cotidiana de um bairro periférico da cidade de Presidente Prudente, o Parque Primavera.

A proposta para o bairro busca alterar a partir de múltiplas intervenções, suas condições estabelecidas até o momento. Para tanto, as particularidades do Parque Primavera são colocadas em evidência juntamente com suas características consideradas positivas

por seus moradores, tendo-as como base para a elaboração de propostas. Com isto, este trabalho pretende também apresentar a importância de se conhecer o local de estudo, para que estas intervenções não se tornem superficiais e ineficientes.

A partir de diferentes leituras teóricas, projetuais e sobre o bairro escolhido, este trabalho propõe múltiplas intervenções de modo a favorecer a vivência no âmbito cotidiano, oferecendo-lhes mais qualidades, e melhor relação com o entorno e com as áreas verdes.

Neste sentido, as intervenções incidem sobre o vazio urbano que envolve o Parque Primavera, criando possibilidades de conexão com a malha urbana; sobre as áreas públicas, propondo equipamentos e novos espaços públicos; sobre as ruas, propondo novas configurações e traçados; e sobre os terrenos vazios, apresentando legislações aplicáveis e usos temporários.



## 1. A cidade de Presidente Prudente

Presidente Prudente está localizada no oeste do estado de São Paulo, e corresponde a uma área de 562,107 km<sup>2</sup><sup>3</sup> (Figura 1). Sua população foi estimada em 223.749 habitantes, no ano de 2016, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>4</sup>. Devido ao seu destaque com relação as demais cidades da região, Presidente Prudente é considerada a “Capital do Oeste Paulista”.<sup>5</sup>

O Oeste Paulista foi desbravado pela população oriunda de Minas Gerais no século XIX, quando a exploração do ouro e pedras preciosas entrou em decadência. No mesmo período, observou-se também o avanço do plantio do café, em razão do incentivo gerado pelo mercado internacional e ao uso intensivo do solo no Vale do Paraíba (ABREU, 1972).

Presidente Prudente teve sua origem relacionada com a chegada da Estrada de Ferro Sorocabana. Caracterizado como uma parte importante da infraestrutura da economia cafeeira, a estrada de

**Figura 1** – Localização de Presidente Prudente

**Fonte:** Desenhado pela autora, sobre Google Earth (2016).

<sup>3</sup> A Cidade. Disponível em: <<http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/acidade.xhtml>>.

<sup>4</sup> IBGE Cidades. Presidente Prudente. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=354140>>.

<sup>5</sup> *Idem* 3

ferro veio oferecer a comunicação acessível aos grandes centros e facilitar o povoamento da região (ABREU, 1972).

A cidade estabeleceu-se também a partir da criação de dois núcleos urbanos, formados para a comercialização das terras pertencentes ao Coronel Francisco de Paula Goulart e ao Coronel José Soares Marcondes, “responsáveis pela fundação e sistemática colonização, respectivamente” (ABREU, 1972). Tal fato demonstra a influência dos coronéis na produção do espaço, além de favorecerem o fortalecimento da economia e a estabilidade da região (ARAKAKI, 2010).

A atuação de seus fundadores durante a comercialização das terras aliada a topografia mais suave e a própria implantação da estação ferroviária proporcionaram maior crescimento urbano no sentido oeste (SPÓSITO, 1983). Desta maneira, esta primeira ocupação refletiu na forma de expansão territorial que a cidade assumiu, sendo direcionada pela linha férrea, e dividida em duas partes.

Na década de 1970, o município prudentino apresentou significativa expansão territorial, em que se continuou a expansão na região oeste, com implantação e prolongamento de loteamentos, assim como na região sul, onde se rompeu o limite configurado pela

rodovia Raposo Tavares (SP 270). A região norte também recebeu novos loteamentos, os quais foram implantados em descontinuidade com o tecido urbano, deixando grandes áreas sem melhorias (SPÓSITO, 1983).

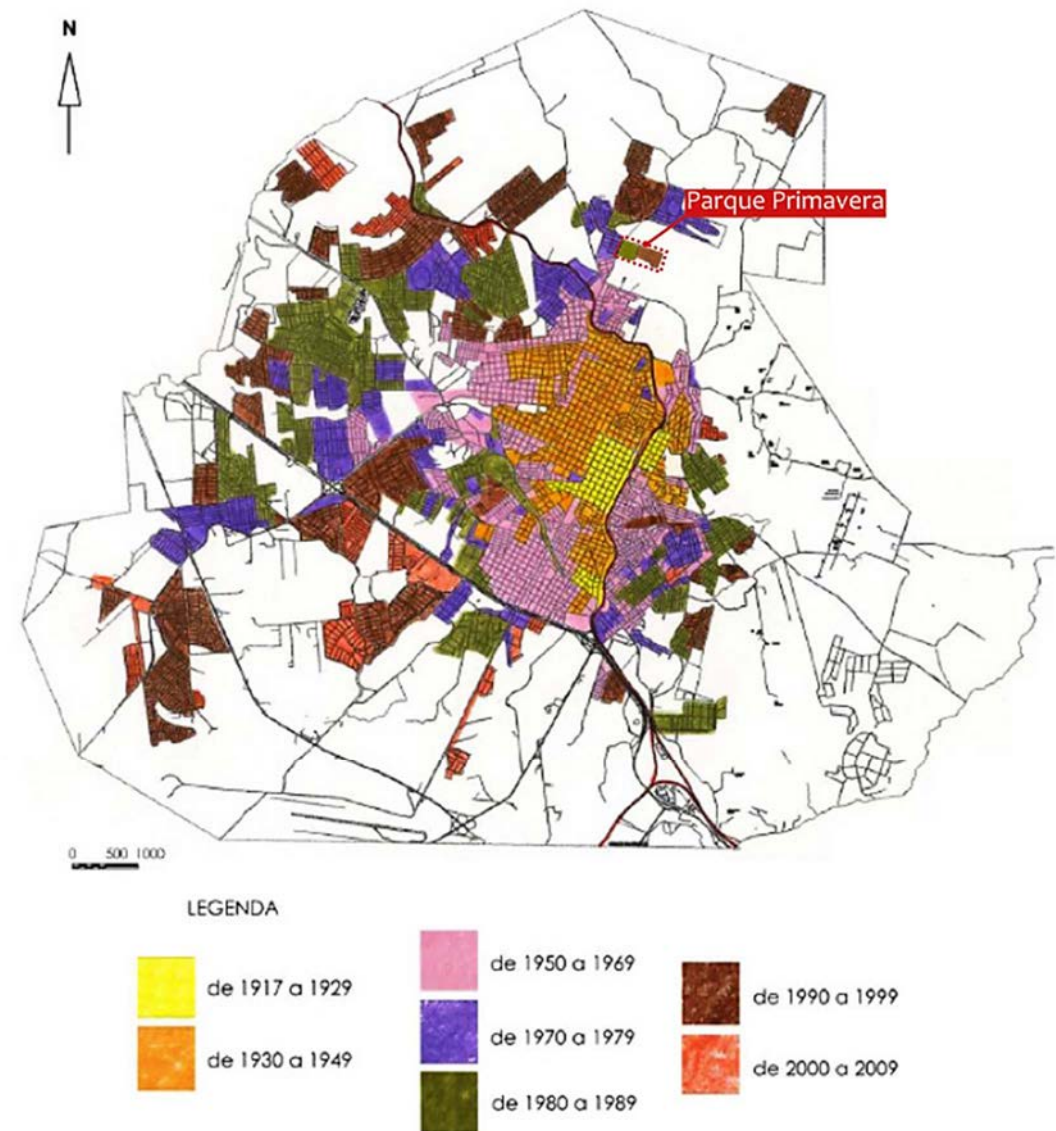
Spósito (1983) e Melazzo (1993) indicam que a expansão territorial de Presidente Prudente não teve relação com o aumento da população local. Ao apresentar a interferência do mercado fundiário na estruturação do espaço, Melazzo (1993) afirma que esta expansão foi maior que o crescimento da população urbana e o número de imóveis edificadas. Neste sentido, Silva (2005) clarifica o condicionamento do mercado de terras aos incorporadores imobiliários, tendo-se um agravamento da questão habitacional na cidade.

Neste contexto tem-se a construção de conjuntos habitacionais a partir da intervenção do Estado, em que se buscava amenizar o problema habitacional e conter a pressão social. Estes conjuntos foram implantados em áreas periféricas, sob a justificativa de que os terrenos apresentavam preços menores (SILVA, 2005).

Por conseguinte, a estruturação interna da cidade tornou-se marcada pela segregação espacial. Segundo Miño (1999), a população de baixa renda ficou concentrada nas regiões norte, leste e

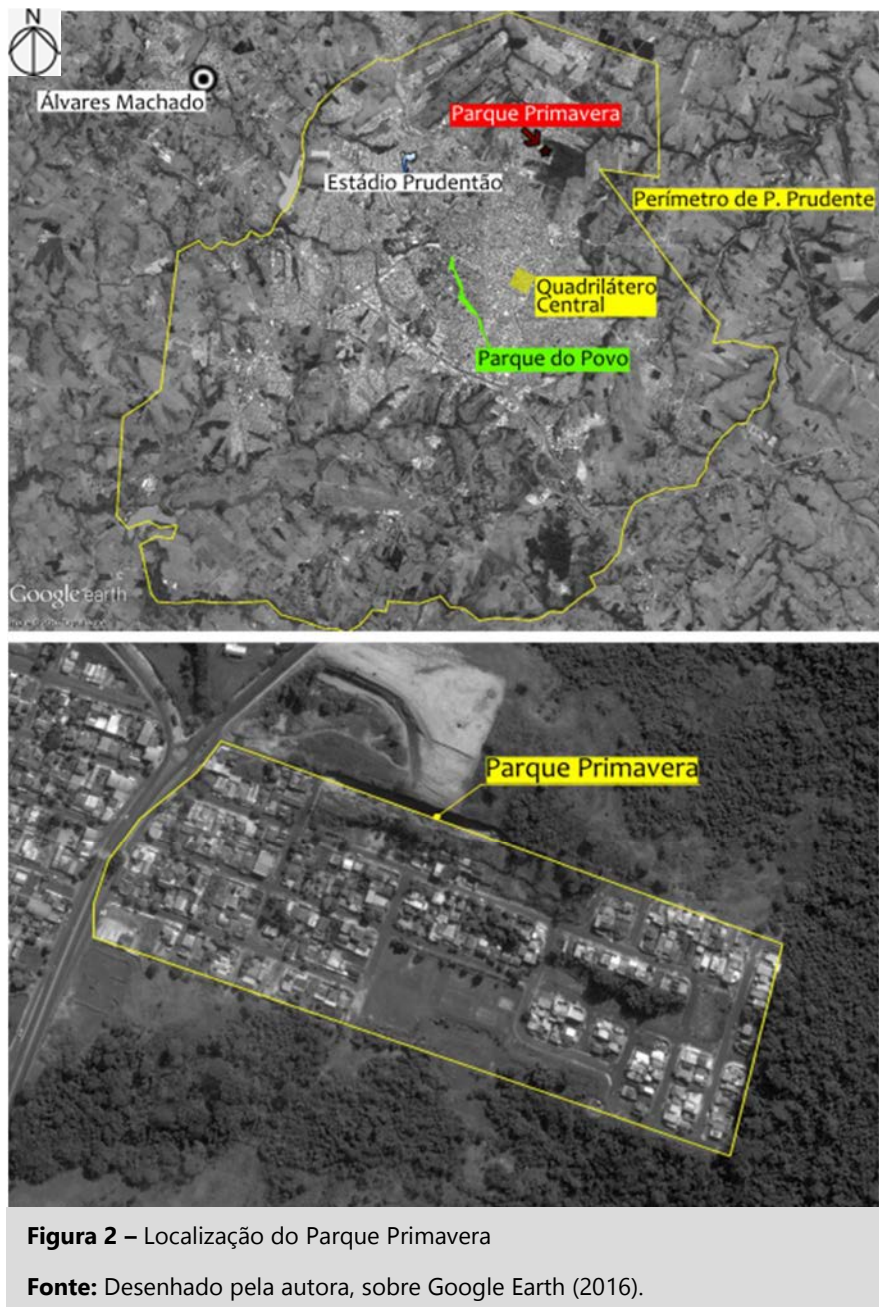
oeste, enquanto a região sul abrigou classes mais ricas. Apenas na área central, onde se encontra diversidade de usos, tem-se também maior variedade socioeconômica.

A evolução da implantação dos diferentes conjuntos habitacionais é abordada por Silva (2005), que apresenta a construção das moradias nas diversas zonas da cidade, a partir de diferentes recursos e programas. A Mapa 1 elaborada por Honda (2001), ilustra essa evolução e expansão territorial. Dentre estes bairros formados nas periferias, encontra-se o Parque Primavera, localizado na zona norte de Presidente Prudente e escolhido como objeto de estudo.



**Mapa 1** – Mapa de expansão territorial de Presidente Prudente.

**Fonte:** Honda, 2001, alterada pela autora.



**Figura 2** – Localização do Parque Primavera

**Fonte:** Desenhado pela autora, sobre Google Earth (2016).

## 1.2. O bairro Parque Primavera

O bairro Parque Primavera está localizado na zona norte de Presidente Prudente (Figura 2), cuja região, segundo Souza (1999), tem-se estabelecido como novo eixo do crescimento da malha urbana nos últimos dez anos. Segundo o mapeamento das áreas de inclusão e exclusão de Presidente Prudente (Mapa 2) realizado por Camacho (2013), os bairros da zona norte são classificados segundo indicadores de alta e média exclusão social, em que o Parque Primavera corresponde à média exclusão social.

A implantação do bairro de estudo ocorreu em duas etapas. A primeira foi resultado de um loteamento aprovado em dezembro de 1985, com nove quadras e 146 lotes<sup>6</sup>, cujos lotes foram comercializados, segundo os moradores. A segunda parte surgiu, de acordo com a Lei N° 4.459/97, a partir da realização de um loteamento municipal, em que foi autorizada a alienação de lotes urbanizados, com doação por encargos pela Prefeitura Municipal, cujo loteamento obteve aprovação em outubro de 1996, e contava com 13 quadras e 147 lotes. Entretanto, nesta nova área optou-se por outro projeto de

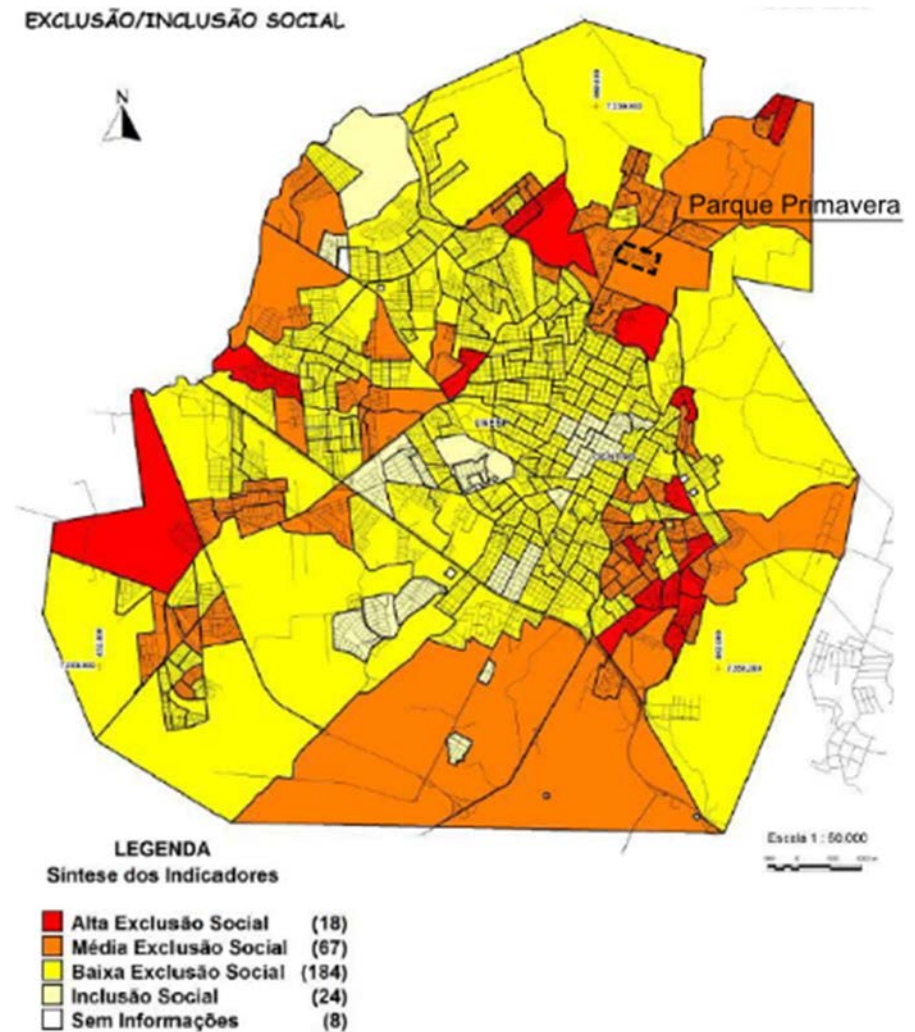
<sup>6</sup> Mapas e Informações Geográficas. Parque Primavera (dwg). Disponível em: < [http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/central\\_mapas.xhtml](http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/central_mapas.xhtml) >.

loteamento, com 12 quadras e 127 lotes, segundo informações obtidas junto a Prefeitura Municipal.

Esta diferença de ocupação, explicada anteriormente, é facilmente observada a partir das imagens de satélites obtidas através do Google Earth, em que se visualiza as diferenças de consolidação entre as duas partes do bairro (Figura 3).

O Parque Primavera caracteriza-se pelo predomínio do uso residencial, pela descontinuidade com a malha urbana de sua implantação e pelo seu entorno, marcado pela presença de APPs e da Mata do Furquim. Com relação aos usos institucionais atribuídos no bairro, destaca-se que apesar de parte da área de lazer ser composta por uma área institucional, na realidade tem-se somente equipamentos de lazer instalados. Por este motivo, nos demais esquemas, a área será considerada apenas como área de lazer (Figura 4).

Dentro dos limites do bairro não são encontrados equipamentos públicos, como escolas, creches ou posto de saúde, mas é possível encontrá-los em outros bairros da zona norte (Figura 5). Por se tratar de uma área periférica, as distâncias entre o local de estudo, e pontos importantes da cidade são significativas, o que gera uma percepção de isolamento (Figura 6).



**Mapa 2** – Mapa de exclusão/inclusão social

**Fonte:** Camacho, 2013.



**Figura 3** – Imagens históricas de 2003 a 2016, Parque Primavera

**Fonte:** Google Earth, 2016.



**Figura 4** – Caracterização das áreas, Parque Primavera

**Fonte:** Desenhado pela autora, sobre Google Maps, 2016, segundo informações da Prefeitura Municipal.

**Figura 5** – Localização de equipamentos públicos próximos ao Parque Primavera

**Fonte:** Desenhado pela autora, sobre Google Earth, 2016.



**Figura 6** – Localização de equipamentos públicos na cidade em relação ao Parque Primavera

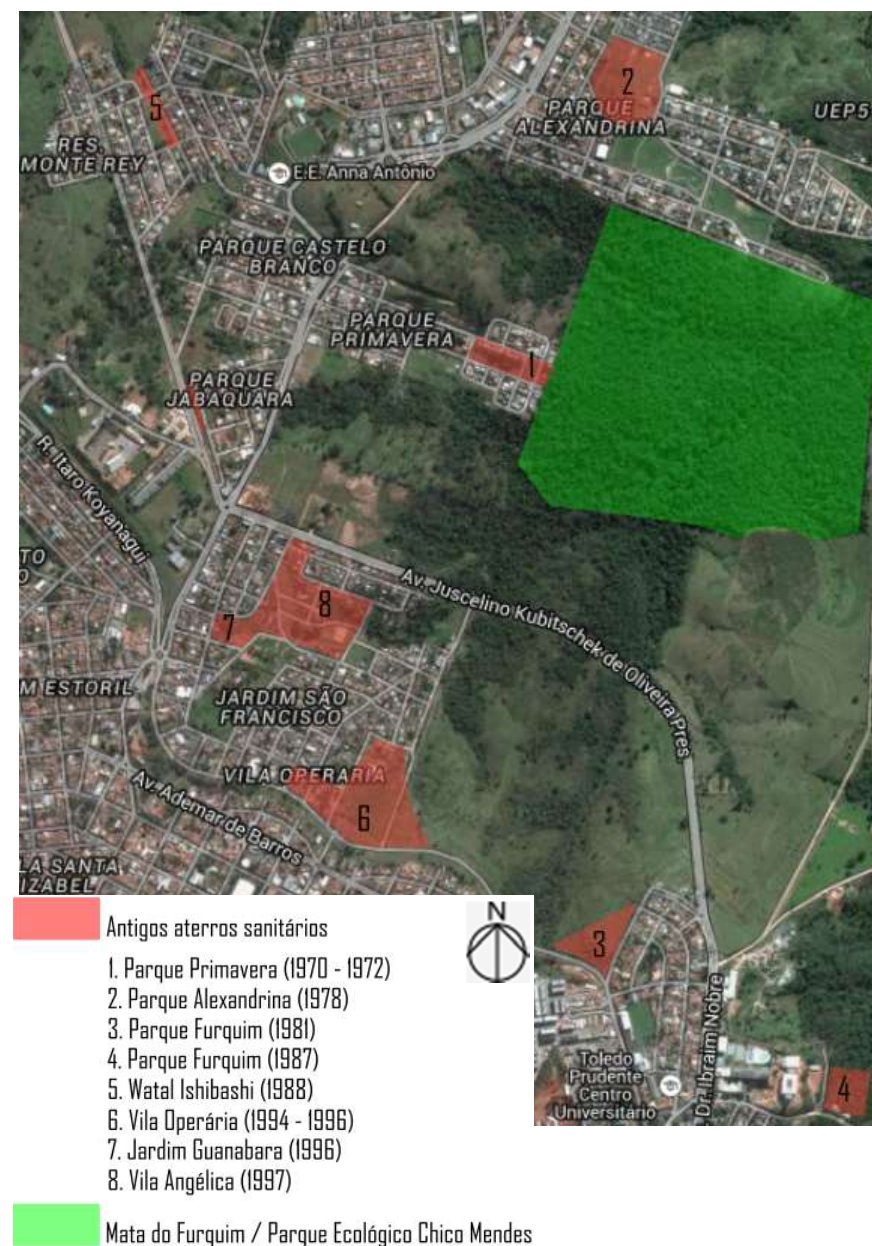
**Fonte:** Desenhado pela autora, sobre Google Earth, 2016.

### 1.2.1. Antigos aterros sanitários

Mazzini (1997) realizou um estudo sobre a deposição do lixo em Presidente Prudente, em que destacou a utilização destes resíduos para o aterramento de fundos de vale. Tratando-se de um município com topografia acidentada, entende-se que diversas áreas foram utilizadas para este fim. Tem-se também que o método utilizado para o descarte do lixo contribuiu para a escolha de vários locais para deposição.

No caso de Presidente Prudente a deposição consistiu em aterro controlado, no qual a ausência de estudo prévio do solo, de impermeabilização da base, de tratamento do chorume e da dispersão de gases gera além da contaminação do solo, a proliferação de doença e incômodo aos moradores. Estes aterros têm vida útil de cinco anos, o que aumenta as áreas degradadas na cidade (MAZZINI, 1997).

Mazzini (1997) torna claro que as áreas utilizadas como aterro dentro de Presidente Prudente encontram-se em sua maioria na zona norte e na zona leste. Tal fato pode ser relacionado à topografia destas duas regiões, que se caracteriza por ser mais acidentada, e ao fundamento utilizado para a escolha dos locais, o de



**Figura 7** – Localização de antigos aterros sanitários na zona norte e leste de Presidente Prudente

**Fonte:** Desenhado pela autora, sobre Google Maps, 2016, baseado em Mazzini (1997).

“tapa buraco”. Foram utilizados terrenos da prefeitura que, em sua maioria, constituíam fundos de vale. O Parque Primavera, assim como os bairros Parque Alexandrina, Vila Angélica, Watal Ishibashi, Jardim Guanabara, Parque Jabaquara, Vila Operária e Parque Furquim, localizados próximos, teve parte de sua área utilizada como depósito de lixo, entre os anos de 1970 e 1972. Este local correspondia a grande erosão, no qual o aterro se estendeu até as margens da Mata do Furquim.

Após o encerramento das atividades, foi colocada uma camada de terra sobre o aterro, e construído um campo de futebol (MAZZINI, 1997). Entretanto, pelo mapa realizado pela autora, nota-se que a região em que hoje está locado a segunda parte do bairro, refere-se a parte ocupada pelo antigo aterro (Figura 7).

### 1.2.2. Áreas verdes

As áreas verdes correspondem as APPs formadas pela Mata do Furquim e pelos afluentes do córrego da Cascata, os quais restringem a ocupação dos vazios do entorno do bairro, devido as limitações de construção nas áreas.

Segundo os estudos de Stoqui e Vilela (2015), é possível notar que a vegetação existente nas APPs não sofreu grandes desmatamentos, entretanto um dos afluentes encontra-se praticamente seco. Ambos estão ladeados pelo tecido urbano, o que caracteriza o avanço da cidade sobre estas regiões. Segundo a Prefeitura Municipal, as áreas onde se encontram as APPs são de propriedade particular ou desconhecidas o que as torna mais suscetíveis a interferências negativas (Figura 8).

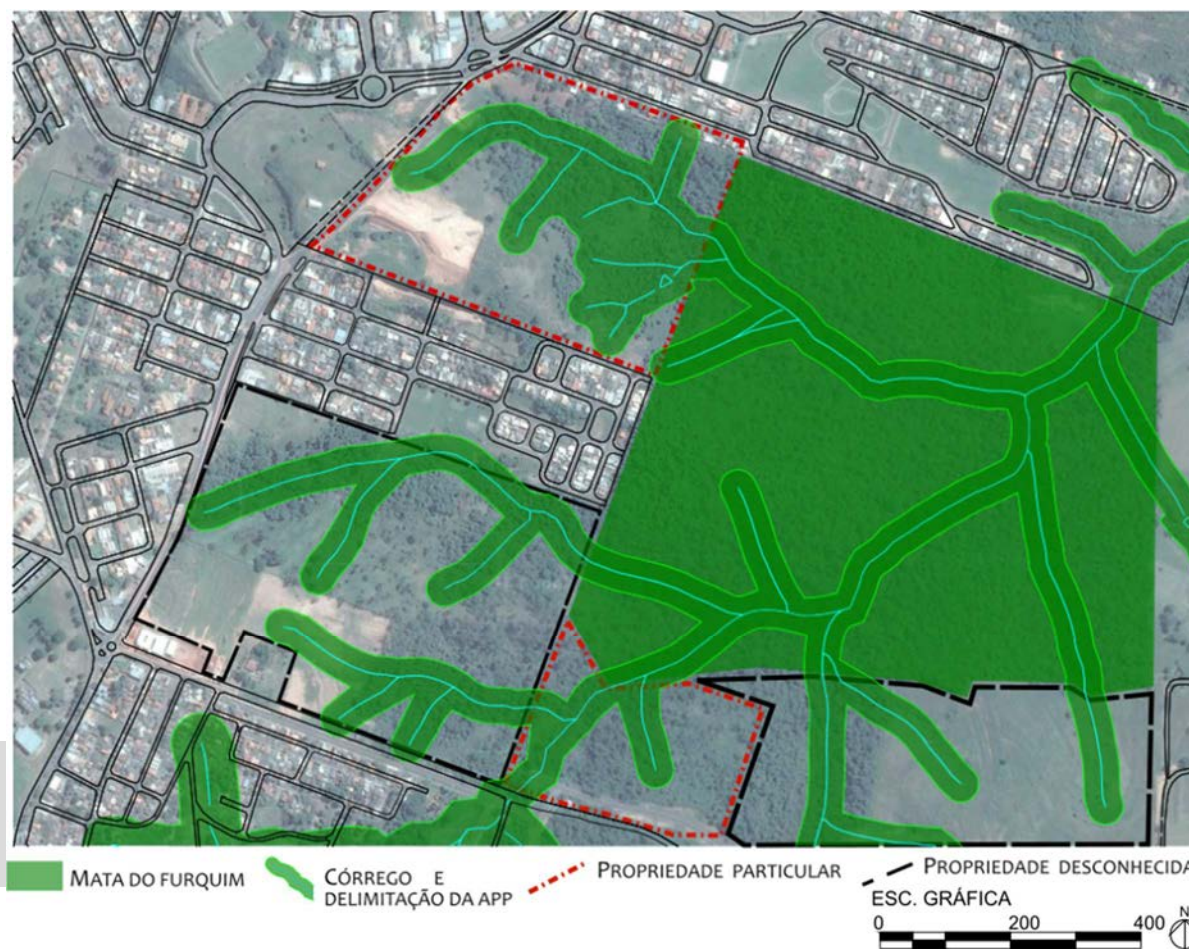
Com relação a Mata do Furquim, tem-se que segundo o decreto municipal 6.504/88, a área da mata foi declarada de utilidade pública para a criação de um parque ecológico e de recreação, além de sua preservação, referindo-se a uma região com 668.000,00 m<sup>2</sup>. Posteriormente, o decreto 6.860/88 atribuiu a denominação de Parque Ecológico Chico Mendes à Mata do Furquim. Entretanto, segundo Vieira et al. (2015), o parque não apresenta nenhuma infraestrutura de pesquisa ou lazer e vem sofrendo com o avanço da cidade.

Ainda de acordo com os autores, a Mata do Furquim está localizada na Microbacia da Cascata, pertencente a sub-bacia do Ribeirão Mandaguari e sua vegetação pode ser caracterizada como uma vegetação secundária de Floresta Estacional Semidecídua, correspondendo a uma unidade remanescente da Mata Atlântica. Uma

parte de sua vegetação é oriunda de reflorestamento devido a existência do antigo aterro sanitário, e que ainda hoje gera impactos no solo, no curso d'água e na Mata em consequência do transporte de resíduos.

Vieira et al. (2015) referem-se também aos esforços necessários para que se execute uma recuperação e preservação da

Mata do Furquim e para que se observe uma conscientização das populações do entorno sobre a importância de se ter cuidados com esta vegetação. Neste sentido, este trabalho tem, entre outros objetivos, contribuir para o estabelecimento de uma relação entre a Mata do Furquim e seu entorno, com destaque para o Parque



Primavera, para que seja possível converter as áreas verdes em favor dos moradores locais.

### 1.2.3. Legislação

Foram verificadas junto ao Plano Diretor Municipal as especificações sobre a área de estudo, bem como as legislações ambientais sobre o entorno (Figura 9). Para tanto utilizou-se como base a Lei Nº 151/2008, a Lei Nº 153/2008, e a Lei Nº 155/2008, as quais foram consultadas após as revisões realizadas em 2016.

A partir da Lei de Zoneamento e Uso e Ocupação do Solo (Lei Nº 153/2008) foi possível identificar que o Parque Primavera corresponde a “ZR4 – Zona Residencial de Média Densidade Populacional, de interesse social e de ocupação horizontal e vertical de até 02 (dois) pavimentos”. Toda a extensão da região norte da cidade também se caracteriza por esta classificação, diferenciando-se apenas em alguns pontos, em que se verifica a “ZE – Zonas Especiais” (referentes à zona especial de clubes recreativos) e a “ZI1 – Zonas de Indústrias não Poluentes”.

No perímetro do bairro de estudo, são indicados dois zoneamentos referentes as áreas de comércio em duas ruas

determinadas. São estas a Avenida Alvino Gomes Teixeira, na qual é indicado a “ZCS2 - Zona de Comércio e Serviço de Eixos Viários, de ocupação vertical” e a rua João Barrios, onde é indicado a “ZCS3 - Zona de Comércio e Serviço de Vias Principais e Secundarias de bairro e região”.

Com relação as áreas verdes, a lei de zoneamento classifica tanto as APPs quanto a Mata do Furquim como “ZPPA – Zona de Preservação e Proteção Ambiental”, em que é determinando como limite mínimo a distância de 30 metros do leito do Córrego da Cascata, e seus afluentes. Em específico sobre a Mata do Furquim, no Plano Diretor (Lei Nº 151/2008), na seção sobre a Política Ambiental, é apresentada a diretriz de recuperação e revitalização desta região.

Com referência a Lei do Sistema Viário Básico (Lei 155/2008), é importante notar a indicação de uma via coletora ao final do bairro Parque Primavera, que conectaria o local com uma via estrutural do Parque Alexandrina, e com a avenida perimetral Juscelino Kubitschek de Oliveira, gerando assim novos acessos ao bairro, os quais ainda não são existentes. Atualmente a única ligação entre o Parque Primavera e o restante da cidade é realizada pela avenida estrutural Alvino Gomes Teixeira.



- ZR4 – Zona Residencial de Média Densidade Populacional de Interesse Social, e ocupação horizontal e vertical de até 02 pavimentos;
- ZCS2 – Zona de Comércio e Serviço de Eixos Viários, de ocupação vertical;
- ZCS3 – Zona de Comércio e Serviço de Vias Principais e Secundárias de bairro e região;
- ZI1 – Zona de Indústrias Não Poluítivas;
- ZPPA – Zona de Preservação e Proteção Ambiental.

ZE – Zona Especial

- 3) – zona especial de ensino e pesquisa;
- 7) – zona especial esportiva;
- 8) – zona especial de clubes recreativos;
- 12) – zona especial de recreação e lazer.

**Figura 9** – Zoneamento e sistema viário

Fonte: Site Prefeitura Municipal de Presidente Prudente

## 2. PERCURSOS TEÓRICOS

### 2.1 Experiência urbana e a escala do bairro

Segundo Mongin (2009), as cidades de Bilbao, Praga, São Petersburgo, assim como o redesenho das paisagens urbanas no parque Sausset, em Paris, e o planejamento urbano realizado em Nantes, dentre outros exemplos, demonstram como a preocupação com o urbano tem se destacado após anos de esquecimento.

Entretanto o autor adverte sobre o fato de que a cidade tem concedido espaço para a dinâmica metropolitana, e a hierarquização dos espaços. A metropolização tem se estabelecido como um elemento que fragmenta e dispersa, em que, juntamente com o avanço tecnológico, tem modificado os territórios (MONGIN, 2009).

Observa-se um sobrepujo dos fluxos sobre os lugares. Esta modificação tem transformado os espaços urbanos antes estabelecidos como limitados, que ofereciam práticas limitadas para as pessoas, em espaços ilimitados, com práticas fragmentadas (MONGIN, 2009).

A cidade, entretanto, não se restringe a uma experiência territorial, baseada na configuração dos espaços. A cidade se materializa por meio da combinação entre o imaginário e o construído, onde se fazem presentes as relações interpessoais. Neste sentido, para se retomar estas relações, é necessário recuperar os lugares, para que não sejam encerrados em si mesmos (MONGIN, 2009).

Sob esta perspectiva, a experiência urbana caracteriza-se pela experiência física e a experiência da vida pública. Tem-se um espaço singular, onde esta experiência se apresenta em vários níveis, e o público e o privado são associados e não separados (MONGIN, 2009).

Tendo-se em vista a atual dinâmica das cidades, para se recuperar os espaços torna-se preciso criar novas ações. Diante da fragmentação, o nível local oferece sua capacidade de reconstituir lugares, dando espaço a uma “globalização por baixo” (MONGIN, 2009).

Esta “globalização por baixo” não se refere a práticas enganosas como respostas à debilidade da ação global. Olhar para a escala local sugere reatar com a experiência urbana (MONGIN, 2009). E para a execução deste trabalho, a escala local escolhida para atuação foi a escala do bairro. Para um melhor entendimento sobre o bairro, buscou-se em diferentes autores sua definição.

Souza (2013) indica que a ideia de bairro se relaciona com a associação inteligente entre diferentes fatores. Para tratar do tema, o autor apresenta três “conteúdos” que funcionam como referências para identificar as características dos bairros. São eles:

- O “conteúdo composicional”, que se relaciona com aspectos objetivos, referentes a composição de classe, e à morfologia espacial.
- O “conteúdo interacional”, que se refere a integração entre os indivíduos e grupos, auxiliando na percepção de algum tipo de centralidade.
- O “conteúdo simbólico”, que se conecta com a imagem do espaço, que se constrói como um local percebido e vivido, não como um recorte, como um bairro.

Souza (2013) afirma que o velho bairro tradicional sofreu alterações em seu “conteúdo composicional” e ainda apresenta um “conteúdo simbólico” identificável. Contudo, em uma realidade urbana onde vizinhos mantem pouco contato e os espaços públicos são de pouca expressão, o “conteúdo interacional” claramente sofreu grandes alterações. O “conteúdo composicional” e “conteúdo simbólico” do Parque Primavera são melhor explorados na seção 3. Aproximações urbanas, porém, é possível adiantar que os elementos

morfológicos mais marcantes no bairro são a vegetação e a topografia, assim como sua imagem remete à imagem de bairro ainda em consolidação.

Com relação ao “conteúdo interacional”, o Parque Primavera apresenta uma realidade distinta daquela apontada por Souza (2013). Por se tratar de um bairro periférico, descontínuo à malha urbana, observa-se uma maior relação entre os moradores, em que pessoas externas ao local são facilmente identificadas. O uso do espaço público, referente a área de lazer, é também bastante significativo.

Dover e King (2013) colocam o bairro como “unidade básica do planejamento urbano”, e condicionam o dinamismo do meio urbano à construção de bairros coesos. Os autores também adjetivam o bairro como tradicional, e insistem em sua definição para indicar locais que atendem a diversas necessidades dos moradores, contendo além de moradia, local de trabalho, comércio, serviços institucionais, entre outros. Neste sentido, mesmo que a cidade aumente em dimensão, o conceito de bairro permanece o mesmo.

Ao tratarem da escala do bairro, Dover e King. (2013) apresentam cinco parâmetros baseados no desenho urbano, que concedem um caráter comum aos grandes bairros, os quais são: centro

identificável e limite do bairro; o tamanho ideal para o pedestre; a composição de usos do solo e tipos de habitação com oportunidades para comércio e locais de trabalhos próximos das moradias; e rede integrada de vias orientadas para o pedestre.

Wall e Waterman (2012) destacam o fato de que os bairros estabelecem em seus entornos determinado contexto, assim como atribuem às suas singularidades, identificadas nas ruas e quadras, a variedade das cidades. Neste sentido, este elemento torna-se essencial para o êxito dos projetos urbanos, em que a relação de vizinhança é um elemento a ser trabalhado na cidade como um todo.

Como a influência sofrida pelo contexto dos bairros não se limita as suas formas construídas ou aos seus espaços internos, segundo os autores, a diversidade destes locais está assentada em seus moradores, costumes e tradições, como o bairro argentino San Telmo, caracterizado tanto por sua arquitetura colonial, quanto pela dança de tango e seus profissionais.

Por fim, Jacobs (2000), menciona o sucesso dos bairros de acordo como respondem aos seus problemas, em que os bairros considerados bem-sucedidos não se deixam sobrecarregar por suas deficiências e os malsucedidos já não apresentam mais reação aos seus problemas. A autora olha para estes espaços excluindo qualquer ideia

que possa coloca-los como autossuficientes, e os trata como entes autogovernados.

Jacobs (2000) classifica as formas de bairro favoráveis à autogestão diferenciando-os em cidade como um todo, ruas e distritos, e coloca como objetivo para o alcance de bairros efetivos a potencialização de ruas movimentadas e atrativas; a execução de uma malha viária fortemente contínua e abrangente por todo o distrito; a construção de prédios públicos, praças e parques conectado às ruas, permitindo-se acentuar a variedade dos usos destes locais; e o destaque da identidade de áreas extensas para que tenham a função de distrito.

Para um melhor entendimento da escala local, faz-se necessário olhar além das características físicas. O bairro é composto por seus moradores, que por sua vez concedem vida à cidade. Neste sentido, a “globalização por baixo” deve partir da preocupação com a qualidade que os espaços urbanos oferecem para seus usuários.

Sob esta perspectiva, este trabalho buscou identificar formas de atuar no espaço urbano para que ele apresente qualidades que atraiam as pessoas, e proporcionem seu bem-estar. A próxima sessão apresenta como diferentes autores abordam o tema e como é possível relaciona-los e aplicá-los na área de estudo.

## 2.2 As qualidades dos espaços urbanos

Muitas vezes, os projetos de espaços públicos e o traçado do desenho urbano não consideram as reais necessidades de seus usuários, tampouco as formas como atende-las (Carr et al., 2007). Entretanto as pessoas são os principais elementos que devem ser considerados durante a construção das cidades.

Diferentes autores tratam da configuração dos espaços públicos e suas formas de organização, tendo como preocupação principal a criação de espaços voltados para as pessoas. Dentre eles foram escolhidos Bentley et al. (1999), Gehl (2013), Jacobs (2000), Lynch (2007) e os grupos Project for Public Space Urban, e Design Council Cabe como base para este trabalho.

A partir de um cruzamento entre os materiais utilizados, e a identificação das definições realizadas por cada autor, apontou-se quais termos podem ser associados, formulando-se assim o Quadro 1 de elementos-chave. Estes termos serão aplicados posteriormente no Parque Primavera, como forma de leitura.

### 2.2.1. Ian Bentley – Entornos vitales

Segundo Bentley et al. (1999) o entorno construído de uma dada região deve ser estruturado de maneira democrática para que o usuário tenha mais possibilidades de escolha no espaço. Para que se alcance o chamado entornos vitais é necessário que se observe sete conceitos fundamentais no desenho urbano, uma vez que ao serem trabalhados adequadamente são capazes de proporcionar vitalidade e receptividade aos locais. Segundo os autores:

1. A permeabilidade refere-se à acessibilidade que o local oferece as pessoas, tendo em vista o número de rotas que o entorno oferece para o deslocamento local.
2. A variedade tem relação com a multiplicidade que se pode verificar no espaço, especialmente de uso. Este conceito complementa o anterior, uma vez que locais acessíveis, porém sem diversidade de experiência, tornam-se sem importância.
3. A legibilidade compreende a facilidade com que a estrutura local pode ser entendida, o que afeta a quantidade de opções que um local pode oferecer.

4. A versatilidade corresponde a capacidade que os espaços podem ter de abrigar diferentes atividades, proporcionando assim maiores possibilidades de uso, por diferentes pessoas.
5. A imagem visual apropriada é um conceito que passa a considerar a interpretação das pessoas. Busca-se um significado, o qual auxiliam na percepção das escolhas que o local oferece segundo as qualidades anteriormente comentadas.
6. A riqueza perceptiva concerne ao acréscimo de experiências sensoriais que podem ser proporcionadas no espaço, através da atribuição de detalhes ao projeto em determinadas áreas e escalas.
7. A personalização dos espaços por parte de seus usuários é muito importante, tendo-se em vista que grande maioria das pessoas passa todo o seu tempo em locais desenhados por outras pessoas.

### 2.2.2. Jan Gehl – Cidade para pessoas

Gehl (2013) realça a importância de se ter a dimensão humana entre as principais preocupações do planejamento urbano

para que se proporcione melhor qualidade de vida nas cidades. Para que as cidades sejam voltadas para as pessoas, os seguintes aspectos devem observados:

1. Segurança contra o tráfego, em que a segurança do deslocamento dos pedestres e dos ciclistas deve ser garantida, diante da presença intensa dos automóveis.
2. Segurança e proteção nos espaços públicos, que são proporcionadas quando mais pessoas – as quais podem ser atraídas para estes locais a partir de diferentes ações – utilizam os espaços comuns, tendo-se que mais olhos na rua proporcionam o aumento da segurança real e percebida.
3. Espaços para caminhar, que devem apresentar espaços livres de todos os tipos de mobiliários que atrapalhem o deslocamento dos pedestres, além de superfícies regulares, garantindo assim o acesso às pessoas com mobilidade reduzida.
4. Percursos segmentados, onde se poupa o pedestre da visualização de todo o caminho a ser percorrido, que na maioria das vezes aparenta ser longo e infinito, evitando-se a sensação de cansaço e a ausência de experiências

interessante. Para tanto, o caminho deve ser dividido, proporcionando a abertura de novas vistas.

5. Locais de permanência, onde torna-se necessário configurar ambientes agradáveis, com boas condições climáticas, boa localização e visibilidade, que convidem as pessoas a estar neles por algum tempo, tendo-se também a presença de mobiliário e equipamentos urbanos confortáveis e de qualidade e a possibilidade de se observar fachadas e paisagens interessantes.
6. Oportunidade de encontros, em que se deve garantir as pessoas as possibilidades de se “ver, ouvir e falar”, convidando-as a interagirem a partir do mobiliário urbano, das atrações visuais dos locais e da proteção contra ruídos, que dificultam as conversas.
7. Lugares para se exercitar, em que os espaços devem oferecer, além de equipamentos para a prática de exercícios e instalação para jogos, atividades que proporcionem entretenimento para todas as idades, tanto durante o dia e a quanto a noite.
8. Escala humana, que deve ser trabalhada na construção dos espaços e dos edifícios, a partir da análise de suas proporções

e dimensões, para que a configuração dos espaços não supere a perspectiva ao nível dos olhos, tendo como base a dimensão média da população.

9. Boas experiências sensoriais, que podem ser atingidas quando os espaços conectam-se com a natureza do entorno, adaptam-se ao clima local, e tomam partido da topografia, convidando-se assim as pessoas a permanecerem mais tempo nestes locais, a partir do aumento de suas qualidades.

### 2.2.3. Jane Jacobs – A vitalidade dos espaços públicos

Jacobs (2000) tece uma forte crítica ao planejamento urbano moderno, com a intenção de apresentar novos princípios às formas de planejamento e reurbanização, tendo em vista os problemas existentes nas cidades americanas. Deste modo, trata de elementos cotidianos com a finalidade de apresentar a cidade na prática, e identificar de maneira concreta quais intervenções são capazes de gerar vitalidade e benefícios para as pessoas.

A autora coloca a rua e a calçada como espaços públicos vitais, e apresenta quais condições devem ser observadas para que se propicie a diversidade. Pode-se então separar estes assuntos nos seguintes tópicos:

1. Vigilância dos espaços públicos, que consiste na permanente movimentação de pessoas pelas ruas, assim como a presença de pessoas com suas atenções (e olhos) voltadas para estes espaços, proporcionando a segurança de seus usuários.
2. Atratividade das ruas, que se refere a existência de diferentes estabelecimentos capazes de despertar o interesse das pessoas, convidando-as para permanecerem nos espaços públicos, tanto no período do dia, quanto da noite.
3. Uso misto do solo urbano, que proporciona a constância do fluxo de pessoas nas áreas da cidade, em diferentes horários, evitando assim seu esvaziamento em determinados períodos.
4. Quadras curtas e ruas frequentes, que possibilitam o traçado de um maior número de trajetos para se chegar em um mesmo local, bem como proporciona maior relação entre as pessoas e os locais.
5. Utilização de prédios antigos, permitindo-se que as áreas urbanas abriguem empresas com rendimentos variados, e

consequentemente apresentem maior variedade, tendo-se em vista que nem todos os estabelecimentos conseguem arcar com as despesas de novos edifícios.

6. Densidade e concentração, em que se deve atingir uma certa quantidade de pessoas nos bairros, com propósitos diferentes, para que seja possível gerar variedade no local.

#### 2.2.4. Kevin Lynch – A boa forma da cidade

Lynch (2007), ao afirmar que é comum o fato das pessoas considerarem pouco satisfatório a experiência que a maior parte dos espaços urbanos oferecem – tendo-se apenas algumas exceções – demonstra a relevância de se iniciar a discussão em sua obra a partir da questão sobre o que constitui uma boa forma da cidade.

O autor busca traçar dimensões de execução generalizadas, que incluem a maior parte das qualidades que as pessoas consideram importantes em um local físico, observando-se algumas características espaciais identificáveis que podem ser medidas. Estas dimensões referem-se à cinco critérios e a dois “meta-

critérios” (eficiência e justiça), que são em geral relacionados a aspectos positivos:

1. Vitalidade, em que o ambiente espacial é capaz de promover o desenvolvimento das atividades humanas, a partir da proteção da saúde das pessoas.
2. Sentido, que se refere a forma como o local é entendido fisicamente e mentalmente pelas pessoas, tanto no tempo, quanto no espaço e a forma como ele se conecta a sua cultura e valores.
3. Adequação, onde se procura identificar as formas como os ambientes, suas ligações e equipamentos conseguem atender as atividades produzidas por seus usuários, assim como suas capacidades de se adaptarem para atender atividades futuras.
4. Acesso, o qual diz respeito ao alcance que os espaços apresentam quando se trata de atingir outras pessoas, atividades, serviços e locais, tendo-se em vista a diversidade que este alcance demonstra.

5. Controle, em que se observa a forma como as pessoas que utilizam os ambientes ou trabalham neles conseguem controlar as atividades, os acessos e suas configurações.
6. Eficiência, em que se analisa o custo da criação e manutenção dos espaços, independentemente dos níveis de concretização nos quais se encontram.
7. Justiça, onde se observa a forma como os custos e os benefícios são distribuídos entre as pessoas, de acordo com elementos como igualdade e necessidades.

### 2.2.5. Project for Public Spaces

Project for Public Spaces (PPS) é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1975, que se dedica a auxiliar as populações ao redor do mundo a transformarem seus espaços públicos em locais com vitalidade<sup>7</sup>.

O PPS baseia-se no Placemaking, processo colaborativo que inspira as pessoas a reinventarem os espaços públicos, facilita a utilização dos espaços a partir de usos criativos, e destina atenção para

---

<sup>7</sup> Project for Public Space. What is Placemaking?. Disponível em: <[http://www.pps.org/reference/what\\_is\\_placemaking/](http://www.pps.org/reference/what_is_placemaking/)>.

as identidades físicas, culturais e sociais, que definem os espaços e apoiam sua evolução contínua<sup>8</sup>.

Para identificar os elementos que interferem no sucesso dos espaços públicos, o PPS analisou diversos espaços considerados bem-sucedidos e descobriram que apresentam as seguintes qualidades em comum<sup>9</sup>:

1. Acessos e ligações, os quais se referem as formas como os espaços públicos se conectam aos locais ao redor, tanto física, quanto visualmente, tendo-se fácil acesso além de uma visualização clara do local a partir de diferentes distâncias.
2. Conforto e imagem, em que se afirma ser a chave do sucesso do espaço público. Os aspectos relacionados ao conforto referem-se a percepções de segurança, limpeza e disponibilidade do mobiliário urbano, os quais contribuem para a formação de uma boa imagem.
3. Usos e atividades, os quais indicam a importância de se oferecer atividades e usos nos espaços, para que as pessoas busquem estes locais e também voltem para ele.

4. Sociabilidade, em que proporciona aos seus usuários a criação de uma consciência sobre o local, assim com uma relação maior com sua comunidade, e com o próprio espaço em si.

### 2.2.6. The Desing Council

The Desing Council foi fundada em 1944, com o propósito de apresentar o valor do design industrial durante a revitalização da Grã-Bretanha no pós-guerra, sendo hoje uma instituição que trabalha para melhorar a vida das pessoas através do uso do design urbano<sup>10</sup>.

Em 2011, o grupo se uniu ao Cabe, consultor do governo para a construção de ambientes, proporcionando à diferentes clientes, que incluem planejadores, autoridades locais e as

---

<sup>8</sup> *Idem 7*

<sup>9</sup> Project for Public Space. What Makes a Successful Place?. Disponível em: <<http://www.pps.org/reference/grplacefeat/>>.

<sup>10</sup> About us. Disponível em: <<http://www.designcouncil.org.uk/about-us>>.

comunidades, uma consulta especializada no trabalho com o desenho urbano<sup>11</sup>.

Nesta perspectiva, foi escolhida uma publicação do antigo grupo Cabe, em que se destaca a importância da elaboração de um bom desenho urbano para os benefícios das pessoas, e delimita os seguintes aspectos para se atingir tal objetivo<sup>12</sup>:

1. Caráter, onde se pode observar a identidade do local.
2. Continuidade e espaços fechados, em que se tem uma clara diferença entre os espaços públicos e privados.
3. Qualidade dos espaços públicos, em que a atratividade pode ser observada nos locais de uso público.
4. Fácil deslocamento, onde se é fácil atingir os espaços, bem como passar por toda sua extensão.
5. Legibilidade, em que a imagem vista no local apresenta de modo claro e de fácil entendimento.
6. Adaptabilidade, no qual se verifica a capacidade do local de se alterar com facilidade para abrigar diferentes usos.

7. Diversidade, onde se oferece diferentes oportunidades de escolha para os usuários.

### 2.2.7. Elementos-chave

A partir desta apresentação torna-se possível identificar claramente através do Quadro 1 a seguir, como os termos colocados por cada autor podem ser correlacionados, e assim formular, quais aspectos podem ser tratados como elementos-chave na construção de espaços urbanos de qualidade. Estes elementos foram agrupados e serão trabalhados conforme as seguintes definições:

---

<sup>11</sup> *Idem* 10

<sup>12</sup> Cabe. By desing. 2000. Disponível em: <[http://www.designcouncil.org.uk/sites/default/files/asset/document/by-design\\_0.pdf](http://www.designcouncil.org.uk/sites/default/files/asset/document/by-design_0.pdf)>.

ELEMENTOS-CHAVE	BENTLEY ET. AL. (1999)	GEHL (2013)	JACOBS (2000)	LYNCH (2007)	PROJECT FOR PUBLIC SPACE	DESIGN COUNCIL CABE
CAMINHOS	PERMEABILIDADE	PERCURSOS SEGMENTADOS / SEGURANÇA CONTRA O TRÁFEGO / ESPAÇOS PARA CAMINHAR	QUADRAS CURTAS E RUAS FREQUENTES	ACESSOS	ACESSOS E LIGAÇÕES	FÁCIL DESLOCAMENTO
DIVERSIDADE DE USO DO SOLO	VARIEDADE		USO MISTO DO SOLO URBANO / ATRATIVIDADE DAS RUAS		USOS E ATIVIDADES	DIVERSIDADE / QUALIDADE DOS ESPAÇOS PÚBLICOS
IMAGEM LOCAL	LEGIBILIDADE / IMAGEM VISUAL APROPRIADA			SENTIDO	CONFORTO E IMAGEM	LEGIBILIDADE / CARÁTER
POTENCIAL DE ADAPTAÇÃO	VERSATILIDADE / PERSONALIZAÇÃO		UTILIZAÇÃO DE PRÉDIOS ANTIGOS	ADEQUAÇÃO		ADAPTABILIDADE
EXPERIÊNCIAS PERCEPTIVAS	RIQUEZA PERCEPTIVA	BOA EXPERIÊNCIA SENSORIAL / ESCALA HUMANA				
LOCAIS ATRATIVOS		LOCAIS DE PERMANENCIA / OPORTUNIDADE DE ENCONTROS / LUGARES PARA SE EXERCITAR	ATRATIVIDADE DAS RUAS	VITALIDADE	SOCIABILIDADE	QUALIDADE DOS ESPAÇOS PÚBLICOS
OLHOS DA RUA		SEGURANÇA E PROTEÇÃO NOS ESPAÇOS PÚBLICOS	VIGILÂNCIA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS / DENSIDADE E CONCENTRAÇÃO	CONTROLE		CONTINUIDADE E ESPAÇOS FECHADOS

**Quadro 1** – Elementos-chave para qualidade dos espaços urbanos

Fonte: Autora

1. Os caminhos referem-se a forma como se proporciona possibilidades de percurso, sejam elas a partir do traçado das ruas, ou dos caminhos estruturados pelos moradores. Neste sentido, deve-se oferecer diferentes trajetos para o deslocamento, assim como conforto e acessibilidade nestes locais, para que possam atrair mais pessoas interessadas em percorrê-los.
2. A diversidade de uso do solo está relacionada as diferentes atividades oferecidas em um determinado espaço da cidade, sendo que a mistura destas atividades proporciona maior movimentação nas ruas, atraindo diferentes pessoas para os espaços urbanos, com diferentes objetivos.
3. A imagem local corresponde ao conforto e a organização dos espaços urbanos, em que se deve buscar configurações cujo entendimento seja fácil e atrativo, para que as pessoas se sintam convidadas a permanecerem e transitarem nos locais.
4. O potencial de adaptação refere-se à capacidade dos espaços de abrigarem diferentes atividades e formas de utilização. Torna-se de extrema importância a presença desta característica, tendo-se em vista que as pessoas que estão presentes nos espaços urbanos apresentam diferentes intenções e necessidades.
5. As experiências perceptivas dizem respeito a forma como os espaços urbanos proporcionam a vivência de seus usuários, em que devem apresentar dimensões que se relacionam como a escala humana, adaptações de acordo com o clima local, e elementos construídos que potencializem a vivência.
6. Os locais atrativos remetem as características presentes nos espaços urbanos, as quais despertam o interesse das pessoas em se apropriar e utilizar estes locais. Neste sentido, os espaços devem abrigar diferentes usos, atrativos visuais e outros atributos que devem atender as necessidades dos mais variados usuários.
7. Os olhos da rua relacionam-se a quantidade de pessoas presentes nos espaços urbanos, pois apenas o seu constante e considerável número garantem a segurança real e percebida. Para tanto, todas os aspectos anteriores devem ser trabalhados, para que a população seja motivada a permanecer por mais tempo nos espaços da cidade, bem como os contemplando-os a partir de locais particulares.

Embora não estejam no quadro, os conceitos de eficiência e justiça de Lynch (2007) devem ser observados cuidadosamente durante a construção dos espaços para que favoreçam seus reais usuários.

### 2.2.8 As qualidades do Parque Primavera

Visando um maior entendimento dos Elementos-chave e dos autores, realizou-se uma leitura sobre as qualidades do Parque Primavera, com o objetivo de reconhecer quais aspectos favorecem os moradores e quais podem ser aprimorados.

A qualidade dos caminhos do Parque Primavera foi analisada a partir de suas formas e possibilidades de percurso, e seu conforto e segurança. Para isto tomou-se como base seu traçado em planta e em loco, assim como elementos externos, como a topografia e o clima local.

Nota-se que o traçado das vias e das quadras oferece diferentes trajetos dentro do bairro. Entretanto, não se verificam outras formas de se deslocar senão pelas vias estabelecidas (Figura 29).

Frequentemente, observa-se que os moradores optam pelas ruas ao invés das calçadas para caminhar. Isto ocorre devido à



**Figura 10 a 12** – Qualidade dos caminhos

**Fonte:** Autora

falta de acessibilidade, as dimensões reduzidas e a ausência de conforto das calçadas, aliadas a ausência de constância no fluxo de veículos nas ruas. Neste sentido, o trânsito local não oferece significativos riscos para os pedestres, favorecendo a conciliação entre os diferentes usos das ruas (Figura 12).

Aos moradores do Parque Primavera é destinado caminhos sem atrativos visuais, sem grandes proteções contra o clima, e subjugados aos efeitos da topografia acidentada. Tal fato dificulta o deslocamento de pessoas idosas, com mobilidade reduzida, e reduz o interesse na prática do caminhar (Figura 10 e 11).

A qualidade da diversidade do uso do solo não se efetiva no bairro, devido ao seu uso predominantemente residencial, com poucos comércios (Figura 13, 14 e 29). O que pode ser observado é o uso alternativo atribuído por algumas crianças a determinados terrenos vazios, que os utilizam como local de lazer (Figura 15).

A qualidade da imagem local foi observada segundo duas escalas: a relação bairro/entorno e as particularidades internas. Na relação com o entorno, a implantação do Parque Primavera (Figura 29) é de clara identificação devido ao seu distanciamento do restante da malha urbana, fato que favorece as conexões entre os moradores.



**Figura 13 a 15** – Qualidade da diversidade de uso

**Fonte:** Autora



**Figura 16 a 18** – Qualidade da imagem local

**Fonte:** Autora

As particularidades internas do Parque Primavera referem-se a presença de materiais para construção, e de casas sem acabamento e em construção (Figuras 16 e 17), que transmitem a imagem de bairro em consolidação. Outro aspecto destas particularidades corresponde a imagem pouco receptiva da área de lazer, que não conta com mobiliários que favoreçam a interação entre as pessoas (Figura 18).

A qualidade do potencial de adaptação é atribuída ao salão paroquial, onde são realizadas as atividades da Igreja Católica e o atendimento do NASF (Figura 40), que serão apresentados posteriormente. A área de lazer também pode ser vista sob esta lente, assim como as calçadas, devido ao uso atribuídos pelos moradores. Enquanto o campo de futebol algumas vezes é utilizado como área de pastagem (Figuras 19 e 21), as calçadas servem como locais de permanência (Figura 22 e 23).

A qualidade das experiências perceptivas não é existente no Parque Primavera. O local não se conecta com a natureza do entorno (Figura 23); as áreas de lazer, não apresentam proteção contra o clima quente (Figura 24); e em nenhum local toma-se partido da topografia acidentada.



**Figura 19 a 22** – Qualidade do potencial de adaptação

**Fonte:** Autora



**Figura 23 e 24** – Qualidade das experiências perceptivas

**Fonte:** Autora

A qualidade de locais atrativos, pode ser relacionada a área de lazer, devido ao seu uso intenso nos finais de semana (Figura 25). As calçadas e varandas, também são locais atrativos, pois é onde se realizam muitos encontros no bairro (Figura 26). Tais encontros são favorecidos pela vegetação local e a topografia acidentada, uma vez que estes elementos permitem temperaturas mais amenas, e boa ventilação no bairro.

A qualidade de olhos da rua é reconhecida através das pessoas que utilizam as calçadas e varandas como local de encontro e permanência (Figura 27 e 28). Outro aspecto que contribui para esta qualidade são as formas de fechamento das casas, em que as grades, muros baixos ou a ausência de qualquer fechamento permite ao morador ter maior relação com as ruas (Figura 46).



**Figura 25 e 26** – Qualidade dos locais atrativos

**Fonte:** Autora



**Figura 27 e 28** – Qualidade dos olhos da rua

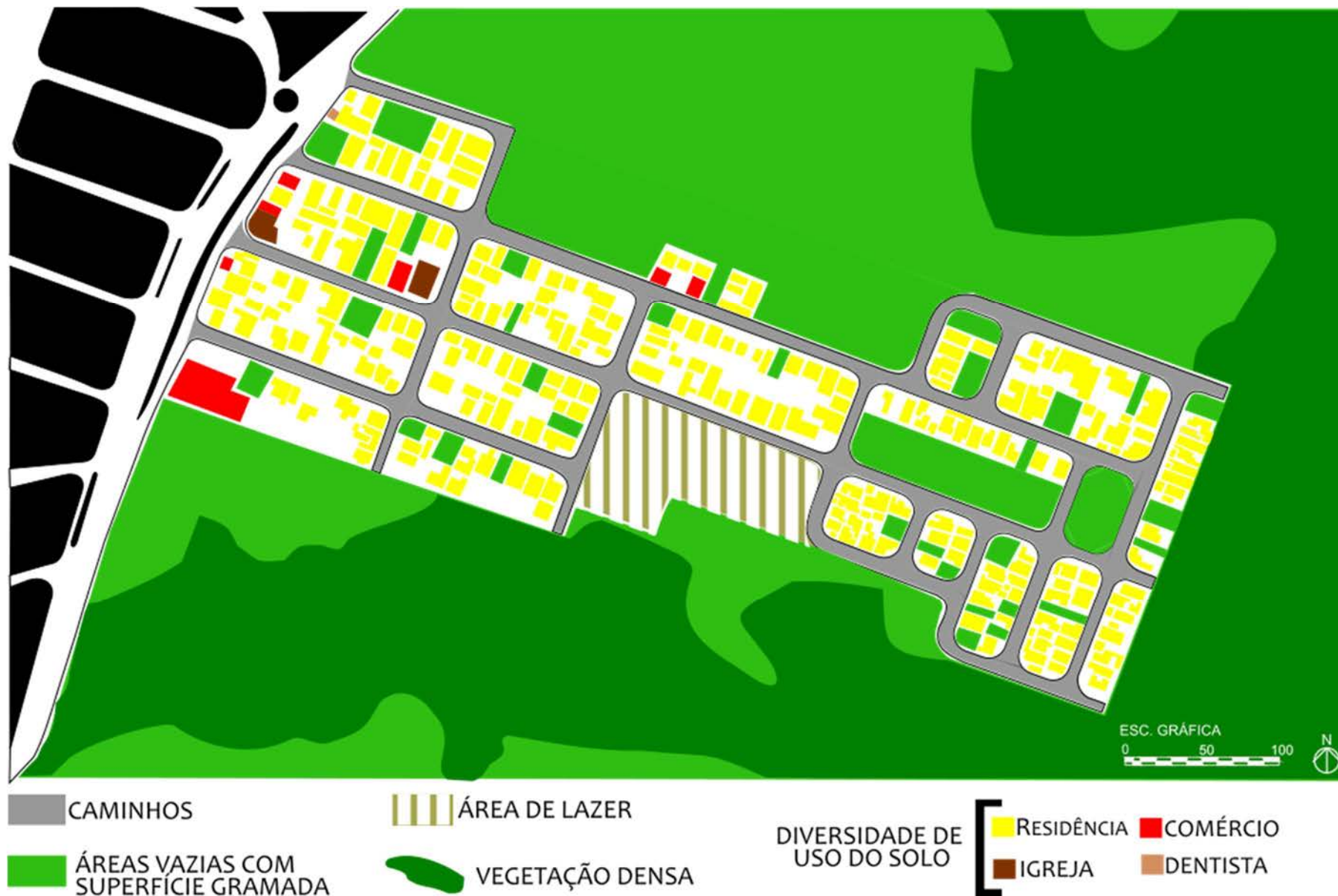
**Fonte:** Autora

Com base na análise fica evidente a necessidade de fortalecer as seguintes qualidades: caminhos, diversidade de uso do solo e experiências perceptivas. Faz-se necessário oferecer conforto para as pessoas durante seus deslocamentos e permanências, maior variedade de locais atrativos, e conexão com as áreas verdes.

A qualidade da imagem local e do potencial de adaptação podem ser reforçados. A relação entre os moradores pode ser mais aproximada, a construção de sua imagem pode ser realçada, assim como o potencial de adaptação pode ser estendido para outros locais.

A existência dos locais atrativos e os olhos da rua também representam elementos positivos a serem potencializados. A área de lazer pode apresentar melhor projeto, e as ruas e calçadas podem ser transformadas em elementos atrativos para os moradores, ao se adequarem aos pedestres.

Após a identificação das qualidades a serem trabalhadas nos espaços urbanos, temos a construção de diferentes leituras no bairro escolhido, que irão auxiliar no entendimento dos espaços e da relação dos moradores com ele.



**Figura 29** – Mapa esquemático sobre as leituras das qualidades

**Fonte:** Autora

### 3. APROXIMAÇÕES URBANAS

Buscou-se aprofundar os conhecimentos sobre a área de estudo, através dos mecanismos de leitura. Eles auxiliam no entendimento do meio urbano, uma vez que proporcionam sua organização e estruturação, e permitem também o reconhecimento dos fenômenos ocorridos na produção do espaço urbano (LAMAS, 2011). As leituras sobre o bairro são assim divididas em quatro partes, e abrangem o contato inicial, realizado através de entrevistas, e as leituras sobre a qualidade dos espaços urbanos, a morfologia e os aspectos visuais do local.

#### 3.1. Os moradores e o Parque Primavera

Foram realizadas, primeiramente, 20 entrevistas com a população nos dias 13, 20 e 21 de abril de 2016. Nesta etapa os moradores do Parque Primavera foram questionados com relação aos seus deslocamentos, aspectos positivos e negativos do local, carências do bairro, considerações gerais e sobre o antigo aterro sanitário, e a relação com a Mata do Furquim.

A respeito dos deslocamentos, identificou-se que os locais mais frequentados pelos moradores são seus ambientes de trabalhos, o centro da cidade, supermercados e o posto de saúde. Poucos evidenciaram a busca de lazer. Com relação ao meio de transporte 60% utiliza apenas o ônibus para deslocamento, 20% utiliza apenas carro ou moto, e o restante utiliza tanto veículos particulares, quanto o transporte público.

Como aspecto positivo, foi unânime a caracterização do Parque Primavera como bairro tranquilo, onde existe pouca movimentação nas ruas e vizinhança em que todos se conhecem (Figura 30 e 31). Alguns moradores ainda indicaram a proximidade com alguns pontos de comércio e a facilidade de deslocamento através do transporte público.



Com relação aos aspectos negativos, diferentes elementos foram apontados. Os mais recorrentes foram a ausência de equipamentos e serviços, a diminuição dos horários de ônibus que passam pelo interior do bairro, e a presença de terrenos vazios sem manutenção (Figura 32 e 33), em que muitos estão com a vegetação alta e são utilizados pela própria população para a deposição de lixo e entulho.

Como carências do bairro, os entrevistados apontaram a escassez de limpeza pública, relacionada aos serviços de varredores de rua, a ausência de equipamentos públicos – como creche, escola e posto de saúde –, e estabelecimentos comerciais – como mercados e farmácias. A carência de espaços públicos também foi indicada, tendo-se apenas uma área de lazer, composta por um parque infantil, campo de futebol, uma quadra aberta e uma academia da terceira idade.

Considerações realizadas durante as entrevistas revelam que as infraestruturas urbanas de água, esgoto e energia foram disponibilizadas ao longo dos anos, conforme as residências foram sendo estabelecidas na região. A última obra de melhoramento realizada pela prefeitura recentemente foi o recapeamento das vias, de acordo com os moradores.

**Figura 30 a 33** – Ruas sem movimentação e terrenos vazios sem manutenção

**Fonte:** Autora

Quando questionados sobre o antigo aterro sanitário, observou-se que a grande maioria dos entrevistados desconhecia esta realidade. Poucos estavam cientes de que suas construções eram sobre esta área, porém não tratavam a questão de modo negativo. Os moradores mais antigos, que conviveram com o aterro em funcionamento, consideraram que a desativação do local e o prolongamento do bairro representou um grande progresso para a região.

Com relação a Mata do Furquim (Figura 34 a 37), observou-se uma divisão de opinião entre os moradores. Alguns a consideram importante devido aos efeitos climáticos que exerce na qualidade do ar e na diminuição da sensação térmica no bairro, e outros a veem como uma região insegura, devida a densa arborização de suas bordas, e incômoda devido aos insetos e animais que saem dela.



**Figura 34 a 37** – Vistas da Mata do Furquim

**Fonte:** Autora

Em um segundo momento, foram realizadas outras 12 entrevistas, nos dias 14 e 19 de maio de 2016, buscando-se identificar as formas como os moradores interagem com o bairro e o entorno. Os tópicos anteriores também foram questionados, obtendo-se afirmações similares as primeiras entrevistas.

Nesta etapa foi possível observar como a percepção de cada morador sobre o bairro está estritamente ligada a relação física estabelecida entre ambos. Os moradores que demonstram pouca vivência no bairro e pouca relação com a vizinhança não são capazes de identificar certos aspectos importantes da dinâmica local.

Por exemplo, tanto no primeiro momento, quanto no segundo alguns moradores afirmaram que os espaços de lazer eram vazios de uso devido à falta de manutenção e aos atos de vandalismo. Entretanto, outras entrevistas e a própria visita ao local permitiram observar que a área de lazer é bastante utilizada pelas crianças aos fins de semana. Além disso, é possível encontrar crianças e jovens transitando livremente nas ruas (Figura 38 e 39).

Observou-se também a realização de atividades de fisioterapia e nutrição, no Parque Primavera, oferecidas pelo NASF

(Núcleo de Apoio à Saúde da Família) que atende ao público uma vez por semana no salão paroquial (Figura 40). O NASF refere-se a uma equipe de diferentes profissionais, cujo objetivo é trabalhar em conjunto com as Equipes de Saúde da Família (ESF), proporcionando atividades relacionadas a saúde nos territórios em que atendem<sup>13</sup>.

A equipe que atende ao ESF do Parque Primavera, atende também outras oito ESFs na zona norte, tendo atividades diferenciadas para cada local. No bairro estudado, o NASF realiza atividades voltadas para o tratamento de dores crônicas, e no bairro Watal Ishibashi as atividades são voltadas para o condicionamento físico. O grupo de nutrição atende a população uma vez por mês, acompanhando e oferecendo instruções para a melhor alimentação.

Apesar da atuação destas duas equipes terem sido iniciadas por volta do ano de 2014, observa-se uma baixa adesão da população, tendo-se a participação de 15 pessoas, em média. Em conversa com os moradores foi possível descobrir que muitos não conhecem as atividades oferecidas e a coordenadora do grupo afirmou que busca novas formas de atrair mais participantes.

---

<sup>13</sup> O que é NASF?. Disponível em: <[http://dab.saude.gov.br/portaldab/nasf\\_perguntas\\_frequentes.php](http://dab.saude.gov.br/portaldab/nasf_perguntas_frequentes.php)>.



**Figura 38 a 40** – Crianças no bairro Parque Primavera e atuação do grupo NASF

**Fonte:** Autora

Neste segundo momento, foram abordadas também os tipos de preferências de intervenção que os moradores desejam para o Parque Primavera. Para tanto, foram apresentadas imagens de diferentes projetos, seguidos de uma breve explicação sobre cada um para que cada entrevistado pudesse apontar sua preferência. Os projetos foram escolhidos a partir de pesquisa realizada no site Plataforma Arquitectura, e Project for Public Space, e se referem aos seguintes (Figura 41):

1. Novartis Physic Garden, localizado na Suíça, que consiste em um jardim físico. O local atende as experiências sensíveis, com seus aromas e cores, assim como configura um espaço para os estudos farmacológicos. Sua organização espacial espelha-se no teatro, como um labirinto com diferentes camadas, em que o jardim se apresenta passo a passo.
2. A transformação da rua West Commerce, na cidade de San Antonio, nos Estados Unidos, realizada pelo grupo Better Block em conjunto com o Project for Public Space, em que por um dia, reduziu-se as faixas de veículos. Neste espaço foram colocados mobiliários urbanos, elementos paisagísticos e um mercado ao ar livre permitindo as pessoas terem mais espaço para interação.

3. The Warp, que é uma estrutura concebida para ser uma área de descanso e mercado, construída as margens de uma estrada, na cidade de Ludian, em Yunnan, na China. O projeto se apresenta como ponto de encontro e entrada para cidade. Tem-se três espaços, que diferenciam como uma área para sentar e vender os produtos, um deck de madeira que serve como mirante e uma área coberta para descanso e alimentação.
4. O Mirante Pirâmide, que se refere a um mirante de forma triangular, localizado em uma península com vista para o lago Loch Lomond, no Reino Unido. A estrutura cria um ponto de atração, com forte impacto visual, que convida os visitantes a explorarem uma visão alternativa da paisagem. O caráter do projeto é reforçado pela utilização da madeira como material, que contrasta e complementa a paisagem verde do entorno natural.
5. A Eco-trilha La Delicia, refere-se a um projeto vencedor de um concurso público para a cidade de Rio Verde, no Equador. A cidade contém atrativos naturais, em que, no projeto, busca-se destacar a partir da potencialização de sua relação com os habitantes locais e visitantes. Desta maneira, a eco-trilha é utilizada como um mecanismo urbano que permite o melhoramento da qualidade de vida das pessoas.
6. A reurbanização da orla do lago Papocrany, na cidade de Tychy, na Polônia, visa expandir as possibilidades de lazer, e valorizar a paisagem, tendo-se em vista a pré-existência de um centro com atrações recreativas e desportivas nos arredores. Para a escolha dos materiais do projeto, buscou-se elementos naturais, semelhantes com entorno. Após sua abertura, em poucas semanas o local transformou-se em um novo ponto de encontro na cidade.
7. O projeto Quipus verde foi uma proposta apresentada ao Concurso Cerros Isla para el Corredor Verde de San Bernardo, em que se busca a construção de um sistema de infraestrutura verde, em que se reconhece as potencialidades mais importantes para sustentar as funções ecológicas e sociais, permitindo manter o equilíbrio ambiental e satisfazer as necessidades da comunidade.



**Figura 41** – Colagem de exemplos de projetos para pesquisa de preferência

**Fonte:** Plataforma Arquitectura, e Project for Public Space

Estes projetos foram escolhidos devido a sua estrutura diferente do convencional, tendo-se o objetivo de apresentar para os moradores que existem diferentes maneiras de se criar e aproveitar os espaços urbanos. Como preferências, as imagens mais apontadas foram as de número 1 e 2, seguida da de número 6, enquanto as demais foram apontadas ao menos uma vez.

Observa-se que os entrevistados indicaram os projetos similares aos existentes em seus repertórios. Tem-se a correlação entre o projeto do jardim à prática da horta urbana, a intenção de se ter uma feira no bairro e o interesse pelos mobiliários diversificados. Com esta observação, faz-se necessário destacar a importância aproximar as intervenções a serem propostas, a cultura dos moradores.

### 3.2. Os aspectos morfológicos

Buscou-se estudar a morfologia urbana do Parque Primavera, a partir dos aspectos abordados por Lamas (2004), em sua segunda parte do livro “Morfologia Urbana e Desenho da Cidade”.

A morfologia estuda os fatores externos ao meio urbano, com o objetivo de explicar sua paisagem e estrutura. Os processos que levaram ao arranjo atual da paisagem não são

colocados como objetos de análise, servindo apenas como subsídio para explicar a produção de sua forma. Tem-se a decomposição do meio urbano em elementos morfológicos, os quais articulados e estruturados correspondem a forma urbana (LAMAS, 2004).

Segundo Lamas (2004), os elementos morfológicos podem ser divididos nas categorias de solo – pavimento, edifícios, lote, quarteirão, fachada, logradouro, traçado – rua, praça, monumento, árvore e vegetação e mobiliário urbano, definidos do seguinte modo:

1. O solo – o pavimento pode corresponder tanto à topografia – o solo em que se assenta a cidade – quanto às pavimentações, degraus e passeios. É um elemento importante e que está submetido a constantes alterações.
2. Os edifícios permitem a composição do espaço urbano e a organização dos diferentes espaços passíveis de identificação e com forma própria, como as ruas, praças, avenidas, entre outros.
3. O lote caracteriza-se por ser o fundamento da edificação, uma vez que oferece a relação entre o solo e a construção, não podendo ser dissociado de nenhum dos dois.
4. O quarteirão é um sistema configurado a partir da delimitação de vias e da divisão em lotes para a construção dos edifícios.

Organiza também outros elementos da estrutura urbana, como as ruas, e suas relações com os espaços públicos, semipúblicos e privados.

5. A fachada permite a relação entre o meio urbano e a edificação, uma vez que transmitem diferentes características sobre a obra construída e permite a transição entre o espaço público e o privado. De modo geral, moldam a imagem da cidade.
6. O logradouro resume-se na porção livre de uso do interior do lote, sendo a área onde se possibilita parcialmente a evolução das formas urbanas
7. O traçado – a rua estabelece a composição dos edifícios e dos quarteirões, conectando diversos espaços e áreas da cidade.
8. A praça é um local em que se pretende ocasionar a vida urbana, através de encontros, práticas sociais e manifestações, reunindo de maneira significativa a ênfase do desenho urbano.
9. O monumento “é um fato urbano singular”, de grande importância no desenho urbano, devido sua capacidade de caracterização de uma área ou um bairro na cidade.

10. A árvore e a vegetação compõem elementos identificáveis no meio urbano, com as características de determinação da imagem da cidade, definição dos espaços e composição do desenho urbano.

11. O mobiliário urbano são elementos móveis que equipam a cidade, sendo de grande importância para a organização e qualidade dos locais.

A partir da identificação destes elementos no bairro, observados durante as visitas de campo, tornou-se possível realizar a análise de sua morfologia.

O solo do Parque Primavera é marcado pela sua topografia acidentada (Figura 42 e 43) que, apesar dos incômodos causados a qualidade dos caminhos, gera vistas notáveis da cidade e das áreas verdes (Figura 44). As pavimentações são caracterizadas pelo asfalto da rua e a pavimentação das calçadas (Figura 49).

Os edifícios do bairro são facilmente caracterizados pelo predomínio do uso residencial (Figura 13, 14 e 29). O traçado da rua, e conseqüentemente dos quarteirões, é estabelecido de maneira ortogonal.

As fachadas das residências do Parque Primavera permitem sua diferenciação com relação ao entorno, pois caracterizam sua forma de implantação. Como explicado em 1.2. O bairro Parque Primavera, e observado na qualidade da imagem local, a existência de casas finalizadas e outras ainda em construção marcam os diferentes tempos de consolidação do bairro (Figura 14 e 16).



**Figura 42 a 44** – Imagens do elemento solo segundo Lamas (2004)

**Fonte:** Autora

O logradouro (Figura 49) das edificações que apresentam permeabilidade visual é identificado como varanda ou garagem (Figura 45 e 46). Quando não se tem fechamento nas casas, este elemento tem seus limites expandidos. Os logradouros identificáveis correspondem aos fechamentos que favorecem a qualidade dos olhos da rua, pois aumentam o contato entre as pessoas e o bairro (Figura 46).

Tanto a praça quanto o mobiliário urbano podem ser associados a área de lazer do bairro (Figura 47 e 48). Com relação ao monumento, não é possível identificar nenhum elemento no bairro que venha a corresponder a esta categoria.

As árvores e a vegetação no Parque Primavera são, juntamente com a topografia, de grande destaque. Sua implantação entre grandes vazios com presença de APPs e da Mata do Furquim (Figuras 34 a 37) compõem um entorno de vegetação densa (Figura 50).



**Figura 45 e 46** – Imagens do elemento logradouro segundo Lamas (2004)

**Fonte:** Autora



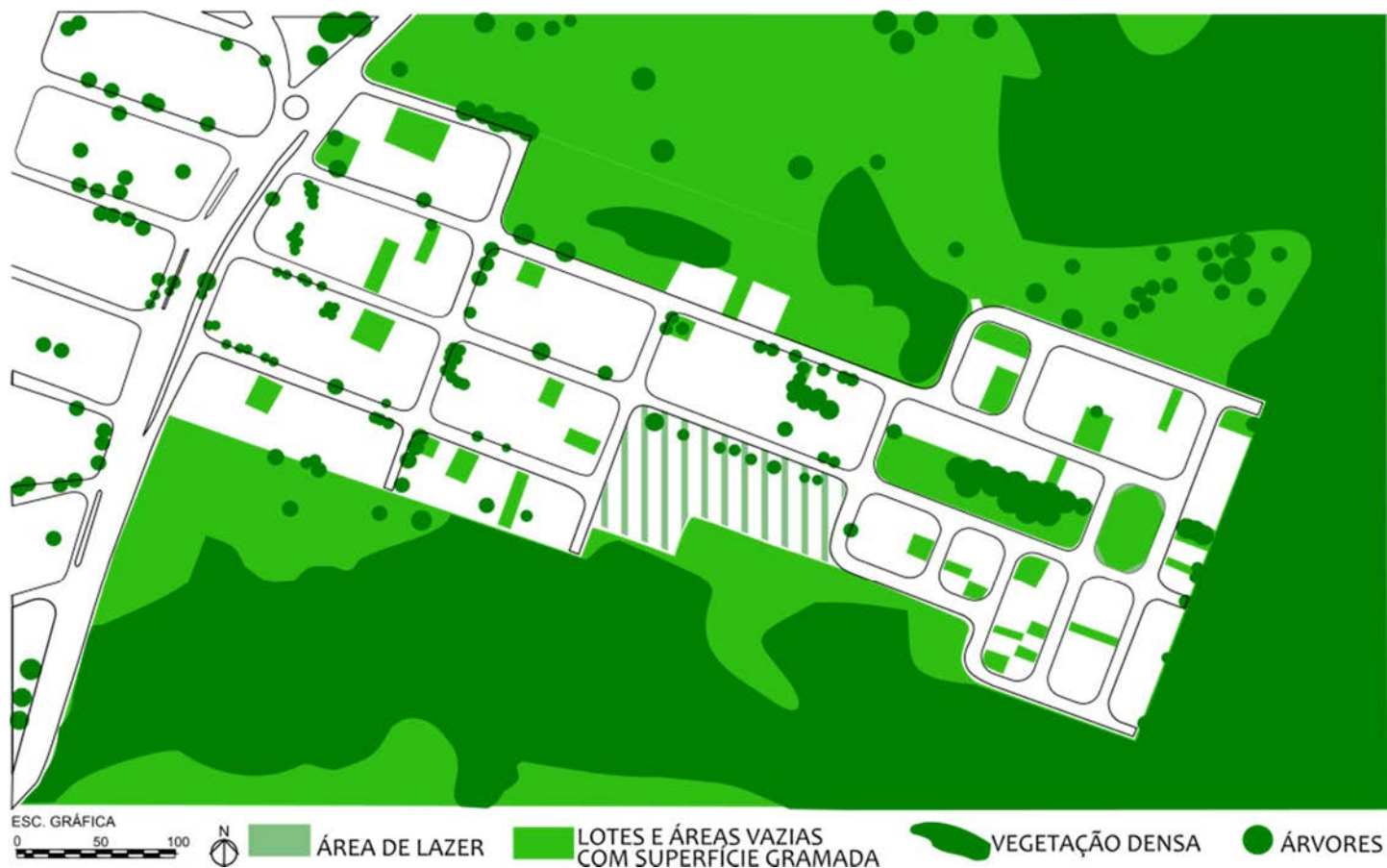
**Figura 47 e 48** – Vistas da área de lazer

**Fonte:** Autora



**Figura 49** – Mapa esquemático sobre a leitura morfológica

**Fonte:** Autora



**Figura 50** – Mapa esquemático sobre o elemento árvores e vegetação, segundo Lamas (2004)

**Fonte:** Autora

A partir desta leitura é possível observar que o solo e as árvores e vegetação são os elementos mais proeminentes no Parque Primavera. Isto se dá devido a topografia acidentada e a presença da Mata do Furquim e APPs. Neste sentido, é de grande interesse que ambos sejam trabalhados para que os moradores aproveitem melhor o bairro.

Os edifícios, fachadas e logradouros corroboram com a imagem de um bairro monofuncional, implantado sem tirar partido da área verde em seu limite. Para que se potencialize a vivência no bairro, tais aspectos devem ser reconfigurados, criando-se novos atrativos para as pessoas.

Os elementos praça e mobiliário urbano devem ter sua presença expandida no bairro, pois favorecem a interação entre os moradores.

### 3.3. Análise visual

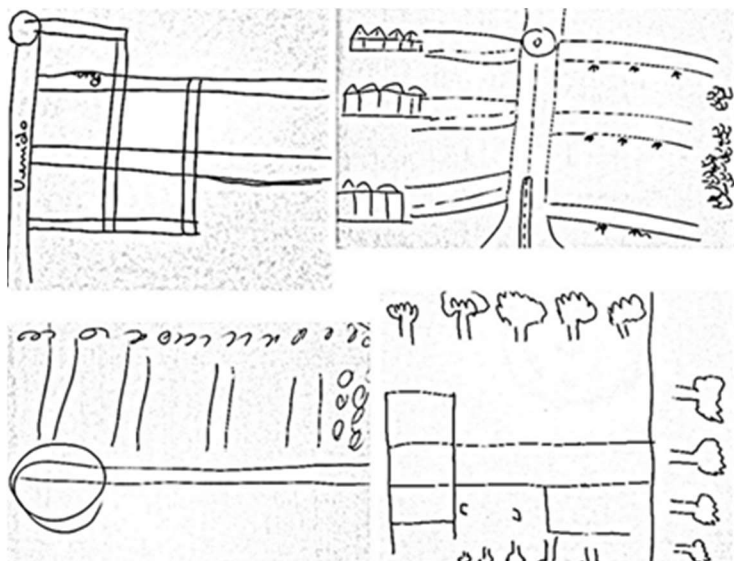
O autor Kevin Lynch, em seu livro “A imagem da cidade”, trata sobre a análise de elementos físicos que compõe a imagem da cidade, os quais são divididos nas categorias de vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos. (LYNCH, 1999). Este tipo de leitura foi aplicado a área de estudo, devido a importância de se ter o entendimento do bairro segundo seus moradores.

Para LYNCH (1999), os elementos físicos podem ser definidos do seguinte modo:

1. As vias são canais de circulação - “ruas, alamedas, linhas de trânsito” - em que o indivíduo percorre, e tendem a prevalecer na imagem da cidade.
2. Os limites são elementos lineares vistos como fronteiras que separam regiões, podendo apresentar diversos graus de permeabilidade, bem como a característica organizacional das áreas, em razão da unidade que este elemento confere as diferentes partes da cidade.

3. Os bairros são grandes ou médias porções da cidade, os quais podem ser reconhecidos por suas características comuns, e utilizados como referência ao serem observados externamente.
4. Os pontos nodais são pontos em que o indivíduo pode se dirigir ou a partir dele se deslocar, correspondendo basicamente a “junções, locais de interrupção do transporte, um cruzamento ou uma convergência de vias”. Tais pontos podem ser também concentrações que aglomeram usos ou características físicas, configurando-se como foco do bairro.
5. Os marcos são referências externas ao indivíduo, delimitados de maneira clara, podendo estar dentro da cidade ou fora dela, e servem para apontar identidade ou estrutura.

Todos estes elementos foram analisados no Parque Primavera, a partir da leitura dos mapas mentais realizados pelos moradores entrevistados, totalizando-se 20 mapas coletados em diferentes partes do bairro (Figura 51).



**Figura 51** – Exemplo de mapas mentais coletados

**Fonte:** Autora

O elemento predominante nos mapas foram as vias, no qual a própria conceituação de Lynch já adianta. Nos desenhos, as vias destacadas pelos moradores referem-se aos seus respectivos percursos. Não se verifica uma visão total do bairro, tem-se apenas uma imagem fragmentada que tende a ser finalizada pela identificação de limites.

O segundo elemento observado nos mapas foram os limites, representados pela vegetação da mata, ao final e no entorno do bairro, e a rua Alvinho Gomes Teixeira, que possibilita o acesso do bairro ao restante da cidade. Ambos os componentes identificados acabam por

funcionar como barreiras laterais e fronteiras que determinam o final do bairro, e foram desenhadas por alguns moradores fechando de maneira geral o traçado da área.

Com relação à categoria de bairro, a área de estudo corresponde apenas ao Parque Primavera, que apresenta certas características que permitem seu reconhecimento internamente.

Quanto aos pontos nodais, sua representação não foi identificada frequentemente. Partido de sua característica de “focos estratégicos nos quais o observador pode entrar”, pode-se incluir nesta categoria as representações da igreja, dos bares, do ponto de ônibus e da área de lazer. Outros elementos, como conexões de vias, que também podem se enquadrar nesta categoria, não foram citados.

A respeito da análise dos marcos, pode-se dizer que um ponto de referência externo aos moradores e identificado por eles é a rotatória que permite a saída dos carros do bairro. Mesmo com as demais características, na escala local, esta rotatória é o único elemento que encontra correspondência nesta categoria.

Apesar dos elementos físicos definidos por Lynch (1999) terem sido apresentados de maneira separada quando aplicados ao bairro, seu entendimento deve ser visto de maneira complementar e relacionada, pois nenhum deles pode ser totalmente compreendido

isoladamente. Por esta razão foi realizado um mapa síntese de toda a leitura, que auxiliará na percepção geral do bairro (Figura 52).

As vias se apresentam de maneira dominante, uma vez que proporcionam o deslocamento das pessoas, mantendo-as em contato com este elemento todos os dias. Entretanto, a rua Alvaro Gomes Teixeira também se caracteriza como um limite, pois realiza o

contorno do bairro. Também como limite, tem-se a vegetação da mata no perímetro do bairro e as demais áreas vazias que o circunda.

A partir da identificação destes dois elementos já é possível obter-se uma visualização do bairro, em que os marcos e os pontos nodais constituem de maneira pouco expressiva a imagem do local.



**Figura 52** – Mapa esquemático síntese da leitura visual

**Fonte:** Autora

### 3.4. Síntese

Todos os métodos de leitura aplicados no Parque Primavera tiveram o objetivo de entender o espaço e observar quais pontos são de maior destaque e interesse para as propostas de intervenção. Neste sentido, faz-se necessário ressaltar quais são estes elementos (Figura 53) e quais suas influências para a população local.

As ruas do bairro são de interesse para o projeto, uma vez que seus caminhos não apresentam qualidades favoráveis para o descolamento das pessoas – como visto na leitura sobre as qualidades – e são justamente os elementos com os quais as pessoas mais tem contato – como visto na leitura visual.

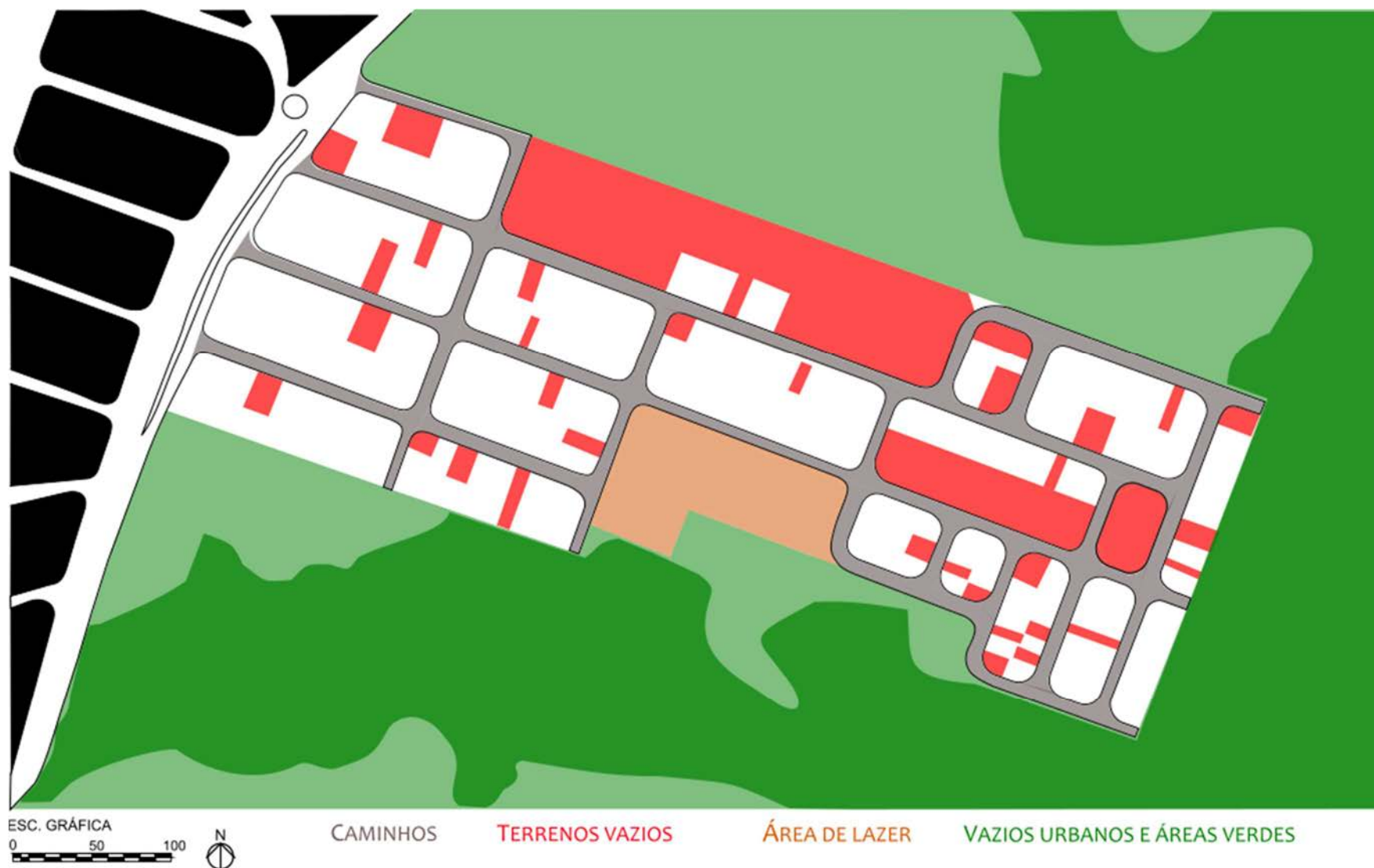
Os terrenos vazios foram apontados nas entrevistas como aspectos negativos do local. Entretanto este trabalho os coloca como elementos de interesse devido à ausência de diferentes usos do solo. Os terrenos podem servir a novos propósitos que auxiliem o desenvolvimento de atividades variadas, voltadas para as necessidades e desejos dos moradores.

A área de lazer é mencionada nas entrevistas e nas três leituras realizadas, o que revela sua importância para o bairro. Apesar da ausência de conforto e das ações de vandalismo, o uso do espaço

é intenso em determinados momentos. Esta intervenção é de grande interesse, para que se potencialize e diversifique seus usos e apropriações.

Por fim, as áreas verdes do entorno, assim como a topografia, também são elementos relevantes para o contexto local, devido sua forte presença. Por esta razão, estabelecer relações entre os moradores e a vegetação do entorno, e tomar partido da topografia são aspectos a serem tratados nas intervenções do bairro.

Todas estas preocupações visam favorecer a vivência no bairro, tendo-se em vista a necessidade e direito que cada cidadão tem de viver em locais com qualidade. Para o caso do Parque Primavera, esta premissa visa também aproximar os moradores do bairro em si, pois diversas vezes foi possível notar a ausência desta relação.



**Figura 53** – Mapa esquemático sobre elementos de interesse de projeto

**Fonte:** Autora

## 4. REFERÊNCIAS PROJETUAIS

Os projetos escolhidos como referência para este trabalho foram selecionados a partir dos elementos destacados na 3.5. Síntese e na Figura 56. Para tanto, procurou-se identificar projetos relacionados com intervenções em áreas verdes, áreas periféricas e carentes e projetos de pequenas intervenções na cidade, porém de grande importância para a vida das pessoas.

### 4.1. Parque Sitiê

Sitiê<sup>14</sup> é um Parque Urbano, de 8.500 m<sup>2</sup>, e um instituto para o Meio Ambiente, Artes e Tecnologia localizado na favela do Vidigal no Rio de Janeiro, cuja origem se deu a partir de ações comunitárias (Figura 54). Até a metade dos anos 1980, esta área era composta por Mata Atlântica e sítio.

Sua degradação teve início quando famílias invadiram o local, em 1986, e a prefeitura ao demolir as construções, e não obteve

êxito ao remover os entulhos. Durante 20 anos, cerca de 16 toneladas de diferentes tipos de lixo foram acumulados no local.

Em 2006, alguns moradores se uniram para retirar o lixo do local. Esta tarefa permitiu a descoberta de que a ação mais efetiva para recuperar a terra e deter novas invasões era através do plantio. Teve-se então um processo de reflorestamento, dando ao Sitiê o título de primeira agro-floresta do Rio de Janeiro, em 2012.

No mesmo ano, as lideranças do Sitiê tiveram contato com a comunidade global, levando o parque a uma nova etapa. O projeto expandiu seu território, passando de 1.500 m<sup>2</sup> para o atual de 8.500 m<sup>2</sup>, assim como as atividades oferecidas em diferentes áreas, como educação, desing, agricultura urbana, reflorestamento, artes, cultura, tecnologia e empreendedorismo.

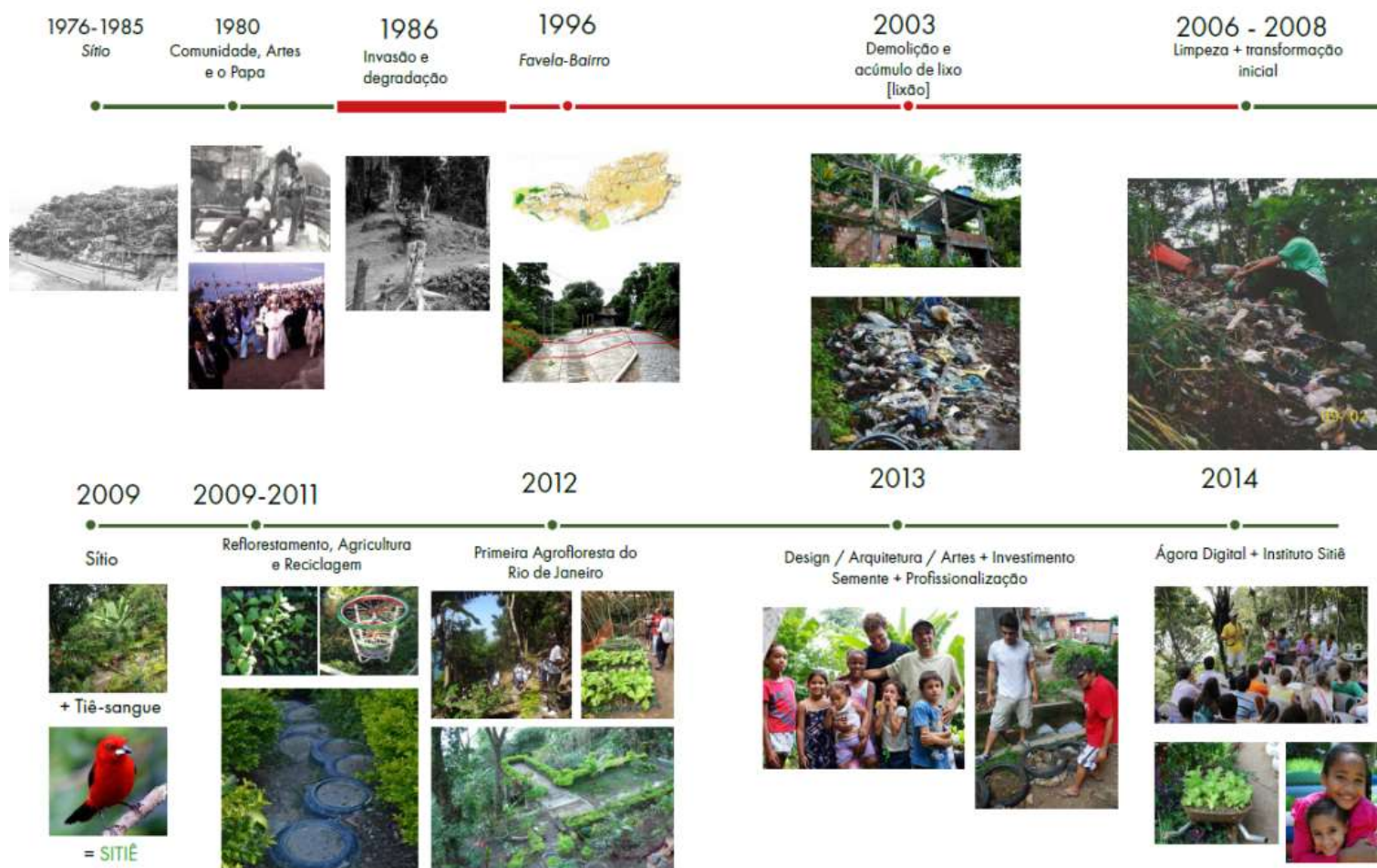
O destaque atribuído ao projeto deriva de sua criação e liderança realizada através da própria comunidade local, que integra diferentes profissionais. As atividades oferecidas pelo Sitiê atingem tanto as crianças, com ações pedagógicas ligadas à natureza, oficinas de artes, robótica e programação, quanto profissionais e universidades voltados para a pesquisa, design e desenvolvimento em diferentes

---

<sup>14</sup>Sitiê. Disponível em: <<http://www.parquesitie.org>>.

áreas. Nas Figuras 55 e 56 é possível observar o parque aberto para a comunidade.

## HISTÓRIA



**Figura 54** – Cronologia do Parque e Instituto Sitiê

**Fonte:** Site Sitiê



**Figura 55 e 56** – Visitantes no Parque Sitiê

**Fonte:** Site Sitiê

## 4.2. Eco trilha La delicia

A Eco-trilha La Delícia<sup>15</sup> (Figuras 57 e 58) é um projeto realizado pelo grupo Estudio 685, ganhador de um concurso público, o qual está inserido no Programa de Intervenções Territorial e Integral, criado pelo Governo Central da República do Equador, para motivar projetos que incentivem melhor qualidade de vida e infraestrutura turística no país.

O projeto foi realizado para a cidade de Rio Verde, que abriga um dos maiores atrativos naturais do país, a cascata Pailón del Diablo. Próximo a este complexo turístico, encontra-se a população de La Delicia, de cerca de 40 famílias situadas nas bordas de uma montanha, onde uma eco trilha foi estabelecida com o passar dos anos.

Atualmente este local apresenta diversos problemas de acessibilidades relacionados com sua formação geológica, apresentando superfície instável, com a ausência de escoamento adequado para água da chuva e sistema de iluminação. Neste sentido, o Estudio 685 realizou diferentes estudos para obter soluções imediatas para o local, e para criar um espaço com atrativos turísticos.

<sup>15</sup> VALENCIA, N. Comienza construcción en Ecuador de sendero ecológico diseñado por Estudio 685. Disponível em: <<http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/781084/estudio-685-comienza-construccion-de-sendero-ecologico-en-ecuador>>.

Esta estratégia tem como objetivo reforçar a relação entre os moradores locais e os visitantes, assim como transformar a trilha em um instrumento urbano capaz de gerar desenvolvimento econômico, social, ambiental e turístico, e melhorar a qualidade de vida da população. Para tanto, a eco trilha foi projetada a partir de três principais estratégias, diferenciadas entre Participação, Paisagem e Ambiente.

A Participação refere-se à incorporação da população como elemento ativo e direto na proposta, tendo-se esta conciliação obtida através da realização de duas fases de projeto, a primeira caracterizada por debates e diálogos e a segunda por acordos e aceitações, para o projeto definitivo.

A Paisagem diz respeito as propostas de intervenções para os caminhos (Figuras 59 a 61), definindo-se o tipo de revestimento, dando preferência para as pedras locais; um sistema de canalização da água, e um sistema de iluminação que não afete os ecossistemas; e a implantação de elementos arquitetônicos, que integrem a paisagem.

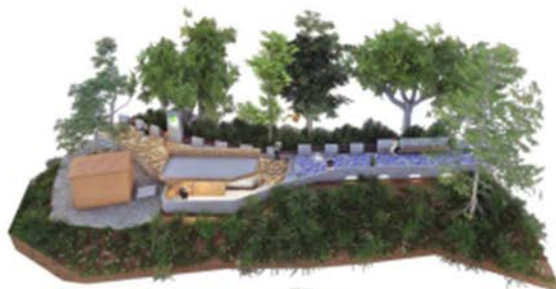
E o Ambiente tem como base destacar os aspectos próprios do local, reforçando sua flora, através de plantio, manutenção

a longo prazo, que possibilita atrair espécies da fauna local, evitar a erosão da montanha, e converter o local em um circuito verde.



**Figura 57 e 58 –**  
Estruturas da Eco-  
trilha La Delícia

**Fonte:** Plataforma  
Arquitectura



**Figura 59 a 61** – Caminhos da Eco-trilha La Delícia

**Fonte:** Plataforma Arquitectura

### 4.3. Quipus verdes

Quipus verdes<sup>16</sup> foi uma proposta que ficou em segundo lugar no Concurso Cerros Isla para o Corredor Verde de San Bernardo, cuja competição buscava, através de projetos referentes a um corredor verde de valor ecológico e paisagístico, proporcionar relevância para os recursos geográficos de San Bernardo, relativos a um sistema de cinco cerros isla de Santiago (Chena, Hasbún, Adasme, Negro e Los Morros) e sua rede hidrográfica.

Esta proposta partiu de uma análise multi escalar, embasada em descrição, interpretação e valorização da paisagem, com o objetivo de se aproximar da identidade do local. O que permite a coerência entre o modelo e a história e cultura da área de intervenção.

O projeto é composto por um sistema de infraestrutura verde, que considera os espaços verdes e abertos existentes, assim como as potencialidades mais importante para sustentar as funções ecológicas e sociais (Figura 62 a 66). Mantem-se assim a saúde ecológica em harmonia com as múltiplas necessidades da população.

<sup>16</sup> Equipo Editorial. 'Quipus verdes: entrelazando naturaleza y sociedad', segundo lugar en Concurso Cerros Isla: Corredor Verde San Bernardo. Disponível em: <<http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/775014/quipus-verdes-entrelazando-naturaleza-y-sociedad-segundo-lugar-en-concurso-cerros-isla-corredor-verde-san-bernardo>>.

Neste sentido, tem-se a finalidade de fazer uso da natureza para construir novos locais de lazer e contemplação para a sociedade. Destaca-se a qualidade ambiental, a partir da estruturação de um corredor biológico, conectado aos principais pontos de confluência de pessoas.

A proposta de Quipus Verde busca potencializar sua multifuncionalidade através da conexão entre a infraestrutura verde e os espaços, favorecendo a mobilidade das pessoas e dos veículos não motorizados, garantido acessibilidade a todos. Sua estimativa para consolidação deste projeto urbano e paisagístico refere-se ao período de 20 anos.



**Figura 62 a 66** – Propostas de intervenções do Quipus Verde

**Fonte:** Plataforma Arquitectura

## 4.4. Urbanização do Complexo Cantinho do Céu

O projeto de urbanização do complexo Cantinho do Céu<sup>17</sup>, realizado pelo grupo Boldarini Arquitetura e Urbanismo em conjunto com demais profissionais em 2008, teve como objetivo integrar um assentamento precário ao restante da cidade, oferecendo-lhe qualidade e infraestrutura urbana necessária para o desenvolvimento dos indivíduos (Figuras 67 a 70).

Para tanto, elaborou-se a proposta com base em estudos e diretrizes feitos pela Secretaria Municipal de Habitação, juntamente com a Promotoria Pública, como uma possibilidade à ação civil pública que indicava a desocupação do local.

Tendo-se em vista a complexidade do assentamento, que consiste em uma área de densa ocupação, consolidada, extensa, de fragilidade ambiental e com acesso a represa Billings, diferentes formas de abordagens para o projeto foram necessárias.

**Figura 67 a 70** – Vistas do Complexo Cantinho do Céu antes e depois da intervenção

**Fonte:** Archdaily Brasil



<sup>17</sup> URBANIZAÇÃO do Complexo Cantinho do Céu / Boldarini Arquitetura e Urbanismo. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/157760/urbanizacao-do-complexo-cantinho-do-ceu-slash-boldarini-arquitetura-e-urbanismo>>.

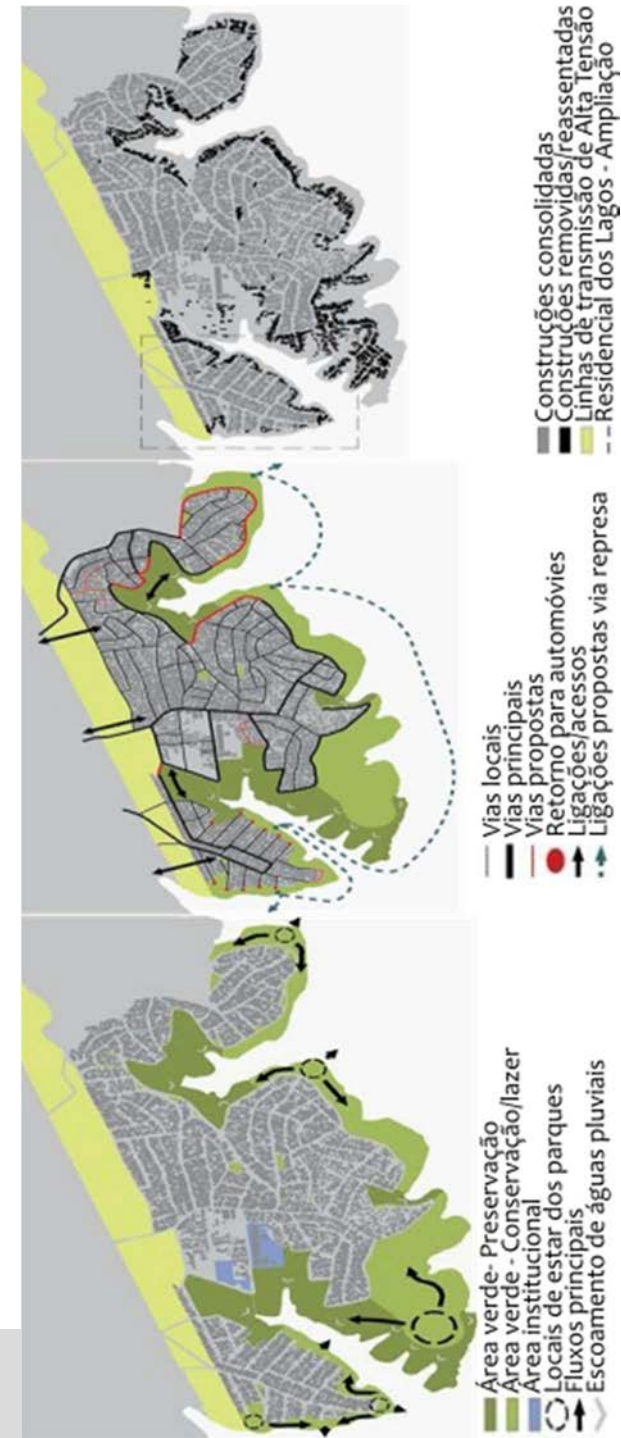
Foram elaboradas hipóteses de intervenção, cuja finalidade buscava preencher os déficits de infraestrutura, assim como qualificar e integrar o conjunto à cidade. Neste sentido, o aspecto principal do projeto é o destaque do espaço público para a população local, colocando-o como essencial para a qualidade do bairro (Figuras 71 a 73).

As primeiras intervenções concentraram-se na melhoria dos acessos e mobilidade, no oferecimento de infraestrutura de saneamento ambiental, e na redução do impacto ambiental. Para a melhoria dos acessos, buscou-se integrar e conectar o assentamento em si e com a estrutura viária do entorno, abrindo-se novas ruas, vielas ou escadarias.

Às margens da represa Billings, utilizou-se cerca de 7 km de extensão para a construção de um parque. Foram criados espaços com diversos usos, como lazer, contemplação, esporte e recreação, atraindo diferentes faixas etárias. Para relaciona-lo com o entorno construído foi proposto o tratamento das faces cegas das edificações com painéis assimilados ao local.

**Figura 71 a 73** – Esquemas de intervenção do Complexo Cantinho do Céu

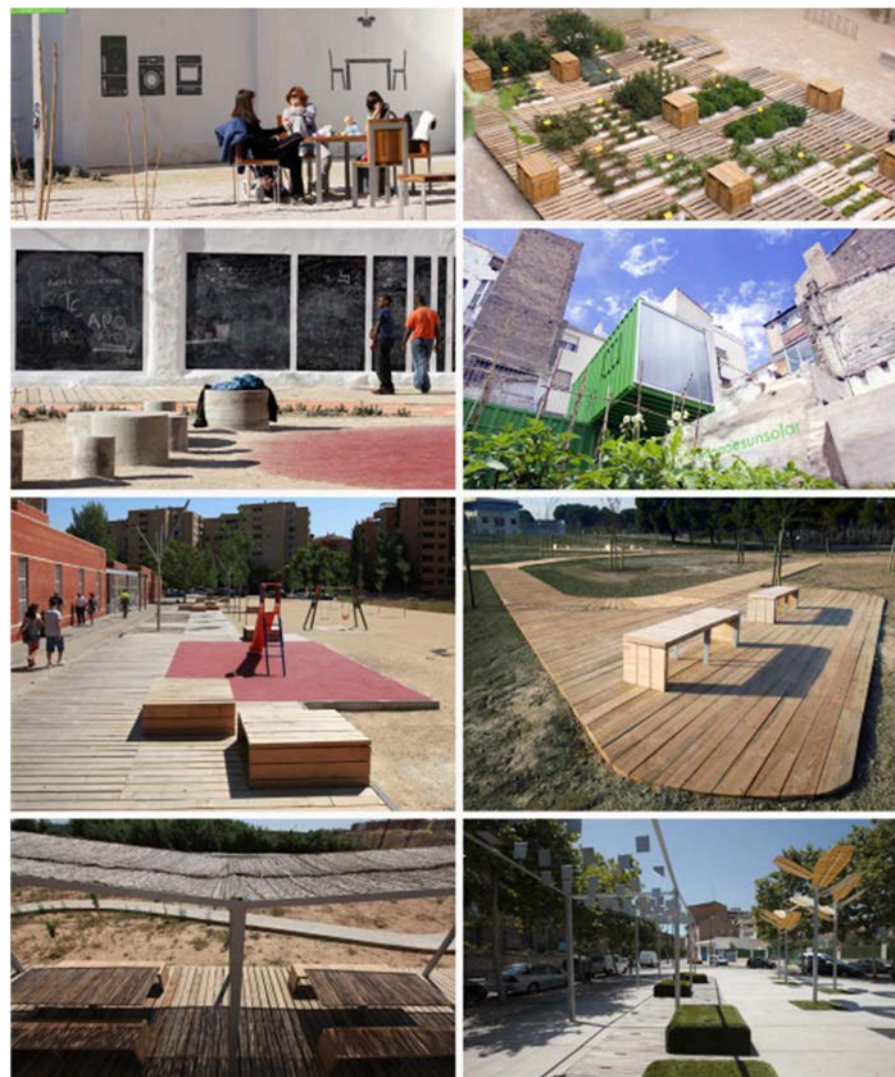
**Fonte:** Archdaily Brasil, modificado pela autora



O parque estabelece um limite entre a represa e a área de ocupação, além de possibilitar apropriações coletivas. Neste sentido as áreas livres no complexo funcionam como um sistema de áreas verdes, relacionando o lazer à preservação. Percebe-se então que a intervenção proporcionou a qualidade de vida para a população ao destacar o lazer, obtendo resultados que ultrapassam as preocupações referentes a qualidade ambiental.

#### 4.5. Estonoesunsolar

O projeto experimental de “acupuntura urbana”, chamado Estonoesunsolar<sup>18</sup> (isso não é um terreno vazio<sup>19</sup>) foi desenvolvido em 2009 e 2010, na cidade de Saragoça, na Espanha, cujo objetivo era transformar diferentes terrenos baldios em uma rede de espaços públicos voltados para as pessoas. Foram realizadas 33 intervenções em diferentes pontos da cidade e mais de 60 associações cidadãs foram envolvidas no processo.



**Figura 74 a 81** – Exemplos de intervenção do projeto Estonoesunsolar

**Fonte:** Archdaily Brasil

<sup>18</sup> Mackenzie, A. Estonoesunsolar: Finding Opportunity in Emptiness in Zaragoza, Spain. Disponível em: <<http://www.pps.org/blog/not-empty-plot-finding-opportunity-emptiness-historical-city-zaragoza-2/>>.

<sup>19</sup> BARATTO, R. “Isso não é um terreno baldio”: Reconvertendo lugares vazios do espaço público [Parte I]. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/189032/isso-nao-e-um-terreno-baldio-reconvertendo-lugares-vazios-do-espaco-publico-parte-i>>.

O projeto não surgiu como um projeto de arquitetura, mas como uma iniciativa da Secretaria Municipal de Habitação, que através da contratação de 61 pessoas para a limpeza dos terrenos baldios, visualizou a possibilidade de solucionar as queixas existentes relativas a estes espaços.

Muitas agências e associações observaram o potencial do programa, e após a reunião de propostas de diferentes grupos de bairro, associações e arquitetos, o projeto, o qual seria coordenado pela Secretaria Municipal de Habitação e os arquitetos Patrícia Di Monte e Ignacio Grávalos, começou a ser estruturado.

Entre julho e dezembro de 2009, Estonoesunsolar entrevistou em 14 terrenos, públicos e privados, de maneira temporária, flexível e de baixo custo, convertendo os locais em espaços verdes, hortas urbanas, parques infantis (Figuras 74 a 81). O uso de cada localidade foi definido a partir das necessidades sociais e espaciais das áreas do entorno.

O destaque para o envolvimento da comunidade nas etapas do Estonoesunsolar tem sido o elemento principal para seu sucesso. Tem-se um projeto de intervenções em diferentes pontos de

uma microescala, cuja conexão entre elas torna possível o impacto em toda a vizinhança de modo geral.

## 4.6. The Pavement to Parks

The Pavement to Parks<sup>20</sup> é um projeto que integra as estratégias da cidade de São Francisco, nos Estados Unidos, para a criação de ruas e completas e novos espaços públicos. Neste sentido, busca-se intervir nas calçadas, oferecendo além de equilíbrio entre os espaços para caminhar e a área dos veículos, espaços de permanência através de pequenos parklets e praças.

Neste projeto são oferecidas oportunidades para as comunidades criem pequenos, porém importante, espaços públicos em seus próprios bairros. Por ser um espaço estruturado e mantido pela população local, seu acesso é aberto a todos.

Estes locais refletem a diversidade e criatividade dos grupos que os constroem, devido a diferença de mobiliário e elementos presentes em cada um. Também relembram o potencial das

---

<sup>20</sup> Parklet manual version 2.2.. Disponível em: < [http://pavementtoparks.org/wp-content/uploads//2015/12/SF\\_P2P\\_Parklet\\_Manual\\_2.2\\_FULL1.pdf](http://pavementtoparks.org/wp-content/uploads//2015/12/SF_P2P_Parklet_Manual_2.2_FULL1.pdf)>.

ruas, favorecem a segurança dos pedestres e a interação entre pessoas de diferentes bairros.

O primeiro parklet foi implementado em São Francisco, em 2010, e após março de 2015, mais de 50 parklets já haviam sido instalados em toda a cidade, assim como em outras cidades do mundo. Como exemplo temos a instalação do parklet, na rua 22nd Street<sup>21</sup> (Figuras 82 a 85), em São Francisco, durante os meses de outubro de 2010 a agosto de 2013.

Neste espaço foram colocados bancos, mesa interativa, e bicicletário. O paisagismo foi constituído por plantas com pouca necessidade de água, e o deck foi feito com bambu. Mesmo com o caráter público e de livre acesso, sua manutenção diária foi realizada por três estabelecimentos que ficavam de frente para a instalação.

O custo do parklet foi pago inteiramente por doações realizadas por um morador, e os três estabelecimentos comerciais, os quais realizaram a manutenção. A construção e o projeto da instalação foram feitos gratuitamente para a cidade com a ajuda de voluntários.



**Figura 82 a 85** – Parklet na rua 22nd Street e corte da rua

**Fonte:** Site Pavement to Park

<sup>21</sup> 22nd Street Parklet. Disponível em: < <http://pavementtoparks.org/parklets/featured-parklet-projects/22nd-street-parklet/>>.

## 4.7. Síntese das leituras de projeto

A partir da apresentação dos projetos escolhidos, faz-se necessário pontuar suas principais características, para que se torne claro a importância de cada um deles para os estudos de intervenção Parque Primavera.

O Parque e Instituto Sitiê é um notável exemplo de recuperação de área degradada. Seu ponto mais destacável é a iniciativa e participação da comunidade local, a qual potencializa a relação entre o morador e o espaço. Tal aspecto é grande interesse para a intervenção no bairro, tendo-se em vista a presença das áreas verdes do entorno.

A eco trilha La Delicia demonstra como intervenções de baixo impacto em áreas verdes contribuem para a qualidade de vida das pessoas. Destaca também a importância da participação da população local, tendo-se em vista as influências que as intervenções irão causar em suas vidas. Neste sentido, o projeto reforça a necessidade de realizar propostas coerentes com o contexto local.

A proposta do Quipus Verde transforma a natureza em novos pontos de lazer e encontro, buscando compatibilizar os cuidados com estes espaços e as necessidades urbanas. Este projeto

impõe a observação da relação do Parque Primavera e as áreas verdes, assim como a relação de ambos com os bairros do entorno, conduzindo para o pensamento de formas de conexão entre as diferentes áreas.

A Urbanização do Cantinho do Céu é de grande importância para o estudo do Parque Primavera, devido as problemáticas na qual se insere. Tem-se o desafio de integrar o assentamento, com o restante da cidade, além de oferecer qualidade de vida para os moradores. A principal característica desta proposta é a escolha dos espaços públicos como elemento responsável por aprimorar a vida das pessoas.

Por fim, tanto o projeto Estonoesunsolar quanto o Pavement to Park observam a importância de pequenas intervenções em nível local. Ao se trabalhar os terrenos vazios, Estonoesunsolar atribui diferentes usos coerentes com a vizinhança, enquanto o Pavement to Park, devolve parte das ruas ocupadas por carros aos pedestres.

Ambos buscam com esses projetos aproximar as pessoas e favorecer suas relações com a cidade. Neste sentido contribuem para o entendimento de que as intervenções na escala do

bairro são igualmente importantes, uma vez que favorecem a criação do sentimento de pertencimento entre as pessoas e o local.

## 5. O PROJETO

Após todos os levantamentos com relação ao Parque Primavera, juntamente com as leituras teóricas e projetuais, foi possível elaborar estudos preliminares para o traçado de propostas de intervenção. Posteriormente, foram elaboradas diretrizes gerais que abrangeram o entorno próximo ao bairro, assim como propostas específicas para o Parque Primavera.

### 5.1. Estudos Preliminares e Propostas de intervenção

O primeiro mapa esquemático (Figura 86) elaborado para os estudos preliminares sintetiza os aspectos positivos (em azul)

e negativos (em preto) do local, identificados ao longo das leituras, juntamente com as intenções de intervenção (em amarelo). Estas intenções têm como finalidade transformar os principais aspectos negativos em locais favoráveis para a circulação e vivência dos moradores, além de potencializar os aspectos positivos.

Para exemplificar essas intervenções foram escolhidas as ações do Estonoesunsolar<sup>22</sup> para demonstrar as possibilidades de uso para os terrenos vazios; o projeto do Museu Aberto Cratera de Colônia<sup>23</sup>, como exemplo para a aproximação do bairro com as áreas verdes; a Praça Victor Civita<sup>24</sup>, como exemplo para reformulação da área de lazer; e a instalação de parklets<sup>25</sup> nas ruas para a ampliação dos espaços dos pedestres.

No mapa esquemático da Figura 87, são detalhadas as intenções de projetos para as ruas do Parque Primavera. Cortes esquemáticos demonstram a situação atual das ruas e a situação pretendida (Figura 87), diminuindo-se o espaço dos carros e

---

<sup>22</sup> *Idem* 18

<sup>23</sup> HELM, J. Museu Aberto Cratera de Colônia / Levisky Arquitetos Associados. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/6536/museu-aberto-cratera-de-colonia-levisky-arquitetos-associados>>.

<sup>24</sup> HELM, J. Praça Victor Civita / Levisky Arquitetos e Anna Julia Dietzsch. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/10294/praca-victor-civita-levisky-arquitetos-e-anna-julia-dietzsch>>.

<sup>25</sup> GAETE, C. M. 12 ideias para fazer das cidades lugares mais adequados para crianças. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/187743/12-ideias-para-fazer-das-cidades-lugares-mais-adequados-para-criancas>>.

aumentando a disponibilidade de locais para apropriação dos pedestres. Para ilustrar estas intervenções, é apresentada uma rua compartilhada<sup>26</sup>, onde as pessoas têm mais espaço para circulação e permanência do que os carros.

Neste mapa também são apresentadas as intenções para a aproximação entre a área verde e a área construída. Para tanto, o corte esquemático referente a situação atual demonstra como a vegetação funciona como uma barreira, e o corte da situação pretendida visa estabelecer relações entre ambas, a partir da construção de novos espaços de lazer. O projeto do Museu Aberto Cratera de Colônia<sup>27</sup> foi novamente utilizado como exemplo para demonstrar as possibilidades de atuação no bairro.

A legislação sobre o sistema viário de Presidente Prudente indica a construção de uma via coletora ao final do bairro. Esta via será considerada entre as intenções de projeto, uma vez que

seu estabelecimento irá possibilitar novas formas de conexão entre o bairro e a malha urbana, além de interferir na relação entre a área construída e a área verde. Desta maneira sua estruturação será realizada segundo a premissa das intervenções apresentadas anteriormente, destacando-se os espaços para os pedestres.

Por fim, o mapa esquemático da Figura 88 indica as intenções de projeto para os terrenos vazios e para a área de lazer. Para o favorecimento da diversidade dentro do bairro, serão propostas novas apropriações de lazer e novas instalações de comércio. As novas apropriações de lazer para os terrenos são ilustradas (Figura 88) com a instalação de um cinema<sup>28</sup> e um mirante<sup>29</sup> com estruturas móveis; os novos locais de comércio com um bar<sup>30</sup>/lanchonete a partir de estruturas existentes no local e de baixo impacto; e para as áreas institucionais buscou-se direcionar o uso educacional infantil<sup>31</sup>.

<sup>26</sup> TELLA, G.; AMADO, J. O Papel das ruas compartilhadas: Como recuperar a qualidade de vida no espaço público / Guillermo Tella e Jorge Amado. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/794322/o-papel-das-ruas-compartilhadas-como-recuperar-a-qualidade-de-vida-no-espaco-publico-guillermo-tella-e-jorge-amado>>.

<sup>27</sup> *Idem* 23

<sup>28</sup> CINEMA usera. Disponível em: <<http://www.todoporlapraxis.es/?p=2693>>.

<sup>29</sup> MIRANTE de fechos. Disponível em: <<http://www.micropolis.com.br/Mirante-de-Fechos>>.

<sup>30</sup> BAR la fábrica. Disponível em: <<http://www.todoporlapraxis.es/?p=2679>>.

<sup>31</sup> JARDIM de Infância El Pinal / Felipe Bernal Henao + Javier Castañeda Acero + Alejandro Restrepo Montoya. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/179336/jardim-de-infancia-el-pinal-slash-felipe-bernal-henao-plus-javier-castaneda-acero-plus-alejandra-restrepo-montoya>>.

A intervenção na área de lazer (Figura 92) tem como proposta qualificar o local a partir da substituição dos mobiliários, obtendo-se assim um espaço mais receptível aos usuários, com maiores possibilidades de apropriação. Neste sentido, buscou-se no projeto do parque infantil Bicentennial<sup>32</sup>, exemplos de mobiliários que aproximem as crianças, e também favorecem a interação entre as pessoas, e no projeto da Praça Victor Civita<sup>33</sup>, instalações que possibilitem a proteção contra o clima quente da região.

---

<sup>32</sup> BICENTENNIAL Children's Park. Disponível em: <<http://www.elementalchile.cl/en/projects/parque-bicentenario-de-la-infancia/>>.

<sup>33</sup> *Idem* 24



**Figura 86** – Mapa esquemático dos aspectos positivos, negativos e intenções de projeto

**Fonte:** Autora

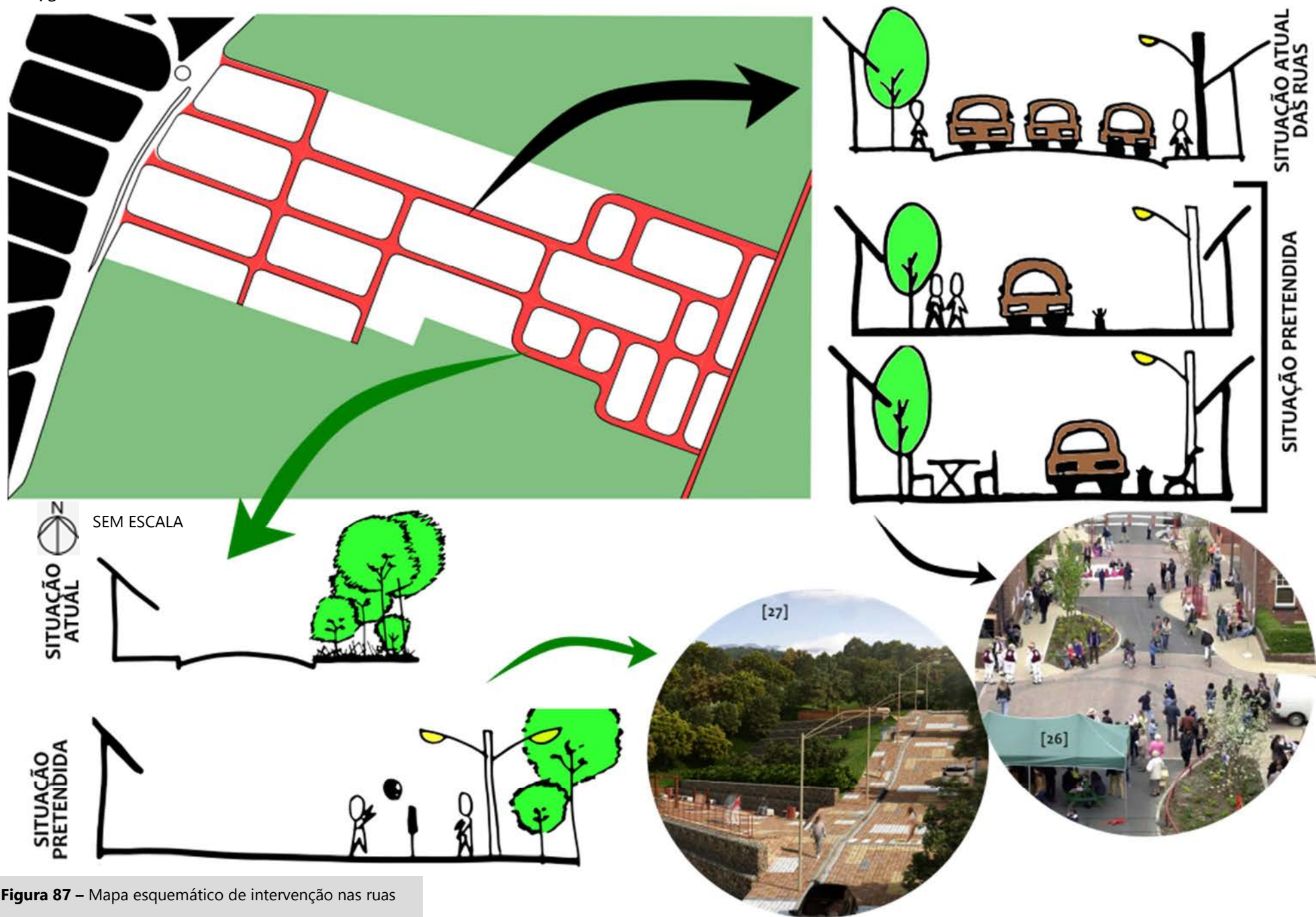


Figura 87 – Mapa esquemático de intervenção nas ruas

Fonte: Autora

INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS INFANTIS

APROPRIAÇÕES A SEREM APLICADAS NOS TERRENOS



MOBILIÁRIO PARA ÁREA DE LAZER



INSTALAÇÕES DE MIRANTE PARA VALORIZAÇÃO DA TOPOGRAFIA



SEM ESCALA

Figura 88 – Mapa esquemático de intervenção nos terrenos

Fonte: Autora

## 5.2. Diretrizes e Detalhamentos

Este trabalho visa potencializar a experiência urbana vivida pelos moradores do Parque Primavera, através de intervenções que qualifiquem sua vida cotidiana. Neste sentido é possível aprimorar a qualidade de vida de um bairro periférico, a partir de intervenções que abrangem a escala do entorno, bem como a escala local.

### 5.2.1. Entorno

As áreas do entorno do Parque Primavera correspondem a Mata do Furquim e aos vazios urbanos. Devido a presença das áreas verdes e a intenção de se criar novas conexões entre o bairro e a malha urbana, foram propostas diretrizes de acordo com as legislações municipais e ambientais. Buscou-se aproximar o Parque Primavera do restante da cidade, respeitando e potencializando as áreas verdes (Figura 89 e 90).



**Figura 89 e 90** – Situação atual da malha urbana e diretrizes para o entorno do Parque Primavera

**Fonte:** Google Maps, 2016 e Autora

### Vias e área de expansão

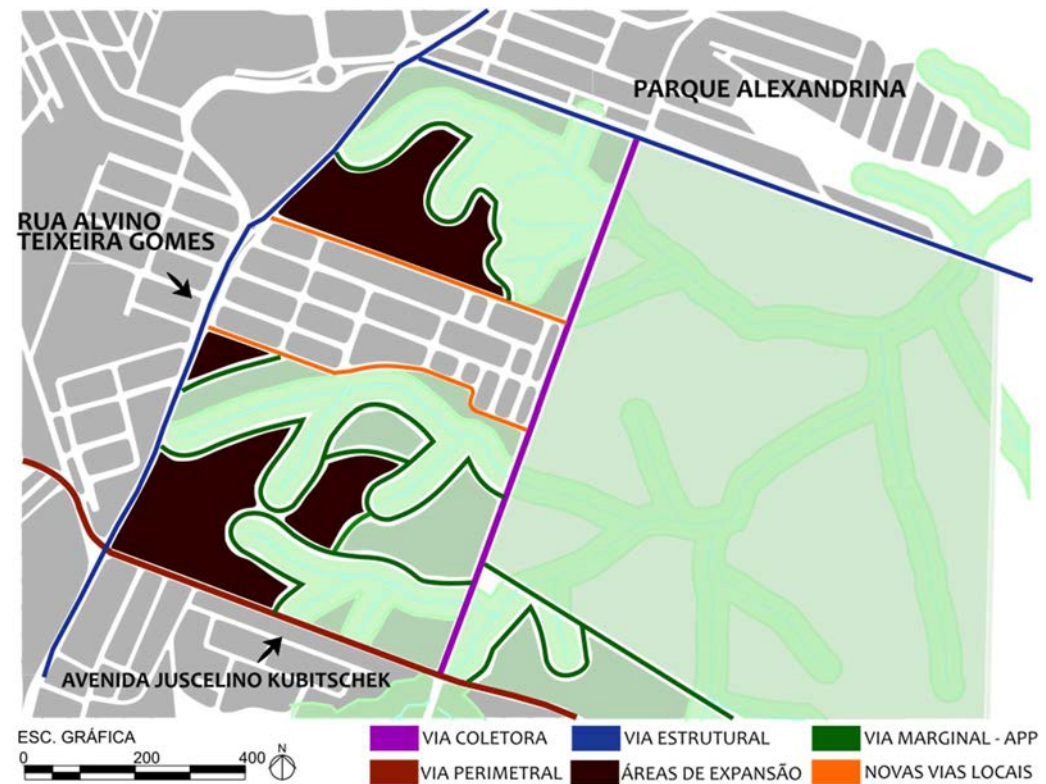
Para que fossem estabelecidas novas conexões entre o Parque Primavera e a malha urbana, optou-se por criar novas vias e novas áreas de expansão. Neste sentido, foi consultado a legislação municipal sobre o parcelamento do solo (Lei 154/2008) e sobre o sistema viário (Lei 155/2008).

Segundo a Lei 154/2008 “ao longo das áreas de preservação de fundo de vales, junto às águas correntes (...) será obrigatória a implantação e execução de uma via marginal (...)”. Sob esta perspectiva foram traçadas vias marginais na extensão das APPs e também no entorno da Mata do Furquim (Figura 91 e 92).

Delimitou-se as áreas verdes, criando uma separação física entre elas e as áreas passíveis de ocupação, chamadas de áreas de expansão (Figura 91). Com esta distinção pretende-se impedir o avanço ilegal sobre as áreas verdes, e aproxima-las da população, para que sua presença não seja vista como um entrave para a expansão urbana.

A Lei 155/2008 prevê a implantação de uma via coletora (Figura 91 e 92) ao final do Parque Primavera e via estrutural próximo ao Parque Alexandrina. Ambas são incorporadas ao projeto, e complementadas com a proposição de uma ciclofaixa junto as áreas

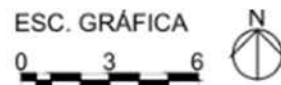
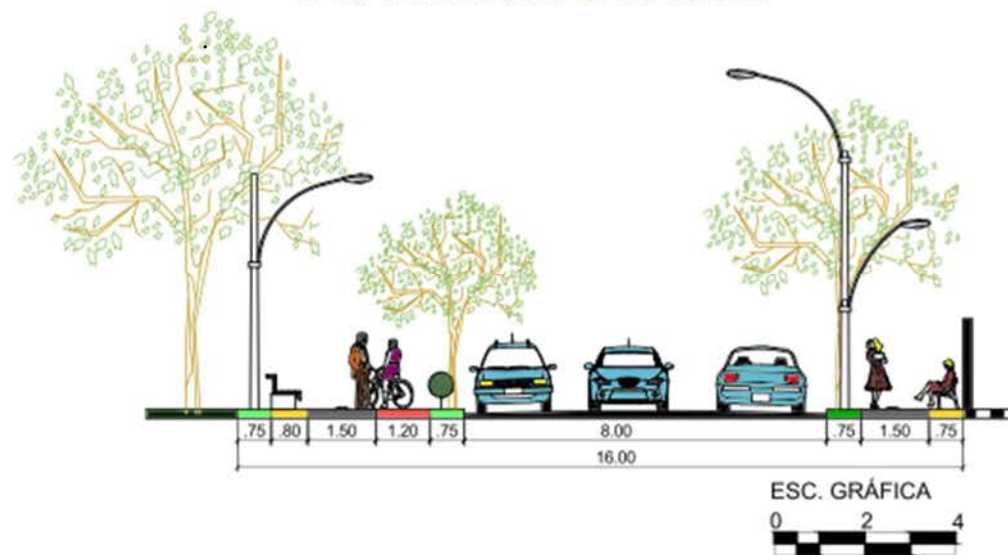
verdes e a Mata do Furquim (Figura 91 e 92). No Parque Primavera foram propostas a aberturas de duas novas vias locais, as quais não são propostas pela Lei 155/2008. Na Figura 91, além das vias anteriores, foram demarcadas a via estrutural correspondente a rua Alvino Teixeira Gomes e a via perimetral correspondente a Avenida Presidente Juscelino Kubitschek, já existentes.



**Figura 91** – Mapa esquemático do traçado das novas vias e áreas de expansão

**Fonte:** Autora

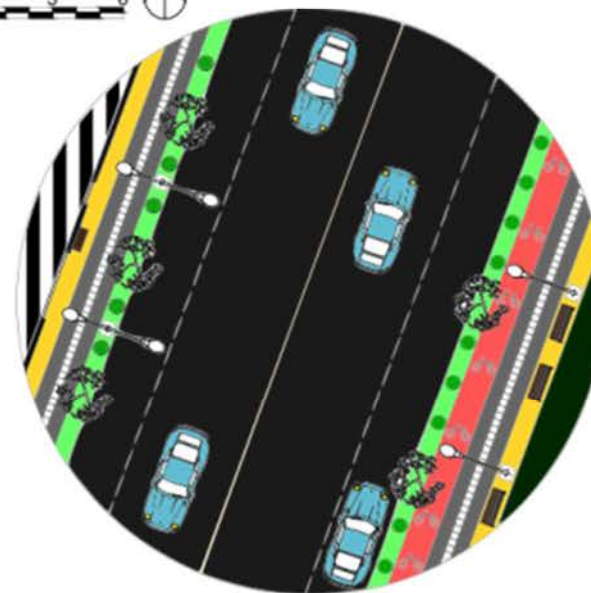
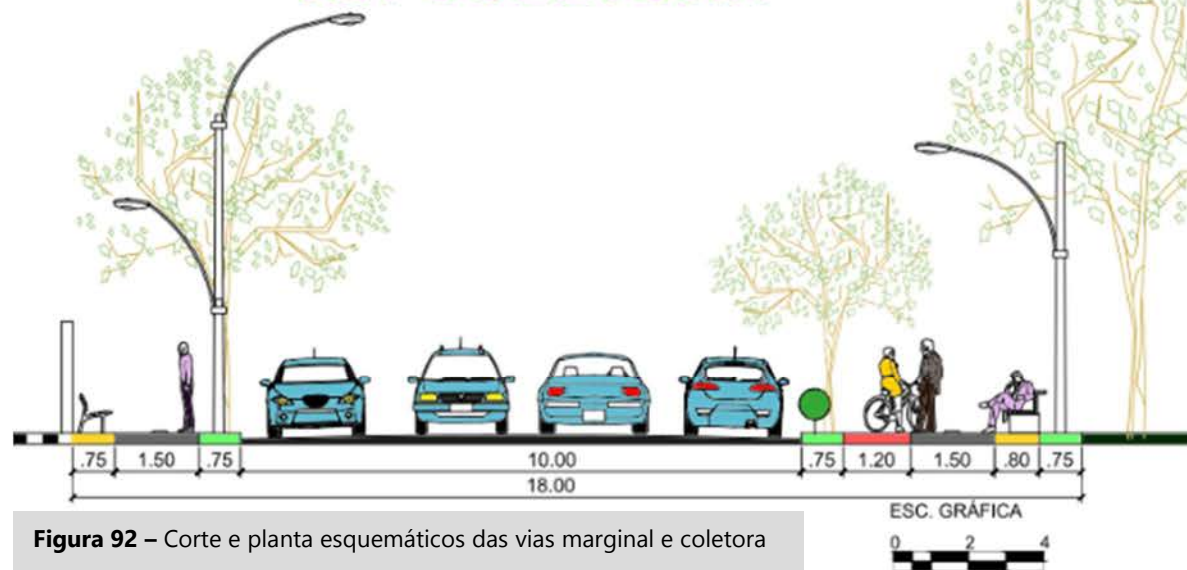
# VIA MARGINAL



- FAIXA DE ACESSO E PERMANÊNCIA
- FAIXA DE SERVIÇO
- FAIXA LIVRE
- CICLOFAIXA
- ÁREA RESIDENCIAL
- PISO TÁTIL
- ÁREA VERDE



# VIA COLETORA



**Figura 92** – Corte e planta esquemáticos das vias marginal e coletora

Fonte: Autora

Para as áreas de expansão, o projeto propõe sua ocupação através de loteamentos de acordo com as legislações vigentes e ainda compatíveis com as características do terreno. Neste sentido torna-se possível conectar o Parque Primavera com o tecido urbano

### Áreas verdes e Mata do Furquim

Algumas regiões do vazio urbano no entorno do Parque Primavera não correspondem às APPs, porém apresentam densa vegetação. Por esta razão, ao criar novas rotas, decidiu-se criar novas áreas verdes (Figura 93). Segundo a Lei 154/2008, nessas áreas são permitidos os usos previstos na resolução CONAMA 369/06, os quais correspondem a

Art. 8º (...) III- (...) § 2º(...)

- a) trilhas ecoturísticas;
- b) ciclovias;
- c) pequenos parques de lazer, excluídos parques temáticos ou similares;
- d) acesso e travessia aos corpos de água;
- e) mirantes;
- f) equipamentos de segurança, lazer, cultura e esporte;
- g) bancos, sanitários, chuveiros e bebedouros públicos;



**Figura 93** – Mapa esquemático das novas áreas verdes, APP e Mata do Furquim

**Fonte:** Autora

Foram selecionados os projetos do Museu Aberto Cratera de Colônia<sup>34</sup> e Nuevo Horcones<sup>35</sup> como exemplos de possibilidades de ocupação das áreas verdes (Figuras 94 a 96), caracterizando os espaços como novos locais de lazer.

Com relação as APPs (Figura 93), para o traçado da via marginal foi respeitado a determinação do limite mínimo de 30 metros do leito do Córrego da Cascata, permitindo que sua região cumpra com sua definição, segundo a Lei 153/2008

Art. 23. As Zonas de Preservação e Proteção Ambiental - ZPPA destinam-se exclusivamente a preservação e proteção de mananciais, fundos de vales, nascentes, córregos, ribeirões, matas e vegetações nativas. Quaisquer obras nestas zonas restringem-se a correções de escoamento de águas pluviais, saneamento, combate à erosão ou de infraestrutura, e equipamentos de suporte às atividades de lazer e recreação.

Por fim, para complementar as legislações e decretos municipais referentes a Mata do Furquim (Figura 93), apresentados nas seções 1.2.2 Áreas verdes e 1.2.3. Legislação, este trabalho buscou um

<sup>34</sup> *Idem* 23

<sup>35</sup> NUEVO horcones. Disponível em: <<http://www.elementalchile.cl/en/projects/nuevo-horcones/>>.



**Figura 94 a 96** – Possibilidades de intervenção nas áreas verdes

**Fonte:** Site Elemental e Archdaily Brasil

programa federal que auxilie na preservação da Mata e permita a interação com a população local.

Um dos instrumentos utilizados pelo governo federal para a proteção de áreas naturais é o Sistema Nacional de Conservação da Natureza (SNUC), promulgado pela Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. O SNUC permite a proteção dessas áreas de maneira eficaz e a manutenção dos recursos a longo prazo, através da criação de Unidades de Conservação (UCs), definidas pela lei como

Art. 2º Para os fins previstos nesta Lei, entende-se por:

I - unidade de conservação: espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção;

As UCs são diferenciadas em dois grupos: I - Unidades de Proteção Integral e II - Unidades de Uso Sustentável. O primeiro grupo destina-se a preservação da natureza admitindo apenas o uso indireto dos recursos naturais; e o segundo grupo permite a compatibilização da preservação da natureza com o uso sustentável de parte dos seus recursos naturais.

Para a utilização deste mecanismo de proteção sobre a Mata do Furquim, foi escolhido o primeiro grupo das UCs. Este grupo é composto por cinco categorias: I - Estação Ecológica; II - Reserva Biológica; III - Parque Nacional; IV - Monumento Natural; V - Refúgio de Vida Silvestre. Dentre as diferentes definições pela lei, a categoria que se adequa a realidade deste trabalho refere-se a III- Parque Nacional

Art. 11. O Parque Nacional tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico.

§ 1º O Parque Nacional é de posse e domínio públicos, sendo que as áreas particulares incluídas em seus limites serão desapropriadas, de acordo com o que dispõe a lei.

§ 2º A visitação pública está sujeita às normas e restrições estabelecidas no Plano de Manejo da unidade, às normas estabelecidas pelo órgão responsável por sua administração, e àquelas previstas em regulamento.

§ 3º A pesquisa científica depende de autorização prévia do órgão responsável pela administração da unidade e está sujeita às condições e restrições por este estabelecidas, bem como àquelas previstas em regulamento.

§ 4o As unidades dessa categoria, quando criadas pelo Estado ou Município, serão denominadas, respectivamente, Parque Estadual e Parque Natural Municipal. Grifo nosso

Neste sentido, este trabalho indica a criação de uma Unidade de Conservação, denominado como Parque Natural Municipal (propondo-se a iniciativa municipal), para auxiliar em sua proteção, assim como proporcionar maior relação com a população do Parque Primavera, e os demais bairros da zona norte.

A criação de uma UC<sup>36</sup> é realizada a partir do poder público (federal, estadual ou municipal), posteriormente a realização de estudos técnicos e consulta pública, a qual permite a participação da sociedade. Desta maneira, ficaria a cargo da Prefeitura Municipal requerer a criação da UC.

A partir da criação da UC, é necessário a realização de um plano de manejo<sup>37</sup>, dentro de, no máximo, cinco anos. Esse plano é preparado de acordo com os objetivos pelos quais a unidade foi criado. Para tanto são realizados diagnósticos físicos, biológicos e

sociais, e fixadas normas e restrições de uso e manejo dos recursos naturais e do entorno.

Um dos elementos do plano de manejo é o zoneamento da unidade, onde se organiza espacialmente os graus de proteção e regras de uso. O plano também auxilia na integração com as populações vizinhas, aspecto importante para a implantação de uma UC de modo eficaz. Desta maneira, entende-se que este mecanismo seria de grande contribuição para a preservação da Mata do Furquim.

### 5.2.2 Bairro Parque Primavera

A partir das intervenções no entorno, foi possível estabelecer as propostas para o perímetro do bairro. Para potencializar a experiência cotidiana no Parque Primavera foram realizadas intervenções nas áreas públicas, nas ruas, e foram traçadas ações para os terrenos vazios. A Figura 97 apresenta um esquema geral das intervenções.

---

<sup>36</sup> CRIAÇÃO uc's. Disponível em: < <http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/unidades-de-conservacao/criacao-ucs>>.

<sup>37</sup> PLANO de manejo. Disponível em: < <http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/unidades-de-conservacao/plano-de-manejo>>.



ESC. GRÁFICA  
0 50 100



ÁREA CONSTRUÍDA

ÁREA DE LAZER

ÁREA VERDE EXISTENTE

NOVAS ÁREAS VERDES

ÁREAS DE EXPANSÃO

APP

MATA DO FURQUIM

RUAS COMPARTILHADAS

TERRENOS VAZIOS

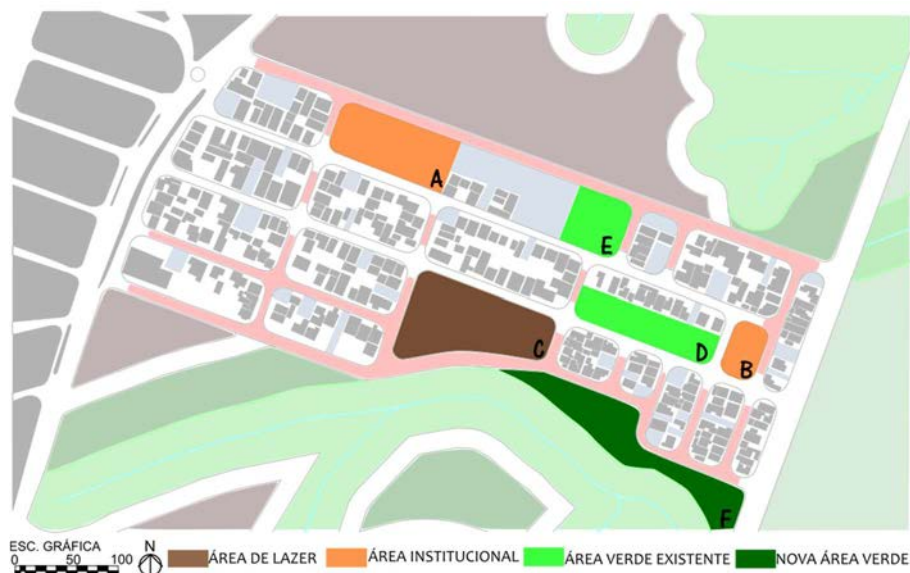
ÁREA INSTITUCIONAL

**Figura 97** – Mapa esquemático das intervenções propostas para o Parque Primavera

**Fonte:** Autora

### Áreas públicas

O Parque Primavera conta com duas áreas institucionais, uma área de lazer e três áreas verdes determinadas pelo zoneamento da Prefeitura. Estas áreas foram mantidas pelo projeto, tendo apenas expansão de uma área verde. Para as áreas institucionais (A e B) foram propostos equipamentos públicos; para a área de lazer (C) foi proposto a reformulação do espaço e do mobiliário; e para as áreas verdes (D a F) foram traçados novos locais de lazer (Figura 98).



**Figura 98** – Mapa esquemático com destaque para áreas públicas do Parque Primavera

**Fonte:** Autora

### Áreas Institucionais

A determinação dos equipamentos para as áreas institucionais partiu da demanda da população em conciliação com o contexto local e as propostas para o entorno. Com localização dos equipamentos públicos (Figura 5), nota-se que a escola infantil e a ESF mais próxima ao Parque Primavera encontram-se no Parque Alexandrina. Apesar de estarem locados no bairro vizinho, o vazio urbano e a declividade acentuada da topografia tornam as distâncias maiores entre a população e os equipamentos.

Ao serem consultados sobre as carências do bairro, os moradores indicaram a ausência de creche e posto de saúde, além de escola e estabelecimentos comerciais. Segundo Campos Filho (2010), a proximidade entre estes equipamentos e a moradia é desejável, de modo a permitir que a criança em idade suficiente possa se deslocar sozinha e a pé entre estes locais e sua casa.

Em seu escritório profissional, o autor estabelece a distância máxima de 800 metros entre as residências e estes equipamentos públicos, em seus projetos de bairros populares (CAMPOS FILHO, 2010). Através do Google Earth é possível identificar que entre o extremo do bairro e os equipamentos instalados no Parque

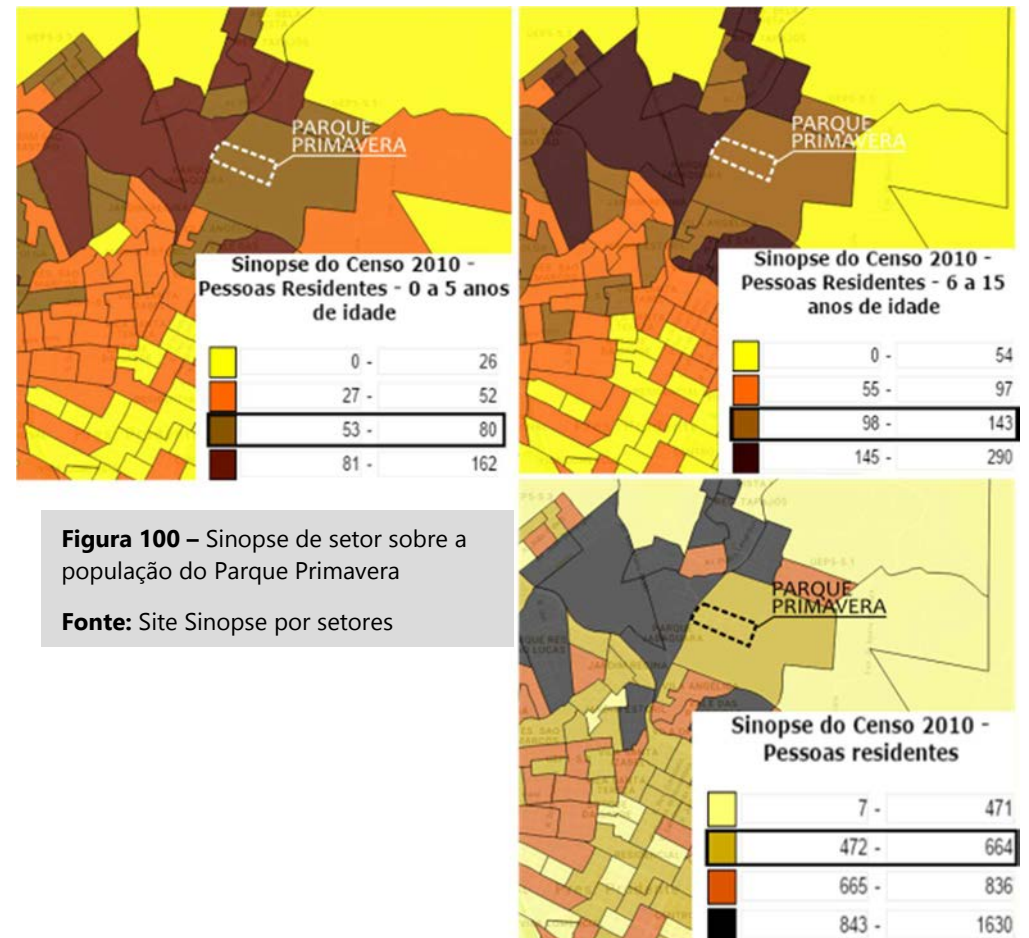
Alexandrina as distâncias são de 1274 metros até a ESF e 1778 metros até E.M.I. Profº Firmino De Almeida (Figura 99).



**Figura 99** – Distâncias entre o Parque Primavera e ESF e escola infantil

Fonte: Desenho pela autora sobre Google Earth (2016)

Após a determinação das distâncias, buscou-se identificar as diferenças de faixa etária da população do bairro, assim como a quantidade de moradores, através das sinopses de setor fornecidas pelo IBGE, segundo o censo de 2010. Foi possível notar a o significativo número de pessoas residentes entre 0 e 15 anos com relação a população residente no bairro (Figura 100).



**Figura 100** – Sinopse de setor sobre a população do Parque Primavera

Fonte: Site Sinopse por setores

Estes estudos aliados a proposta de ocupação das áreas de expansão do entorno, as quais aumentariam os moradores da zona norte, levou a escolha da implantação de uma escola infantil e fundamental e um a ESF nas áreas institucionais do Parque Primavera. A opção pela implantação de uma ESF partiu da definição do próprio equipamento de saúde.

Segundo a Política Nacional de Atenção Básica (PNAB, 2012), a Estratégia de Saúde da Família (ESF) é formada por uma equipe que conta com

médico generalista ou especialista em Saúde da Família ou médico de Família e Comunidade, enfermeiro generalista ou especialista em Saúde da Família, auxiliar ou técnico de enfermagem e agentes comunitários de saúde, podendo acrescentar a esta composição, como parte da equipe multiprofissional, os profissionais de saúde bucal: cirurgião-dentista generalista ou especialista em Saúde da Família, auxiliar e/ ou técnico em saúde bucal;

Os agentes comunitários de saúde (ACS) devem ser suficientes para atender a toda população cadastrada, sendo no máximo de 750 pessoas, e 12 ACS por ESF. Cada equipe das ESFs deve

atender no máximo 4.000 pessoas, sendo a média indicada de 3.000 pessoas. Recomenda-se também que a composição das equipes deva acompanhar o grau de vulnerabilidade das famílias, ou seja quanto maior este grau, menor será a quantidade de pessoas atendidas pelas equipes.

Neste sentido a escola infantil e fundamental poderia atender além do bairro, também o entorno, assim como a ESF, que em sua constituição apresenta um caráter de atuação mais próximo das populações que atendem.

As áreas institucionais do Parque Primavera apresentam metragem e terreno bastante distintos. A área A apresenta 5.925 m<sup>2</sup> e uma topografia bastante acidentada, enquanto a área B apresenta 1.840 m<sup>2</sup> e uma topografia menos acidentada.

Por este motivo para a área A foi destinada a escola, onde tem-se a possibilidade de vencer a topografia com uma solução arquitetônica similar àquela realizada pelo grupo FGMF - Forte, Gimenes & Marcondes Ferraz Arquitetos<sup>38</sup>, no projeto para a Escola Várzea Paulista (Figura 101).

---

<sup>38</sup> FDE - Escola Várzea Paulista / FGMF. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/19508/fde-escola-varzea-paulista-fgmf>>.

Para a área B foi destinada a ESF, que é ilustrada na Figura 101 pelo Centro de Vida Saudável SK Yee<sup>39</sup>, realizado pelo grupo Ronald Lu & Partners (Figura 101). A integração do projeto com a

vegetação é um aspecto de interesse para a intervenção no Parque Primavera, uma vez que favorece a relação entre as áreas construídas e as áreas verdes, presentes no bairro.



**Figura 101** – Mara esquemático de equipamentos públicos para áreas institucionais

**Fonte:** Autora

<sup>39</sup> Centro de Vida Saludable SK Yee / Ronald Lu & Partners. Disponível em: <<http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/761467/centro-de-vida-saludable-sk-yee-ronald-lu-and-partners>>.

### Área de Lazer

A área de lazer (C) (Figuras 106 a 109) teve sua delimitação alterada devido a abertura de uma nova via local (Figura 97). A área traçada atualmente não apresenta uma extensão definida, uma vez que faz divisa com uma parte da APP e com outra área verde.

Apesar de não apresentar qualidades que favoreçam e atraiam usuários, esta área é intensamente utilizada, como mostram os estudos anteriores. Por este motivo, o projeto proposto toma como base as diferentes qualidades estabelecidas no Quadro 1 sobre os elementos-chave, para reformular o local e apresentar para a população um novo espaço que proporcione melhores experiências.

Inicialmente foi proposto a construção de uma estrutura de apoio para a realização das atividades do NASF, transferindo-o do salão da igreja. Esta estrutura ofereceria maior visibilidade e atrairia mais moradores a participarem do programa, assim como poderia incentivar a realização de novos trabalhos. Sua implantação se deu a partir do traçado de diferentes percursos na área de lazer, escolhendo-se a região cujos caminhos apresentaram maior concentração (Figura 102).

Quanto a sua materialidade, optou-se por um sistema de viga e pilar em concreto com fechamento em alvenaria aparente, e cobertura com estrutura metálica e madeira (Figura 102). Dispensando-se a execução de revestimentos, a edificação se insere na paisagem mantendo uma relação com o entorno construído.

A estrutura conta com uma área construída de 112 m<sup>2</sup>, sendo 76.95 m<sup>2</sup> de área livre, 17.55 m<sup>2</sup> destinada aos sanitários e 7 m<sup>2</sup> referente a um depósito, onde podem ser guardados os materiais do NASF, e outros elementos. Os sanitários e o depósito foram locados na face oeste da edificação (Prancha 2). A cobertura apresenta uma projeção maior na face norte, referente a face de entrada, favorecendo a apropriação da área externa.

O restante da área de lazer foi destinado a espaços de permanência e espaços para mobiliários de lazer e exercício. Estes locais foram traçados de modo contínuo, acompanhados de vegetação e de áreas com água, favorecendo a relação entre eles (Figura 109).

Para as áreas de lazer e exercício são propostos os mobiliários utilizados no projeto do parque infantil Bicentennial<sup>40</sup> (Figura 109), onde tem-se equipamentos diferentes dos tradicionais e

---

<sup>40</sup> *Idem* 32

que podem servir a diferentes idades, além de espaços abertos para livre apropriação (Figura 108). Para as áreas de permanência foi proposta uma estrutura coberta, que permita a utilização do local tanto em dias de chuva quanto de sol. Pontos de Internet também são propostos para estes locais, configurando-se como outro atrativo (Figura 107).

A estrutura de permanência (Figura 103) é composta por uma estrutura metálica, com banco conjugado em madeira e cobertura em madeira com telha metálica. A escolha da estrutura metálica deve-se a sua facilidade de instalação e a madeira como forma de relacionar a estrutura com a vegetação da área de lazer e do entorno. A cobertura apresenta um desenho hexagonal, permitindo-se a criação de diferentes composições ao se implantar as estruturas. Com a junção de duas ou mais estruturas, foi proposto a conexão de seus bancos

Os espaços propostos são diferenciados tanto pelos mobiliários e instalações, quanto pelos pisos. Para os caminhos internos da área de lazer foi indicado a utilização do piso intertravado na tonalidade cinza, para a área de permanência um piso com



**Figura 102** – Esquema de localização da estrutura para o NASF e vistas

**Fonte:** Autora

diferentes cores e para a área de lazer e exercícios um piso com a tonalidade avermelhada. O tipo de piso foi escolhido devido a facilidade de instalação e por favorecer a drenagem pluvial, diminuindo a impermeabilização da área (Figura 106 a 109).

Destinou-se determinados espaços para arborização do local, como forma de criar novos espaços sombreados e agradáveis para permanência ao ar livre. Em complemento, foram propostos também locais com água, ilustrado pelo projeto Roombeek the Brook<sup>41</sup>, os quais se configuram como espelhos d'água, e podem ser utilizados pela população (Figura 109).

A topografia da área de lazer passou por alterações para a instalação dos equipamentos presentes atualmente, entretanto ainda prevalece um desnível entre a calçada da rua João Barrios e o restante do local (Prancha 2). Neste sentido, esta intervenção propõe vencer este desnível a partir da instalação de degraus, como no projeto Parc de la Marina<sup>42</sup>, criando-se um local de permanência e transição (Figura 109).



**Figura 103** – Detalhamento da estrutura de permanência

**Fonte:** Autora

<sup>41</sup> GAETE, C. M. 4 espaços públicos que incluem a água na vida urbana. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/787618/4-espacos-publicos-que-se-destacam-por-incluir-agua-na-vida-urbana>>

<sup>42</sup> MARINA park. Disponível em: <<http://www.batlleiroig.com/en/landscape/parc-de-la-marina/>>.

Para a arborização das áreas, foram escolhidas as espécies indicadas na Figura 104, onde são apresentadas também as espécies propostas para a parede verde da na área verde (E).

Nas calçadas, atualmente, estão presentes alguns bancos, desacompanhados de quaisquer elementos que incentivem sua utilização. Desta maneira, é proposta a reformulação da calçada, ampliando a área livre, e estabelecendo novos mobiliários, acompanhados de vegetação, como no projeto Lonsdale Street Dandenong<sup>43</sup> (Figura 109).

Por fim, para a iluminação da área de lazer são indicadas três formas diferentes. Nas estruturas de permanência são propostas luminárias embutidas, o que iluminaria não so o local, como também o entorno próximo. As áreas de permanência são complementadas com a instalação de postes destinados para áreas urbanas, como os da linha Metronomis LED Sharp, da Philips, os quais também são utilizados nas áreas de lazer e exercícios. E para os caminhos internos são indicados postes decorativos, de menores dimensões, como os da linha LED Bollard II, da Philips (Figuras 105 e 106).



<sup>43</sup> LONSDALE Street Dandenong / BKK Architects. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/412359/lonsdale-street-dandenong-bkk-architects/>>.



**Figura 106 a 108** – Vistas da área de lazer (C)

**Fonte:** Autora



**Figura 109** – Mapa esquemático dos elementos da área de lazer (C)

**Fonte:** Autora

## Área Verde (D)

As intervenções nas áreas verdes foram traçadas a partir da topografia de cada uma delas, em consonância com as legislações municipal e ambiental. Como apresentando anteriormente a Lei 154/2008 permite a utilização destas áreas de acordo com os usos previstos pela resolução CONAMA 369/06, e dentre eles foi escolhida a instalação de equipamentos de lazer e mirante.

A área verde D (Figuras 110 a 113) ocupa parte de uma quadra, sendo a outra porção ocupada por residências. No local, foi aterrada a área residencial, criando-se um grande desnível entre a área verde e as casas (Prancha 3). Além desta intervenção, a área não apresenta qualquer construção ou tratamento.

O traçado proposto para o local se diferencia entre áreas de permanência e lazer e áreas com vegetação, contando com um caminho interno que corta todo o local (Figura 113).

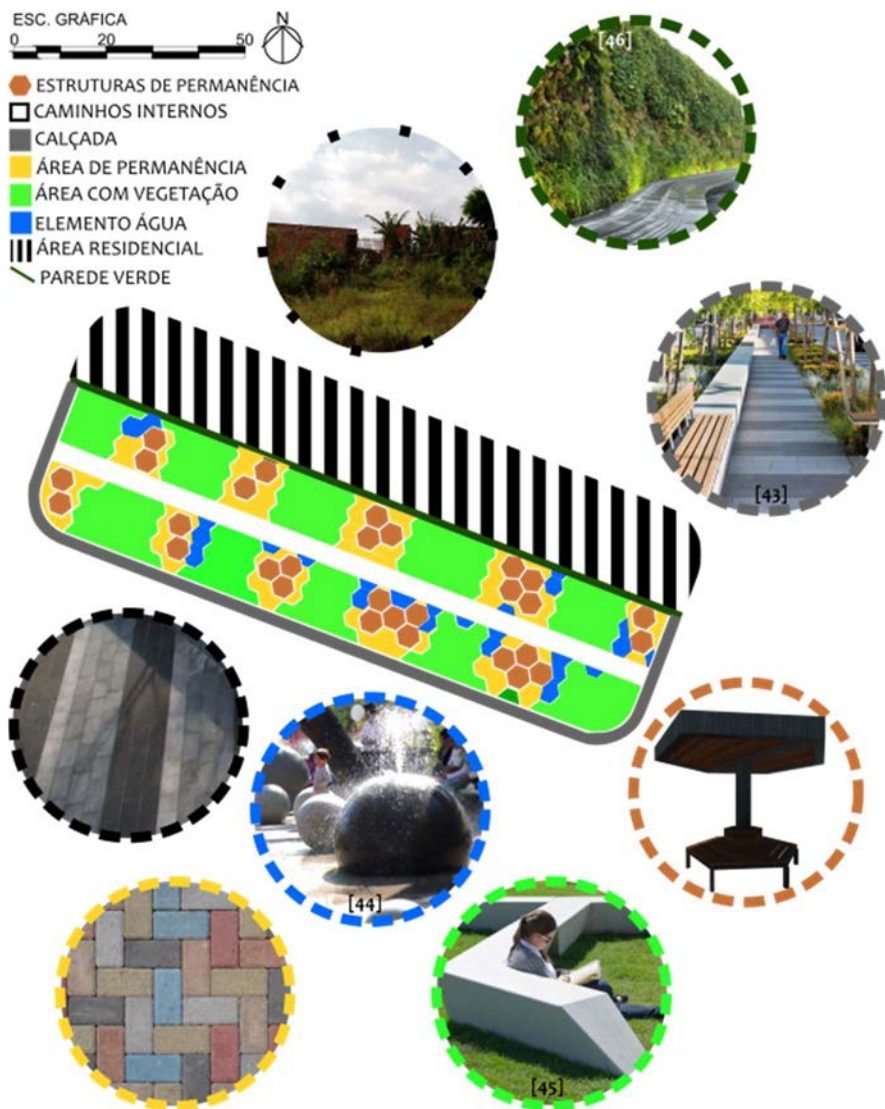
Para os locais de permanência foram destinadas as estruturas utilizadas na área lazer (Figuras 110 e 111) e foram propostos também locais com água, ilustrados pelo projeto do parque infantil Bicentennial<sup>44</sup>, oferecendo outras práticas de lazer (Figura 113).



**Figura 110 a 112** – Vistas da área verde (D)

**Fonte:** Autora

<sup>44</sup> *Idem* 32



**Figura 113** – Mapa esquemático dos elementos da área verde (D)

**Fonte:** Autora

As áreas com vegetação ocupam significativo espaço. Isto deve-se a intenção de criar um local mais voltado para o verde, aproximando o lazer da vegetação. Estes locais contam com maior arborização e diferentes mobiliários<sup>45</sup> (Figuras 111 e 112).

Outro elemento de destaque desta área é a parede formada pelo aterro da área residencial. Para ele, foi proposta a criação de uma parede verde<sup>46</sup>, recoberta de vegetação e jardins verticais (Figura 111 e 112).

Com relação aos pisos e as iluminações, a área verde D segue as características da área de lazer. O local apresenta o piso intertravado com as mesmas diferenças de tonalidade para cada local, assim como as diferenças de iluminação. Os elementos propostos para a calçada também estão relacionados com as propostas anteriores (Figura 112).

### Área Verde (E)

A área verde E (Figuras 115 a 118) apresenta topografia bastante acidentada (Prancha 3). Para tomar partido do terreno e

<sup>45</sup> URBAN Redevelopment of the Plaza del Milenio / EXP architects. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/177567/urban-redevelopment-of-the-plaza-del-milenio-exp-architects/>>.

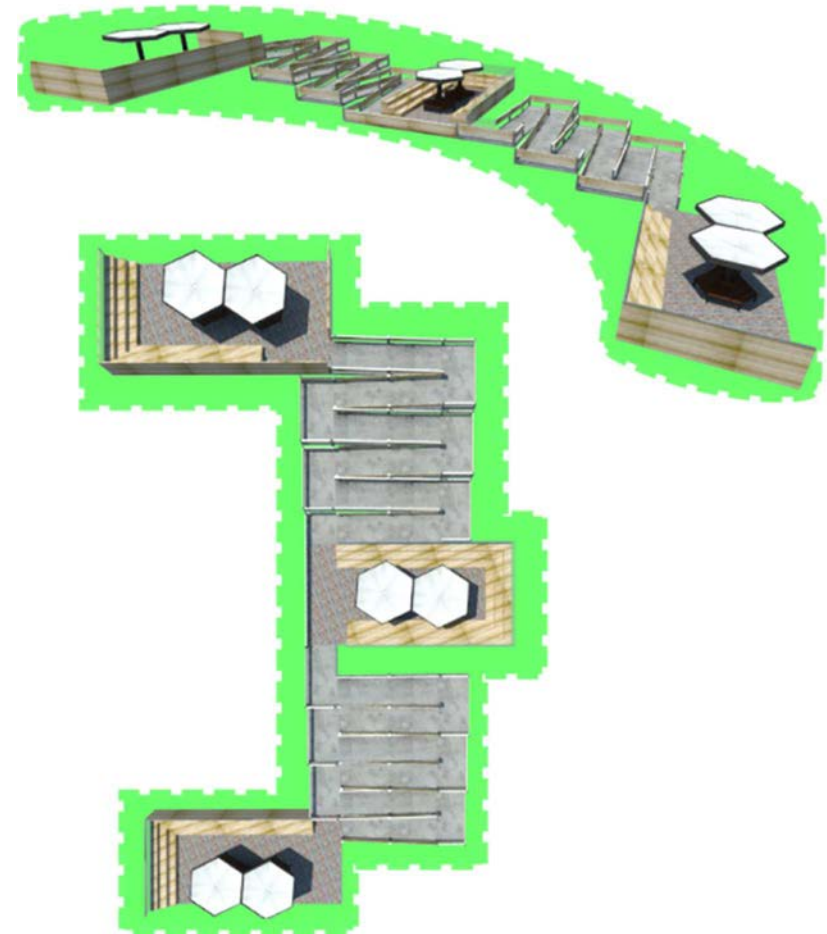
<sup>46</sup> COSTA, C. Jardins Verticais – uma oportunidade para as nossas cidades? Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.133/3941>>.

potencializar as vistas que o local pode oferecer, foi proposto um mirante, composto por três patamares de permanência conectados por rampas (Figura 114).

Os locais de permanência contam com as estruturas utilizadas nas áreas anteriores, bem como um mobiliário em madeira (Figuras 114 a 116), ilustrado pelo projeto de reurbanização da orla do lago Papocrany<sup>47</sup>. Este mobiliário funciona como degraus, que auxilia os moradores a apreciarem as vistas do entorno e do bairro (Figuras 118)

As rampas foram propostas com inclinação de 8.33% e constituem-se em 6 rampas de 8 metros entre cada patamar. Seu material corresponde ao concreto, com guarda-corpo em madeira (Figura 114).

O piso dos patamares corresponde aos pisos das áreas anteriores, entretanto a iluminação possui particularidades. Além da iluminação das estruturas de permanência, para este local foi indicada a instalação de refletores led no mobiliário em madeira, e nos apoios do guarda-corpo. No restante do terreno foi proposta a complementação da vegetação, como forma de proteger o solo e impedir deslizamentos no local.



**Figura 114** – Vistas do mirante proposto para área verde (E)

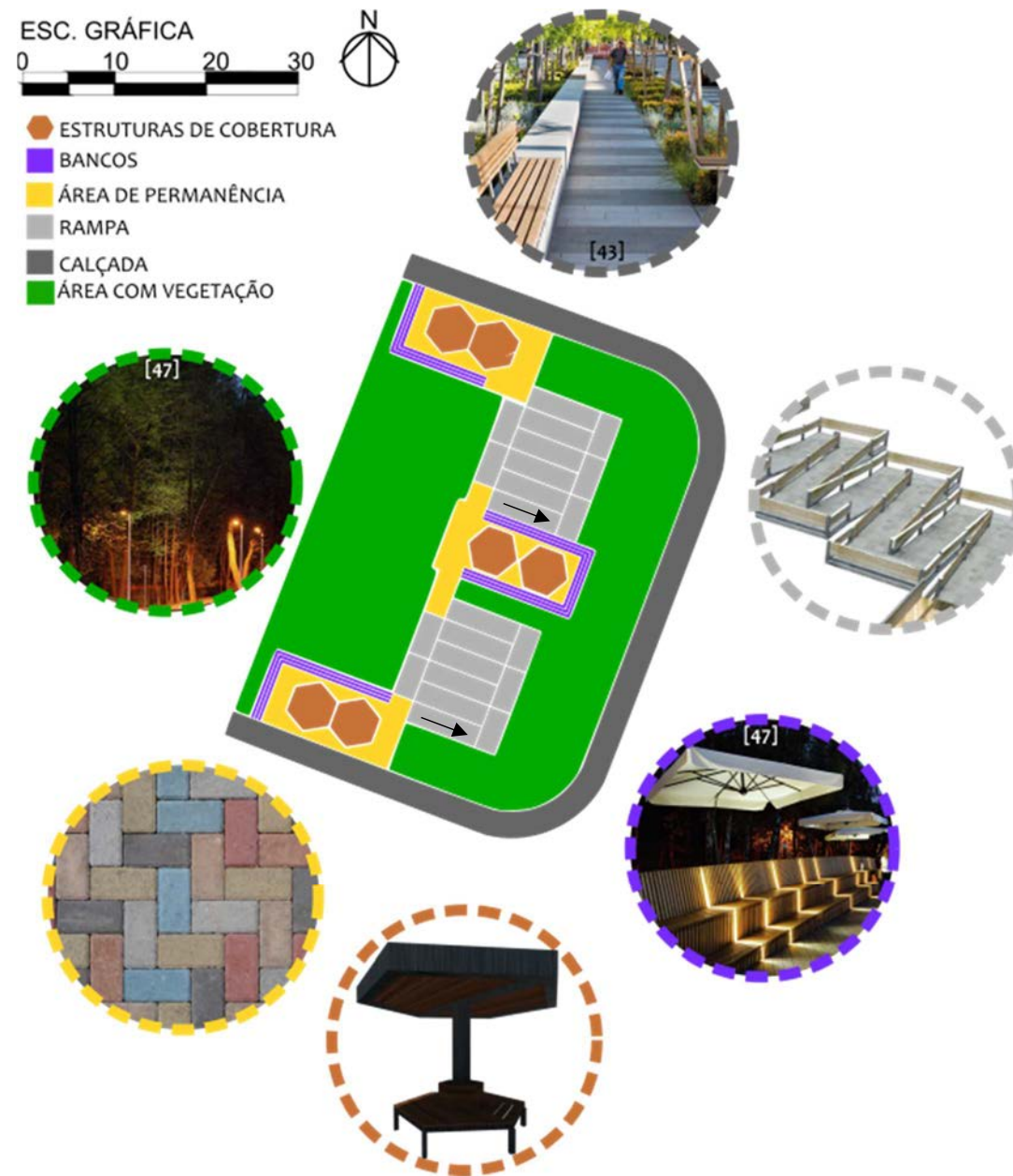
**Fonte:** Autora

<sup>47</sup>REURBANIZACIÓN Orilla del Lago Papocrany / RS+. Disponível em: <<http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/775967/reurbanizacion-orilla-del-lago-papocrany-rs-plus>>.



**Figura 115 a 117** – Vistas da área verde (E)

**Fonte:** Autora



**Figura 118** – Mapa esquemático dos elementos da área verde (E)

**Fonte:** Autora

## Área Verde (F)

A área verde F (Figuras 120 a 122) corresponde a área cuja extensão foi ampliada. Devido a sua proximidade com a APP, optou-se por aumentar sua dimensão, visando evitar apropriações que pudessem atingir a APP de maneira negativa. Conseqüentemente sua delimitação tornou-se bastante diferenciada (Figura 119).

Neste terreno optou-se por implantar o campo de futebol<sup>48</sup> e a quadra<sup>49</sup> que haviam sido retirados da área de lazer (Figura 119 e 122). Diferentemente da situação atual, optou-se por um campo de futebol de dimensões menores e uma quadra coberta. O campo juntamente com a quadra, foram implantados na porção do terreno que apresenta menor declividade, evitando-se grandes deslocamentos de terra.

No restante do terreno foram estabelecidos locais de permanência (119 a 122), criando-se diferentes composições a partir da associação entre as estruturas cobertas. Na porção do terreno cuja topografia apresenta maior declividade, os desníveis foram vencidos nas áreas verdes, deixando as áreas de permanência planas (Planta 4).



**Figura 119** – Mapa esquemático dos elementos da área verde (F)

**Fonte:** Autora

<sup>48</sup> *Idem* 17

<sup>49</sup> PERIURBAN park. Disponível em: < <http://www.elementalchile.cl/en/projects/parque-peri-urbano-calama/>>.



**Figura 120 a 122** – Vistas da área verde (F)

**Fonte:** Autora

Para manter relação com a APP, ainda densamente arborizada, foram propostas áreas permanência entre várias áreas com vegetação. Quanto aos pisos e a iluminação, seguiu-se as mesmas propostas para a área de lazer (Figura 119)

### Ruas

Segundo as leituras e estudos anteriores, as ruas são os elementos predominantes sob a perspectiva dos moradores e com os quais eles estão em constante contato. Entretanto, elas não apresentam qualidades adequadas para tornar o caminhar no bairro agradável. Neste sentido foram propostas intervenções, de modo a expandir e destacar o espaço do pedestre.

Primeiramente foi proposto a abertura de duas novas vias locais, nas extremidades laterais do Parque Primavera como forma de delimitar as quadras existentes e permitir novas conexões com a malha urbana. Estas vias estariam ligadas a novas vias marginais e a via coletora, além dos novos espaços definidos no projeto do entorno (Figura 91 e 97).

A baixa movimentação nas ruas do bairro, constatada pelos estudos anteriores, e o fato das calçadas não apresentarem níveis e pavimentações adequadas, leva muitas pessoas a andarem com

tranquilidade na própria rua. Neste sentido buscou-se nas ruas compartilhadas um projeto que favoreça o deslocamento dos moradores, e que permita novos usos para as ruas.

Segundo o grupo *dérive LAB*, a rua é o principal espaço público da cidade, onde acontecem diversos encontros e atividades. Entretanto, o comportamento das pessoas nas ruas e em outros locais públicos é diferente. Enquanto determinados espaços apresentam um comportamento social, onde as pessoas permanecem por algum propósito, as ruas atualmente apresentam uma função de trânsito.

Por outro lado, omitir o trânsito das ruas significaria omitir não só trânsito de veículos, como também o transporte público. Neste sentido, a alteração proposta é especificamente no comportamento do trânsito, através de um aspecto fundamental: a velocidade. Diminuir as velocidades aponta para a criação de momentos, que levam a criação de lugares (*DÉRIVE LAB*, 2015).

O ato de dirigir produz um sentimento errôneo de domínio sobre a rua, que pode ser modificado quando o motorista visualiza diretamente a presença outras formas de uso do mesmo espaço, sobrevivendo a obrigação de pensar no outro. O surgimento de múltiplas oportunidades nas ruas leva a consciência de que a rua é compartilhada (*DÉRIVE LAB*, 2015).

As ruas compartilhadas materializam uma solução coerente para a tarefa de se aumentar a segurança dos pedestres, diminuindo-se a velocidade do trânsito motorizado em função do redesenho da rua. Ao harmonizar a velocidade reduzida com a interação entre os usuários, a rua converte-se para um local de destino, sendo este um dos objetivos das ruas compartilhadas (*DÉRIVE LAB*, 2015).

O método de desenho que proporciona tal objetivo começa pelo abandono da separação da rua para cada tipo de deslocamento, nivelando-a com a calçada. Neste sentido, uma mesma superfície com diferentes texturas e cores, que não prioriza o veículo, leva a negociação do espaço por todos seus usuários (*DÉRIVE LAB*, 2015).

Além das cores e texturas, outras estratégias permitem a diminuição da velocidade, como a implantação de mobiliários e arborização que delimitem a circulação. Desta maneira a rua conserva sua propriedade de espaço de mobilidade, abrigando também diversas atividades, permanentes ou temporárias, conduzindo a uma melhora de toda cidade (*DÉRIVE LAB*, 2015).

Considerando as características do projeto de ruas compartilhadas e as características observados no Parque Primavera,

optou-se pelo compartilhamento da maior parte das ruas do bairro. Excluiu-se apenas as ruas João Barrios e Sebastian Prat, que foram mantidas como vias principais devido a sua extensão por todo o bairro, e pela localização das áreas institucionais, respectivamente (Figura 123).

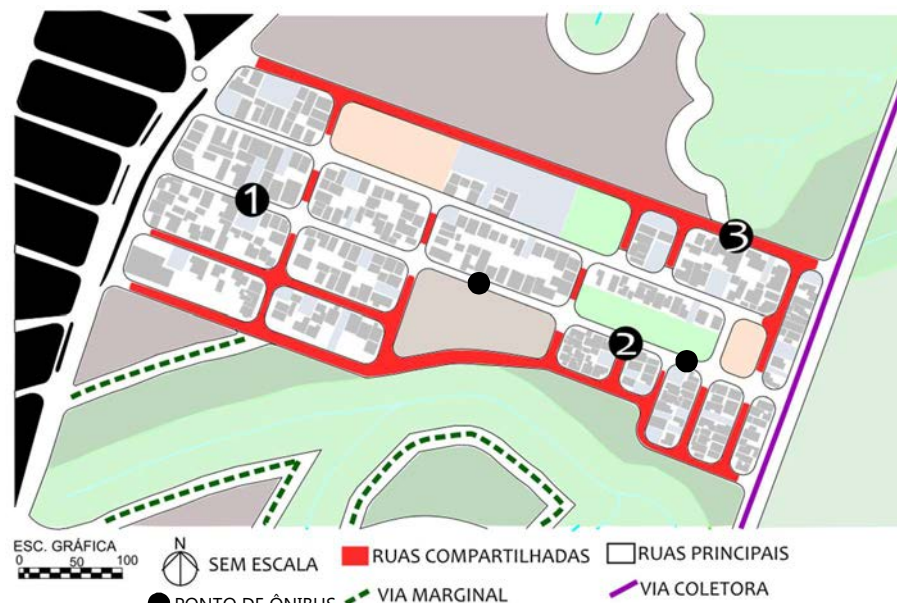
Nas vias principais, priorizou-se o deslocamento do transporte público, mantendo-se a pavimentação asfáltica e traçando-se um novo desenho para as calçadas, com dimensões e pavimentações apropriadas e piso tátil. Direcionou-se o transporte público para rua João Barrios, onde foram propostos três pontos de ônibus, cujas instalações foram pensadas seguindo o estilo dos parklets (Figura 123).

A intervenção para a rua Sebastian Prat segue as mesmas características da anterior, devido a presença das áreas institucionais que podem inspirar deslocamentos prioritários. Desta maneira, para ambas as ruas são induzidos quaisquer tipos de trânsito que necessitem atravessar o Parque Primavera, permitindo-se que as ruas compartilhadas abriguem principalmente deslocamentos locais.

O traçado das ruas compartilhadas (Figuras 123 e 124) foi designado para as demais ruas, onde propõe-se a retirada da pavimentação asfáltica, para a colocação de piso intertravado. Deste

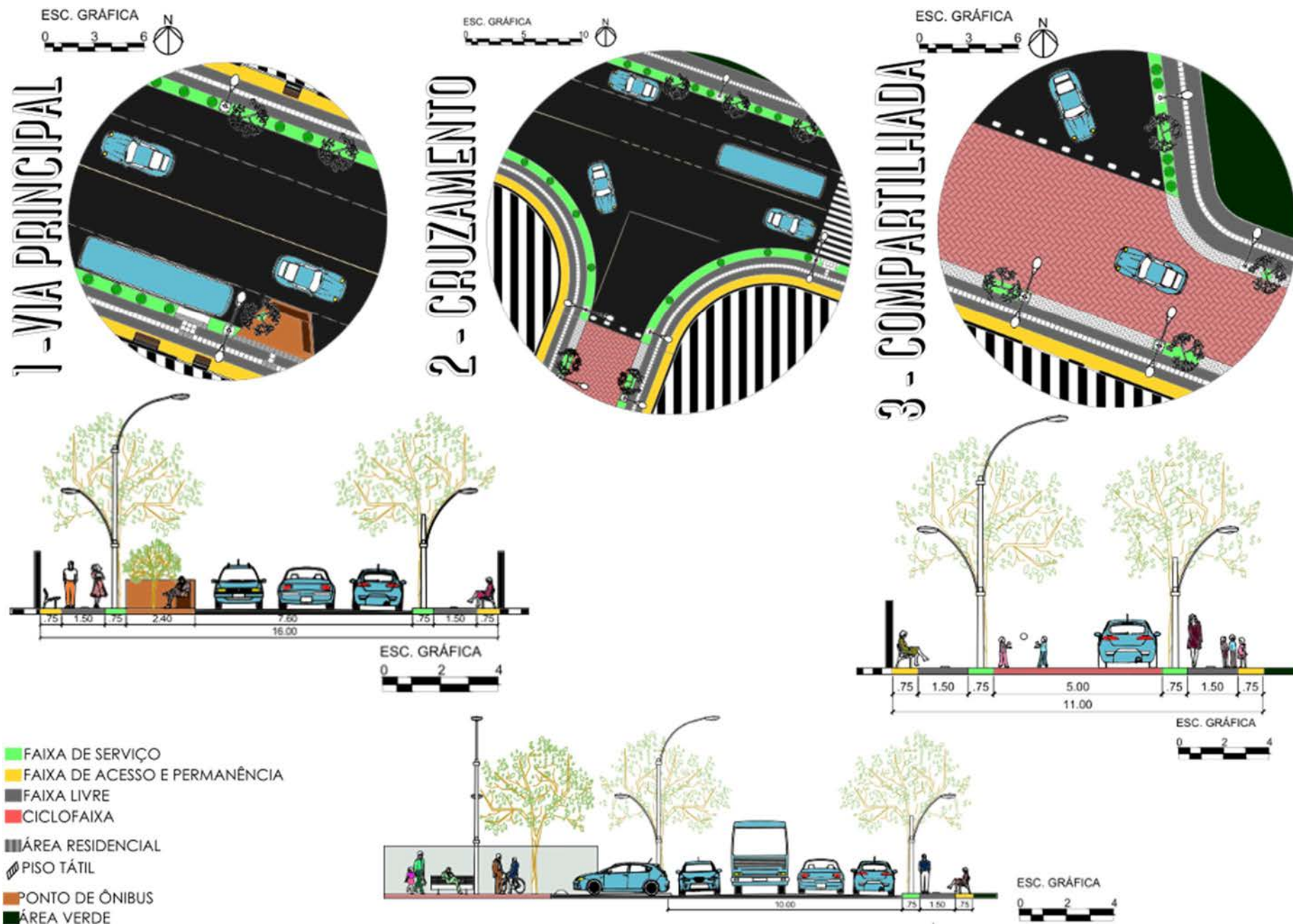
modo os moradores contam com mais espaço para se descolarem, como também para se apropriarem.

As duas novas vias locais propostas anteriormente encontram-se entre as ruas compartilhadas, e ambas apresentam conexões com as novas vias marginais para o entorno. Tanto estas vias, quanto as ruas compartilhadas que tem conexão com as vias principais do bairro, contam com obstáculos que atuam como redutores de velocidade, como elemento para auxiliar na transição dos veículos, que saem de uma via mais rápida para outra lenta (Figura 124).



**Figura 123** – Mapa esquemático da intervenção nas ruas do Parque Primavera

**Fonte:** Autora



**Figura 124** – Plantas e cortes esquemáticos das intervenções nas ruas do Parque Primavera

**Fonte:** Autora

### Intervenção nos terrenos vazios

Por fim, outro aspecto de grande destaque no bairro é a existência de inúmeros terrenos vazios sem manutenção, que causam transtornos para os moradores devido a presença de vegetação alta, lixo e entulhos. Tendo-se em vista que todos estes terrenos são de propriedade particular, foram consultadas quais ações o poder público pode executar, e propostos usos temporários para os locais.

Como apresentado no início deste trabalho, o Parque Primavera surgiu a partir de dois loteamentos distintos, em que o primeiro foi de iniciativa privada, com a venda dos lotes e o segundo foi executado pela Prefeitura, com a doação dos lotes. Neste sentido, o tratamento legal a ser utilizado pelo poder público é diferente para cada caso.

Para os terrenos particulares adquiridos através de compra, a Prefeitura pode valer-se dos mecanismos definidos no Plano Diretor Municipal (Lei 151/2008) e no Estatuto da Cidade. Segundo o Plano Diretor,

Art. 13º (...)

§ 1º Todos os imóveis que não cumprem a sua função social ficam sujeitos ao IPTU progressivo (...)

§ 3º Serão passíveis de edificação compulsória os lotes urbanos não edificados, subutilizados ou não utilizados com área inferior a 1.000 m<sup>2</sup>, ressalvado o disposto no § 4º.

§ 4º Ficarão a salvo do disposto no parágrafo anterior, os lotes não edificados, subutilizados e não utilizados com área até 252 m<sup>2</sup>, cuja unidade constitua a única propriedade do titular.

Os terrenos do Parque Primavera, de acordo com o projeto disponibilizado pela Prefeitura, apresentam 300m<sup>2</sup>, o da margem para o poder municipal aplicar o IPTU progressivo e posteriormente a edificação compulsória. Antes disso, a Prefeitura deve notificar o proprietário, segundo as definições do Estatuto da Cidade.

O proprietário deve ser notificado pela Prefeitura quanto a necessidade de edificação ou utilização do terreno e tem até um ano para protocolar o projeto junto aos órgãos municipais e até dois anos para iniciar as obras, a partir da aprovação do projeto. Diante do descumprimento destas determinações, a Prefeitura prosseguirá com a aplicação do IPTU progressivo no tempo.

Após cinco anos da cobrança progressiva do IPTU, sem que o proprietário tenha dado uso ao terreno, o município pode prosseguir com a desapropriação do imóvel com pagamentos em dívidas públicas.

Com relação os terrenos doados pela Prefeitura, a própria Lei N° 4.459/97, que definiu o loteamento, estipula o prazo de dois anos para que os donatários realizem a construção, sob pena de revogação da doação. Em 2016, cinco lotes retornaram ao domínio público.

Neste sentido é possível observar que todos os mecanismos disponíveis ao poder público determinam diferentes prazos. Por conseguinte, os terrenos muitas vezes continuam sem receber manutenção. Sob esta perspectiva, até que os proprietários apresentem usos para seus lotes, este trabalho propõe a utilização temporária.

Para representar as utilizações que podem ser atribuídas aos terrenos foram escolhidas as intervenções apresentadas pelo projeto Estonoesunsolar<sup>50</sup>, que através de diferentes mobiliários



**Figura 125** – Mapa esquemático dos usos temporários propostos para os terrenos vazios

**Fonte:** Autora

<sup>50</sup> *Idem* 19

qualificam os espaços e criam novos locais de lazer e permanência; e o projeto Place au Changement<sup>51</sup>, que a partir da intervenção em um antigo terreno baldio, criou um novo ambiente, onde foram ministrados workshops para a população (Figura 125).

### 5.2.3 Os moradores e o projeto e considerações finais

Para completar este trabalho, buscou-se expor as intervenções propostas aos próprios moradores do Parque Primavera. Os esquemas elaborados, seguidos de uma síntese do projeto, foram apresentados a 10 moradores, nos dias 20 e 21 de fevereiro de 2017. Entre eles, haviam pessoas já abordadas em momentos anteriores.

Uma parte dos moradores considerou mais interessante as propostas dos equipamentos públicos, uma vez que a ausência deles é vista como uma carência do bairro. Outro elemento destacado foi a abertura de novas vias, sendo que alguns moradores afirmaram que a conexão do bairro com o Parque Alexandrina e a avenida

Juscelino Kubitschek é uma reivindicação existente desde o início da ocupação do local.

Ao apresentar as propostas para a área de lazer e as áreas verdes e para os terrenos vazios, os moradores afirmaram ser satisfatórios os espaços, entretanto demonstraram considerar que os projetos ultrapassam as expectativas para o local, dizendo ser “bom demais” para o bairro.

Com relação as ruas, a maior parte se mostrou favorável à troca de pavimentação e ao compartilhamento, tendo em vista que poucas pessoas utilizam as calçadas ao se deslocarem. Outras pessoas afirmaram ser prioritário a construção de obstáculos, como forma de reduzir a velocidade dos veículos.

Após todos estes estudos e as propostas de intervenção é possível afirmar que a configuração de espaços urbanos de qualidade não deve ser uma característica exclusiva de determinadas localidades ou depender do grau de desenvolvimento da região. Todas as pessoas anseiam por espaços qualificados e muitas vezes consideram suficientes as ínfimas ações traçadas pelo poder público.

---

<sup>51</sup> PLACE au Changement Public Plaza / Collectif Etc. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/179874/place-au-changement-public-plaza-collectif-etc/>>.

Neste sentido, este trabalho apresenta intervenções em um bairro periférico que abrangem do seu entorno até o nível da rua, buscando-se demonstrar como a qualidade de vida dos moradores pode ser potencializada em seu âmbito cotidiano, através de intervenções na escala do bairro.

A abertura de novas vias entre o Parque Primavera e o restante da cidade visa a criação de espaços urbanos mais coesos, sem a interrupção de grandes vazios, dispensando os cuidados necessários com as áreas de preservação permanente.

Ao propor ruas compartilhadas, o projeto tem a intenção de oferecer mais espaços para os moradores, assim como manter a característica de tranquilidade do local. Neste sentido, ao abrir novos caminhos entre o bairro e a cidade, o compartilhamento permite que o uso das ruas seja feito prioritariamente pelos moradores e induz os demais fluxos para as ruas principais.

A reformulação da área de lazer e as propostas de ocupação tanto das áreas verdes quanto dos terrenos vazios demonstram como novos espaços públicos podem ser gerados, a partir de intervenções de baixo impacto, e condizentes com a paisagem. Desta maneira apresenta-se um local bastante distinto do oferecido pela Prefeitura.

## Referências Bibliográficas

22ND Street Parklet. Disponível em: <<http://pavementtoparks.org/parklets/featured-parklet-projects/22nd-street-parklet/>>. Acesso em 25 ago. 2016.

31 árvores que você pode plantar em sua calçada. Disponível em: <<http://www.ubajaranoticias.com.br/2016/10/27/31-arvores-que-voce-pode-plantar-em-sua-calcada-produzem-frutos-sombras-e-flores-nao-destroem-calcadas-e-nem-danificam-a-rede-eletrica-rua-de-caxambu-mg-com-tons-diferentes-de-quaresmeiras-e-outras/>>. Acesso em 10 fev. de 2017.

ABREU, D. S. **Formação histórica de uma cidade pioneira paulista**: Presidente Prudente. Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1972.

ABOUT us. Disponível em: <<http://www.designcouncil.org.uk/about-us>>. Acesso em 26 abr. 2016.

ACTIONS for streets as places how community makes it happen. 20??. Disponível em: <<http://www.pps.org/reference/actions-streets-places-community-makes-happen/>>. Acesso em 10 maio 2016.

ARAKAKI, E. M. **A paisagem e os trilhos no oeste paulista**: o caso de Presidente Prudente. 2010. 131 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

A Cidade. Disponível em: <<http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/acidade.xhtml>>. Acesso em 2 maio 2016.

BAR la fábrica. 11 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.todoporlapraxis.es/?p=2679>>. Acesso em 18 set. 2016.

BARATTO, R. **“Isso não é um terreno baldio”**: Reconvertendo lugares vazios do espaço público [Parte I]. 16 abr 2014. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/189032/isso-nao-e-um-terreno-baldio-reconvertendo-lugares-vazios-do-espaco-publico-parte-i>>. Acesso em 22 ago. 2016

BENTLEY. et al. **Entornos vitales** hacia un diseño urbano y arquitectónico más humano manual practico. 1.ed. Barcelona: Gilli, 1999.

BICENTENNIAL Children's Park. Disponível em: <<http://www.elementalchile.cl/en/projects/parque-bicentenario-de-la-infancia/>>. Acesso em 14 set. 2016.

BRASIL. **Conselho Nacional do Meio Ambiente**. Resolução nº 369 de 28 de março de 2006. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=489>>. Acesso em 23 jan. 2017

BRASIL. **Estatuto da cidade**: Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70317/000070317.pdf?sequence=6>>. Acesso em 12 fev. 2017.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9985.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9985.htm)>. Acesso em 24 jan. 2017.

CABE. **By desing**. 2000. Disponível em: <[http://www.designcouncil.org.uk/sites/default/files/asset/document/by-design\\_0.pdf](http://www.designcouncil.org.uk/sites/default/files/asset/document/by-design_0.pdf)>. Acesso em 27 abr. 2016

CAMACHO, V. A. L. **Problematizando mudanças espaciais e temporais entre os censos dos anos de 2000 e 2010**: Os mapas da exclusão/inclusão social de Presidente Prudente/SP. 2013. 91 f. Graduação (Graduação em Geografia) – FCT/UNESP, Presidente Prudente.

CAMPOS FILHO, C. **Reinvente seu bairro**: caminhos para você poder participar do planejamento de sua cidade. 4. ed. São Paulo: 34, 2010.

CARR et. al. Needs in public space. 1992. In: CARMONA, M. e TIESDELL, S. **Urban design reader**. 1. ed. 2007. Burlington: Elsevier Ltd, 2007. pg. 230-240.

CENTRO de Vida Saludable SK Yee / Ronald Lu & Partners. 08 feb 2015. Disponível em: <<http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/761467/centro-de-vida-saludable-sk-yee-ronald-lu-and-partners>>. Acesso em 27 jan. 2017.

CINEMA usera. 12 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.todoporlapraxis.es/?p=2693>>. Acesso em 17 set. 2016.

COSTA, C. **Jardins Verticais** – uma oportunidade para as nossas cidades? Arqutextos, jul. 2011. São Paulo, ano 12, n. 133.06, Vitruvius. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/12.133/3941>>. Acesso em 5 fev. 2017.

**Creating Places for People:** an urban design protocol for Australian Cities. Disponível em:

<[http://urbandesign.org.au/content/uploads/2015/08/INFRA1219\\_MCU\\_R\\_SQUARE\\_URBAN\\_PROTOCOLS\\_1111\\_WEB\\_FA2.pdf](http://urbandesign.org.au/content/uploads/2015/08/INFRA1219_MCU_R_SQUARE_URBAN_PROTOCOLS_1111_WEB_FA2.pdf)>. Acesso em 28 mar. 2016.

CRIAÇÃO uc's. Disponível em: < <http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/unidades-de-conservacao/criacao-ucs>>. Acesso em 24 jan. 2017.

**Diretrizes Internacionais para Planejamento Urbano e Territorial.** Nairóbi: ONU-Habitat, 2015. Disponível em:

<<http://unhabitat.org/books/diretrizes-internacionais-para-planejamento-urbano-e-territorial/>>. Acesso em 21 abr. 2016.

DÉRIVE lab. Calles compartidas. Versão 1.0. out. 2015. Disponível em: <<http://derivelab.org/publicaciones>>. Acesso em 20 jan. 2017.

DOVER, V. KING, J. A definição de bairro. In: FARR, D. **Urbanismo sustentável:** desenho urbano com a natureza. 1. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013. pg. 120-125.

EQUIPO Editorial. '**Quipus verdes:** entrelazando naturaleza y sociedad', segundo lugar en Concurso Cerros Isla: Corredor Verde San Bernardo. 09 out 2015. Disponível em: <<http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/775014/quipus-verdes-entrelazando-naturaleza-y-sociedad-segundo-lugar-en-concurso-cerros-isla-corredor-verde-san-bernardo>>. Acesso em 12 maio 2016.

FDE - Escola Várzea Paulista / FGMF. 07 Jan 2012. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/19508/fde-escola-varzea-paulista-fgmf>>. Acesso em 27 jan. 2017.

GAETE, C. M. **4 espaços públicos que incluem a água na vida urbana.** 18 Mai 2016. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/787618/4-espacos-publicos-que-se-destacam-por-incluir-agua-na-vida-urbana>>. Acesso em 29 jan. 2017

GAETE, C. M. **12 ideias para fazer das cidades lugares mais adequados para crianças.** 08 Abr 2014. Disponível em:

<<http://www.archdaily.com.br/187743/12-ideias-para-fazer-das-cidades-lugares-mais-adequados-para-criancas>>. Acesso em 12 set. 2016.

GARCIA LAMAS, J. M. R. **Morfologia urbana e desenho da cidade.** 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. pg. 35-130

GEHL, J. **Cidades para Pessoas.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

- HELM, J. **Museu Aberto Cratera de Colônia** / Levisky Arquitetos Associados. 08 Nov 2011. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/6536/museu-aberto-cratera-de-colonia-levisky-arquitetos-associados>>. Acesso em 9 set. 2016.
- HELM, J. **Praça Victor Civita** / Levisky Arquitetos e Anna Julia Dietzsch. 09 Dez 2011. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/10294/praca-victor-civita-levisky-arquitetos-e-anna-julia-dietzsch>>. Acesso em 12 set. 2016.
- Honda, S. **Habitação de Baixa Renda como Produto do Capital** - o Programa de Arrendamento Residencial (PAR) em Presidente Prudente - SP. 2011. 93 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.
- IBGE CIDADES. Presidente Prudente. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=354140>>. Acesso em 3 maio 2016.
- JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JARDIM de Infância El Pinal / Felipe Bernal Henao + Javier Castañeda Acero + Alejandro Restrepo Montoya. 01 Mar 2014. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/179336/jardim-de-infancia-el-pinal-slash-felipe-bernal-henao-plus-javier-castaneda-acero-plus-alejandro-restrepo-montoya>>. Acesso em 18 set. 2016.
- LED bollard ii. Disponível em: <<http://www.lighting.philips.com/main/prof/outdoor-luminaires/road-and-urban-lighting/bollards/led-bollard-ii>>. Acesso em 30 jan. 2017.
- LONSDALE Street Dandenong / BKK Architects. 08 Aug 2013. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/412359/lonsdale-street-dandenong-bkk-architects/>>. Acesso em 30 jan. 2017.
- LORENZI, H.; SOUZA, H. **Plantas ornamentais no Brasil**: arbustivas, herbáceas e trepadeiras. 3. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2001.
- LYNCH, K. **A Boa Forma Da Cidade**. 1. ed. Lisboa: Edição 70, 2007. pg. 111-226
- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. pg. 51-100
- MAPAS e Informações Geográficas. Parque Primavera (dwg). Disponível em: <[http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/central\\_mapas.xhtml](http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/central_mapas.xhtml)>. Acesso em 2 maio 2016.

- MACKENZIE, A. **Estonoesunsolar**: Finding Opportunity in Emptiness in Zaragoza, Spain. 28 maio 2015. Disponível em: <<http://www.pps.org/blog/not-empty-plot-finding-opportunity-emptiness-historical-city-zaragoza-2/>>. Acesso em 20 ago. 2016.
- MARINA park. Disponível em: <<http://www.batlleiroig.com/en/landscape/parc-de-la-marina/>>. Acesso em 30 jan. 2017.
- MAZZINI, E. J.T. **De lixo em lixo em Presidente Prudente (SP)**: novas áreas, velhos problemas. 1997. 96 f. Graduação (Graduação em Geografia) - FCT/UNESP, Presidente Prudente.
- MELAZZO, E. S. **Mercado imobiliário, expansão territorial e transformações intra-urbanas**: o caso de Presidente Prudente – SP. 1993. 144 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ.
- METRONOMIS LED Sharp. Disponível em: <http://www.lighting.philips.com/main/prof/outdoor-luminaires/road-and-urban-lighting/road-and-urban-luminaires/metronomis-led/metronomis-led-sharp>>. Acesso em 30 jan. 2017.
- MIRADOR pirâmide / BTE Architecture. 11 feb 2016. Disponível em: <<http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/781988/mirador-piramide-bte-architecture>>. Acesso em 11 maio 2016.
- MIRANTE de fechos. Maio 2016. Disponível em: <<http://www.micropolis.com.br/Mirante-de-Fechos>>. Acesso em 17 set. 2016.
- MONGIN, O. **A condição urbana**: a cidade na era da globalização. 1. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- NOVARTIS Physic Garden / Thorbjörn Andersson + Sweco architects. 14 abr 2016. Disponível em: <<http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/785515/novartis-physic-garden-thorbjorn-andersson-plus-sweco-architects>>. Acesso em 10 maio 2016.
- NUEVO horcones. Disponível em: <<http://www.elementalchile.cl/en/projects/nuevo-horcones/>>. Acesso em 24 jan. 2017.
- O que é NASF?. Disponível em: <[http://dab.saude.gov.br/portaldab/nasf\\_perguntas\\_frequentes.php](http://dab.saude.gov.br/portaldab/nasf_perguntas_frequentes.php)>. Acesso em 2 jun. 2016.
- PARKLET manual version 2.2. 2015. Disponível em: <[http://pavementtoparks.org/wpcontent/uploads//2015/12/SF\\_P2P\\_Parklet\\_Manual\\_2.2\\_FULL1.pdf](http://pavementtoparks.org/wpcontent/uploads//2015/12/SF_P2P_Parklet_Manual_2.2_FULL1.pdf)>. Acesso em 24 ago. 2016.
- PERIURBAN park. Disponível em: <<http://www.elementalchile.cl/en/projects/parque-peri-urbano-calama/>>. Acesso em 7 fev. 2017.

PLACE au Changement Public Plaza / Collectif Etc. 31 Oct 2011. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/179874/place-au-changement-public-plaza-collectif-etc/>>. Acesso em 13 fev. 2017.

PLANO de manejo. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/unidades-de-conservacao/plano-de-manejo>>. Acesso em 24 jan. 2017.

PNAB. 2012. Disponível em: <<http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf>>. Acesso em 26 jan. 2017.

PRESIDENTE PRUDENTE. Lei de nº151, s.d. Disponibilizado pela Prefeitura Municipal.

PRESIDENTE PRUDENTE. Lei de nº153, s.d. Disponibilizado pela Prefeitura Municipal.

PRESIDENTE PRUDENTE. Lei de nº154, s.d. Disponibilizado pela Prefeitura Municipal.

PRESIDENTE PRUDENTE. Lei de nº155, s.d. Disponibilizado pela Prefeitura Municipal.

PRESIDENTE PRUDENTE. Lei de nº 4.459, de 25 de fevereiro de 1997. Autoriza o Poder Executivo a alienar, por doação com encargo, lotes urbanizados onde será instalado um loteamento municipal, composto de 147 lotes e 12 ruas. **O Imparcial**. Disponível em: <<http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/Documento.do?cod=1011>>. Acesso em 8 maio 2016.

PROJECT FOR PUBLIC SPACE. **What is Placemaking?**. Disponível em: <[http://www.pps.org/reference/what\\_is\\_placemaking/](http://www.pps.org/reference/what_is_placemaking/)>. Acesso em 17 maio 2016.

PROJECT FOR PUBLIC SPACES. **What Makes a Successful Place?**. Disponível em: <<http://www.pps.org/reference/grplacefeat/>>. Acesso em 17 maio 2016.

REURBANIZACIÓN Orilla del Lago Paprocany / RS+. 25 oct 2015. Disponível em: <<http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/775967/reurbanizacion-orilla-del-lago-paprocany-rs-plus>>. Acesso em 11 maio 2016.

SILVA, R. B. **Segregação e/ou integração**: o "Programa de desfavelamento e loteamentos urbanizados" em Presidente Prudente. 2005. 130 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, FCT/UNESP, Presidente Prudente.

SINOPSE por setores – IBGE. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/>>. Acesso em 26 jan. 2017.

SITIÊ. Disponível em: <<http://www.parquesitie.org>>. Acesso em 23 ago. 2016.

SOBARZO MIÑO, O. A. S. **A segregação socioespacial em Presidente Prudente**: análise dos condomínios horizontais. 1999. 213 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - FCT/UNESP, Presidente Prudente.

SOUZA, C.J. **Novos loteamentos, antigas demandas**: transformações e permanências na área urbana norte de Presidente Prudente – SP. 1999. 96 f. Graduação (Graduação em Geografia) – FCT/UNESP, Presidente Prudente.

SOUZA, M. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 1. ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2013.

SPÓSITO, M. E. B. **O chão em Presidente Prudente**: a lógica da expansão territorial urbana. 1983. 230 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Rio Claro: UNESP.

STOQUI, V. B.; VILELA, A. P. A. Estudos prévios para a caracterização socioambiental da área da Mata do Furquim localizada no perímetro urbano de Presidente Prudente - SP. In: II Seminário Nacional de Integração da Graduação e Pós-Graduação em Geografia, XVI Semana de Geografia, XI Encontro de Estudantes de Licenciatura em Geografia, 2015, Presidente Prudente. **Caderno de Geografia (Anais)**, 2015. v. 1. p. 206-215.

TELLA, G.; AMADO, J. **O Papel das ruas compartilhadas**: Como recuperar a qualidade de vida no espaço público / Guillermo Tella e Jorge Amado. 30 Ago 2016. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/794322/o-papel-das-ruas-compartilhadas-como-recuperar-a-qualidade-de-vida-no-espaco-publico-guillermo-tella-e-jorge-amado>>. Acesso em 17 set. 2016.

THE Warp / Olivier Ottevaere & John Lin + The University of Hong Kong. 06 ago 2015. Disponível em: <<http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/771463/the-warp-olivier-ottevaere-and-john-lin-plus-the-university-of-hong-kong>>. Acesso 10 maio 2016.

URBAN Redevelopment of the Plaza del Milenio / EXP architects. 29 Oct 2011. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/177567/urban-redevelopment-of-the-plaza-del-milenio-exp-architects/>>. Acesso em 1 fev. 2017.

URBANIZAÇÃO do Complexo Cantinho do Céu / Boldarini Arquitetura e Urbanismo. 04 dez 2013. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/157760/urbanizacao-do-complexo-cantinho-do-ceu-slash-boldarini-arquitetura-e-urbanismo>>. Acesso em 23 ago. 2016.

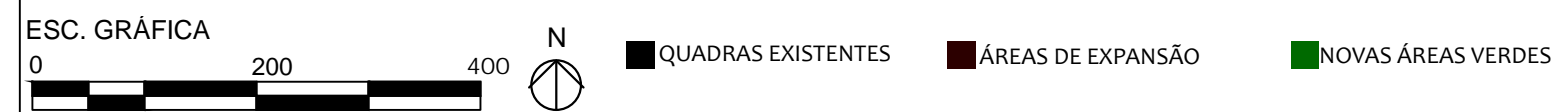
VALENCIA, N. Comienza construcción en Ecuador de sendero ecológico diseñado por Estudio 685. 29 jan 2016. Disponível em: <<http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/781084/estudio-685-comienza-construccion-de-sendero-ecologico-en-ecuador>>. Acesso em 11 maio 2016.

VIEIRA et al. **Análise preliminar do aspecto sucessional e sua fauna da Mata do Furquim “Parque Ecológico Chico Mendes” em Presidente Prudente – SP**. 2015. Presidente Prudente.

WALL, E.; WATERMAN, T. **Desenho Urbano**. 1. ed. Porto Alegre : Bookman, 2012. pg. 50-51.



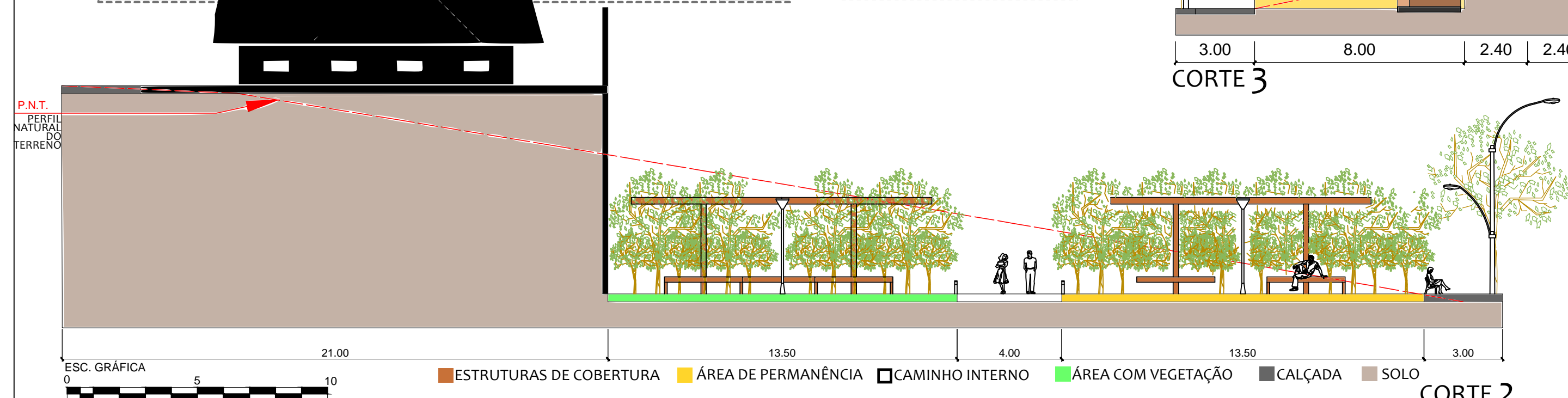
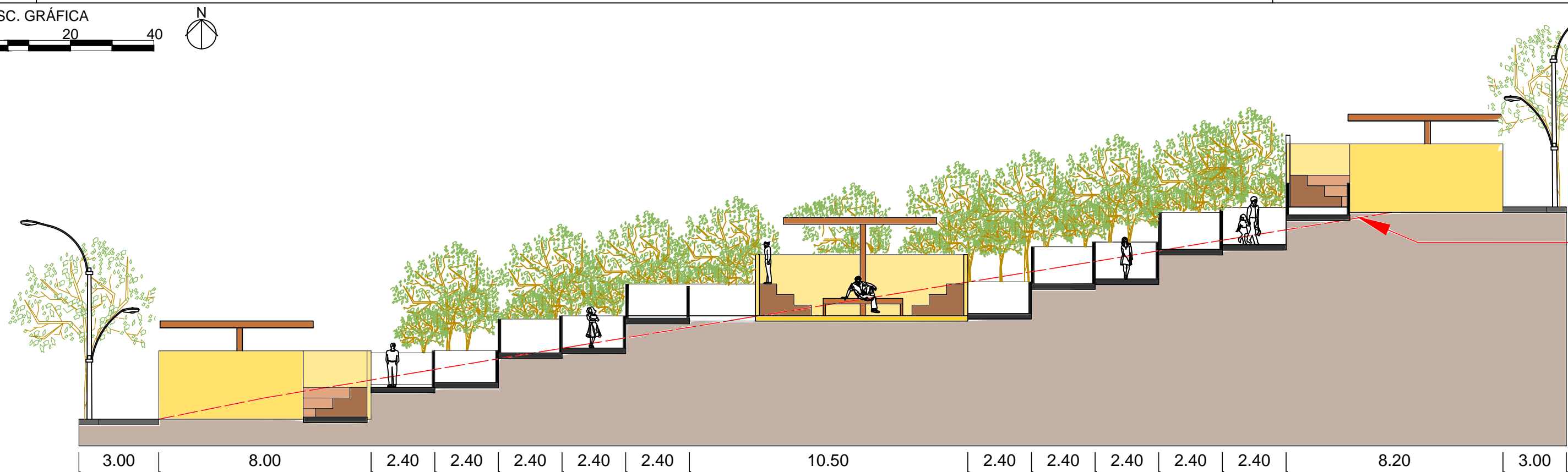
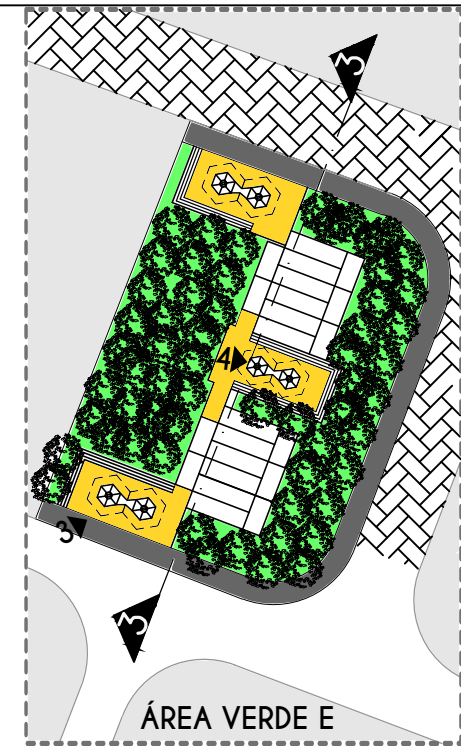
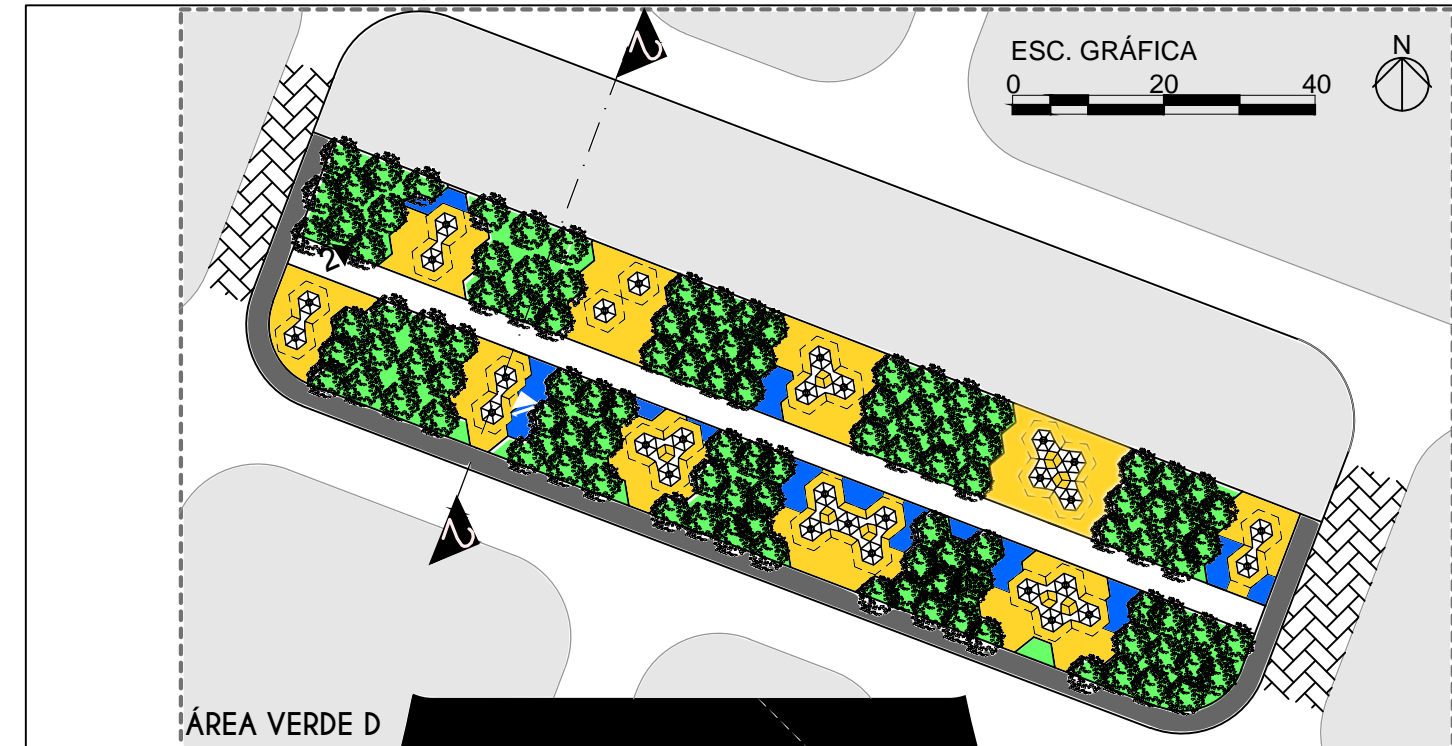
# PRANCHAS



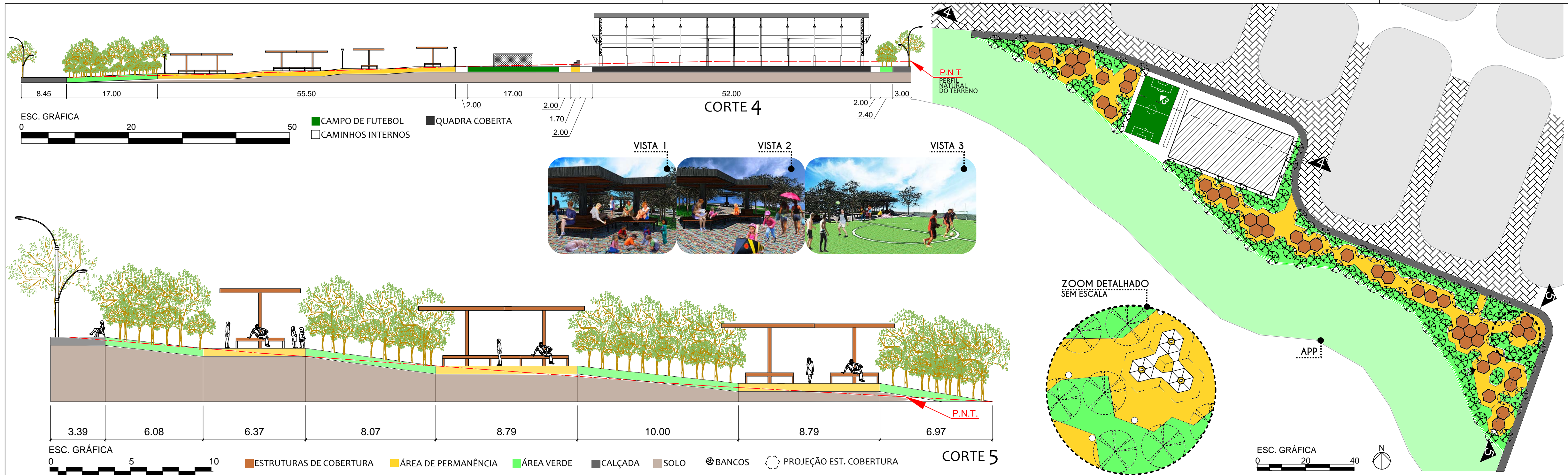
LOCALIZAÇÃO DAS INTERVENÇÕES  
 DETALHES EST. DE PERMANÊNCIA

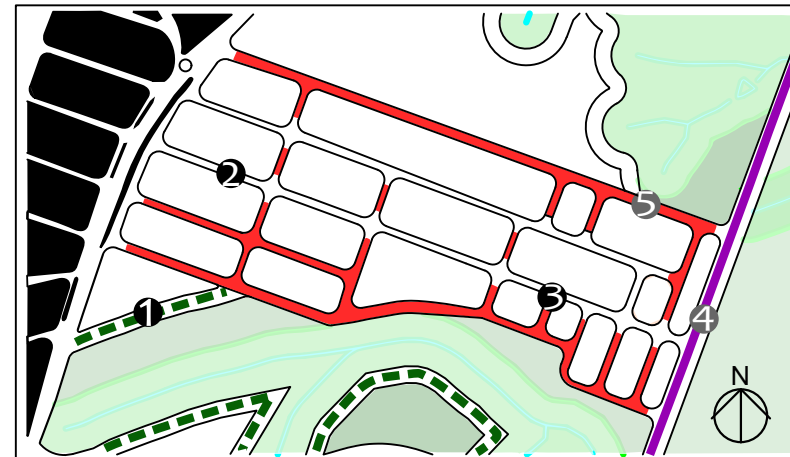
01- IMPLANTAÇÃO GERAL





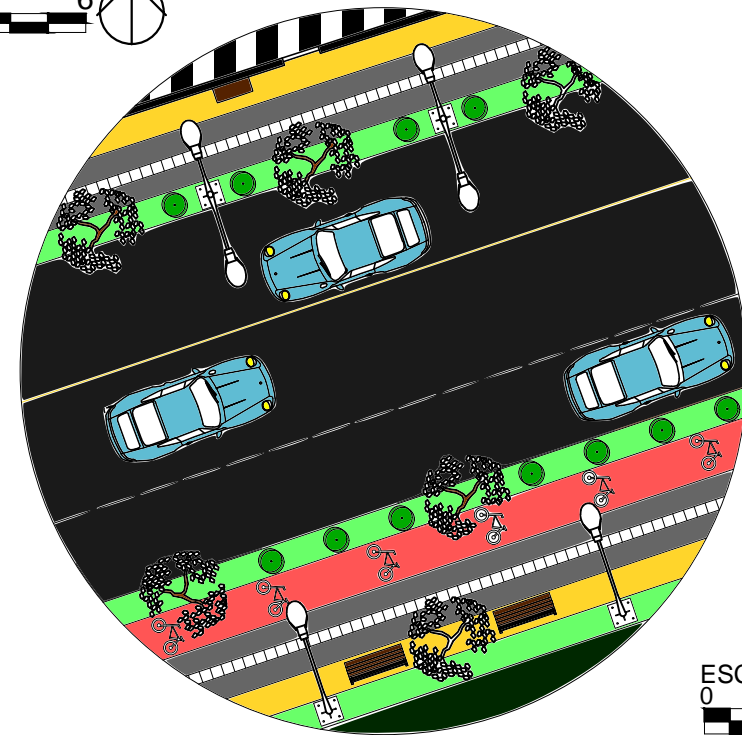
03-ÁREA VERDE DE  
 IMPLANTAÇÃO D e E  
 CORTE 2 e CORTE 3



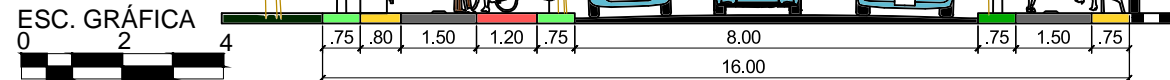


- RUAS COMPARTILHADAS
- RUAS PRINCIPAIS
- FAIXA DE SERVIÇO
- VIA MARGINAL
- VIA COLETORA
- FAIXA LIVRE
- PONTO DE ÔNIBUS
- FAIXA DE ACESSO E PERMANÊNCIA
- SEM ESCALA
- PISO TÁTIL
- CICLOFAIXA
- ÁREA VERDE

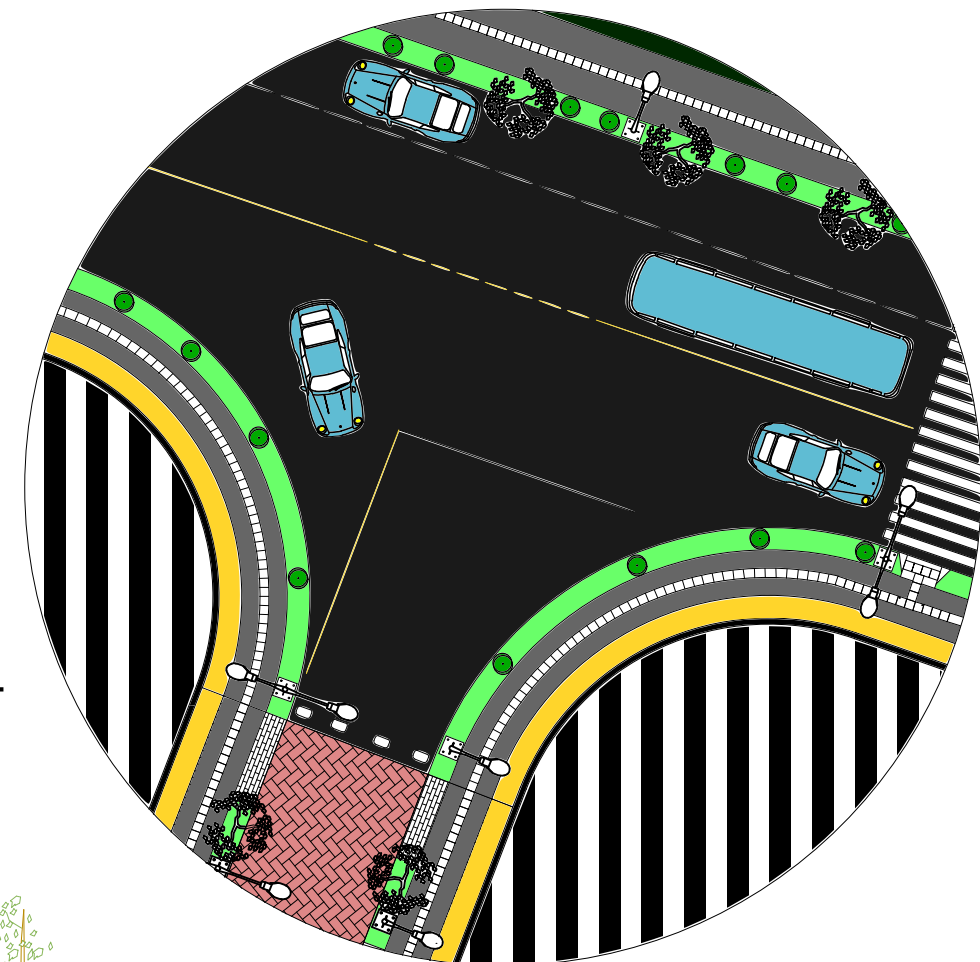
ESC. GRÁFICA  
0 3 6



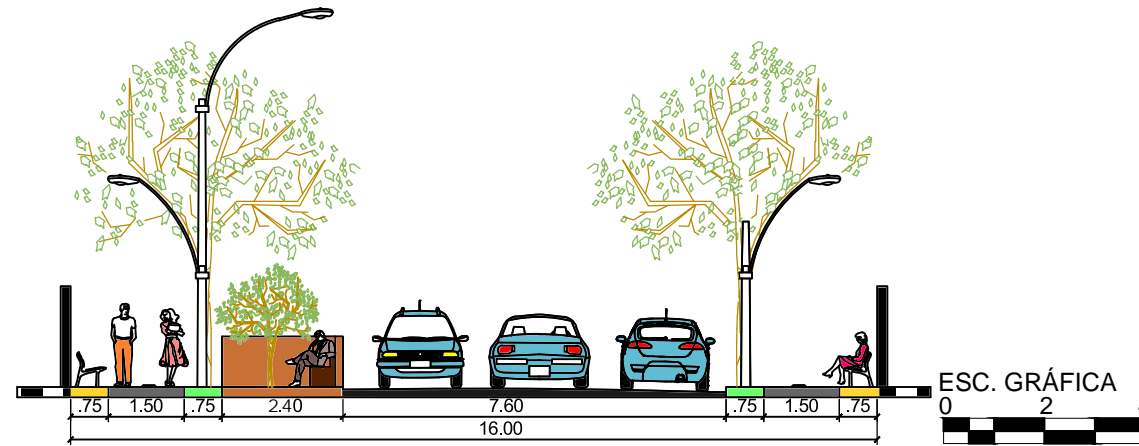
### 1- VIA MARGINAL



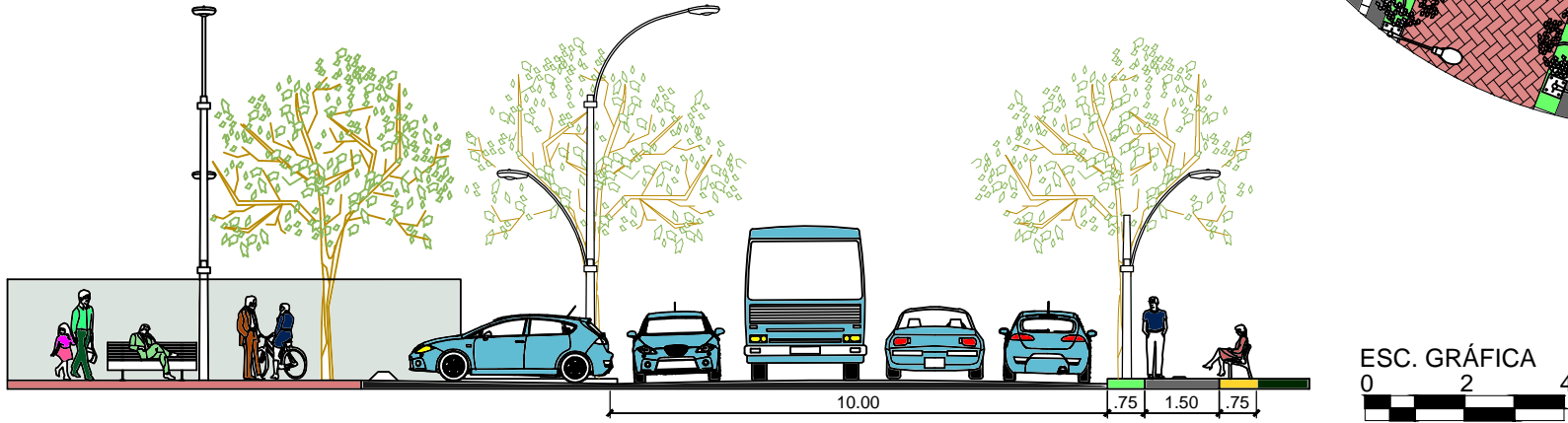
ESC. GRÁFICA  
0 5 10



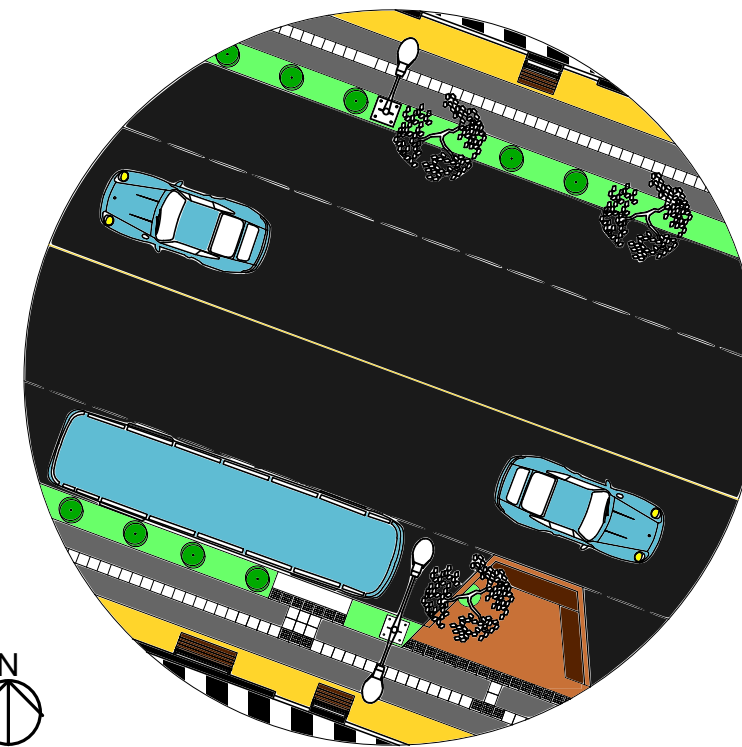
### 2- VIA PRINCIPAL

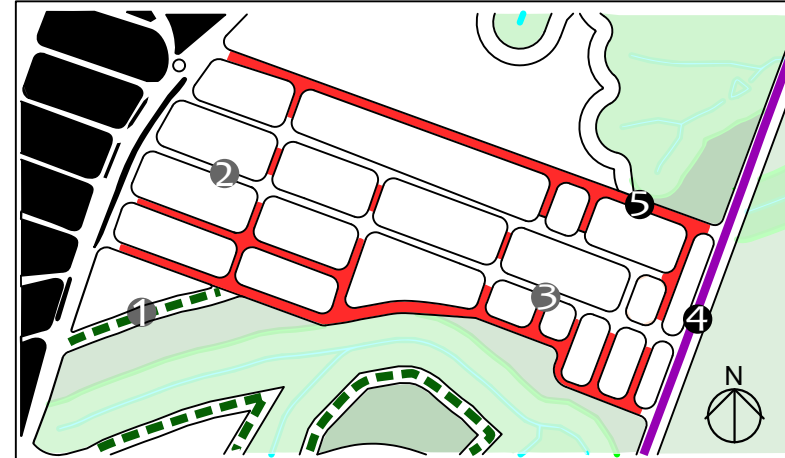


### 3- CRUZAMENTO



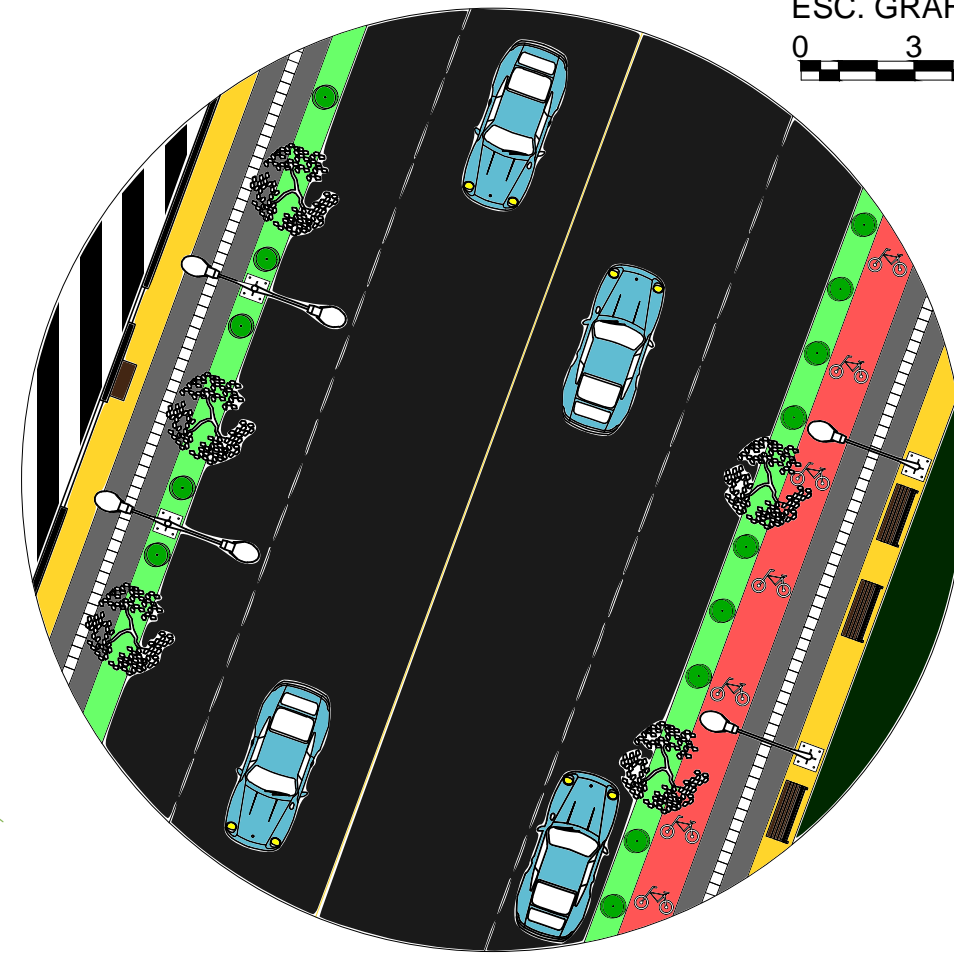
ESC. GRÁFICA  
0 3 6





- RUAS COMPARTILHADAS
- RUAS PRINCIPAIS
- FAIXA DE SERVIÇO
- || ÁREA RESIDENCIAL
- VIA MARGINAL
- VIA COLETORA
- FAIXA LIVRE
- ÁREA VERDE
- SEM ESCALA
- PISO TÁTIL
- CICLOFAIXA
- FAIXA DE ACESSO E PERMANÊNCIA

### 4- VIA COLETORA



### 5- VIA COMPARTILHADA

